

A DANÇA CÓSMICA DAS FEITICEIRAS

STARHAWK

Capítulo 2

A visão de Mundo da Feitiçaria

(scaneado por Laerte)

GRUPO DE ESTUDO VIRTUAL

Owner: Magali

Lista de Discussão – Empório Wicca

Entre os Mundos

CRIAÇÃO

Solitária, majestosa, plena em si Mesma, a Deusa, Ela, cujo nome não pode ser dito, flutuava no abismo da escuridão, antes do início de todas as coisas. E quando Ela mirou o espelho curvo do espaço negro, Ela viu com a sua luz o seu reflexo radiante e apaixonou-se por ele. Ela induziu-o a se expandir devido ao seu poder e fez amor consigo mesma e chamou Ela de "Miria, a Magnjica

O seu êxtase irrompeu na única canção de tudo que é, foi ou será, e com a canção surgiu o movimento, ondas que jorravam para fora e se transformaram em todas as esferas e círculos dos mundos. A Deusa encheu-se de amor, que crescia, e deu à luz uma chuva de espíritos luminosos que ocuparam os mundos e tornaram-se todos os seres.

Mas, naquele grande movimento, Miria foi levada embora, e enquanto Ela saía da Deusa, tornava-se mais masculina. Primeiro, Ela tornou-se o Deus Azul, o bondoso e risonho deus do amor. Então, transformou-se no Verde, coberto de vinhas, enraizado na terra, o espírito de todas as coisas que crescem. Por fim, tornou-se o Deus da Força, o Caçador, cujo rosto é o sol vermelho mas, no entanto, escuro como a morte. Mas o desejo sempre o devolve à Deusa, de modo que ele a Ela circula eternamente, buscando retornar em amor.

Tudo começou em amor; tudo busca retornar em amor. O amor é a lei, mestre da sabedoria e o grande revelador dos mistérios.

"A idéia dos sioux sobre as criaturas vivas é a de que as árvores, o búfalo e os homens são espirais de energia temporária, padrões de turbulência... esse é um reconhecimento intuitivo e primitivo da energia como uma qualidade da matéria. Mas esse é um insight antigo, sabe-se extremamente antigo - provavelmente o insight de um xamã paleolítico. Essa percepção encontra-se registrada de várias maneiras no saber primitivo e arcaico. Diria que esta é, provavelmente, o insight fundamental da natureza das coisas, e que a nossa visão ocidental, recente e mais comum, sobre o universo como sendo constituído de coisas fixas está fora da direção principal, um afastamento da percepção humana fundamental."

Gary Snyder'

A mitologia e a cosmologia da Bruxaria estão enraizadas naquela "intuição de um xamã paleolítico": a de que todas as coisas são espirais de energia, vórtices de forças em movimento, correntes em um mar sempre em mutação. Subjacente à aparência de isolamento, de objetos fixos em um curso linear de tempo, a realidade é um campo de energias que se solidifica, temporariamente, em formas. Com o tempo, todas as coisas "fixas" se dissolvem, apenas para se fundirem novamente em novas formas, novos veículos.

Esta visão do universo como uma interação de forças em movimento - a qual, incidentalmente, corresponde, em um grau surpreendente, aos pontos de vista da física moderna - é o produto de um tipo muito especial de percepção. A consciência comum que desperta vê o mundo como sendo fixo; ela focaliza uma coisa de cada vez, isolando-a do entorno, um pouco como ver uma floresta escura com o auxílio de

um estreito raio de luz que ilumina uma só folha ou uma pedra solitária. A consciência extraordinária, a outra modalidade de percepção, é ampla, holística e indiferenciada, enxerga padrões e relacionamentos no lugar de objetos fixos. É a modalidade da luz das estrelas: pálida e prateada, revelando o jogo de rumos entre laçados e a dança das sombras, sentindo caminhos como espaços no todo.

Os aspectos mágicos e psíquicos da Arte estão relacionados ao 1º despertar da visão da luz das estrelas - como eu gosto de chamá-la - e em treiná-la para que seja um instrumento útil. A mágica não é um assunto sobrenatural; é, na definição de Dion Fortune, "a arte de mudar a consciência pela vontade", ligar e desligar a lanterna, selecionar detalhes, enxergar através das estrelas.

A consciência comum é altamente valorizada na Arte, mas as bruxas estão cientes das suas limitações. Ela é, em um certo sentido, um padrão através do qual enxergamos o universo, um sistema e classificação culturalmente transmitida. Existem infinitas maneiras de encarar o mundo; a "outra visão" nos liberta dos limites da nossa cultura.

"Nossos semelhantes são os magos negros", diz Dom Juan, o xamã iaque, ao seu discípulo Castaneda em *Porta para o Infinito*.

Pense um pouco. Você é capaz de desviar-se do caminho que eles traçaram para você? Não. Seus atos e pensamentos estão para sempre fixos em suas palavras. Eu, por outro lado, trouxe a liberdade até você. A liberdade é cara, mas o preço não é impossível. Portanto, tema os seus captores, seus mestres. Não perca seu tempo e poder temendo a mim."³

Em Feitiçaria, o "preço da liberdade" é, acima de tudo, disciplina e responsabilidade. A visão da luz das estrelas é um potencial inerente a cada um de nós, mas muito trabalho é necessário para desenvolvê-la e treiná-la. Poderes e habilidades adquiridos através de uma percepção mais aguçada também devem ser utilizados de maneira responsável; caso contrário, como o anel de Sauron (em *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien), eles destruirão os seus possuidores, aqueles que desejam libertar-se devem também estar dispostos a se afastarem ligeiramente dos ditames da sociedade, se necessário for. Na cultura ocidental moderna, artistas, poetas e visionários, não levando em conta bruxos, místicos e xamãs, encontram-se, com frequência, um tanto alienados de sua cultura, o que gera uma tendência a desvalorizar os bens incorpóreos em favor dos frutos sólidos e monetários do sucesso.

Mas o preço final da liberdade é a disposição de encarar a mais assustadora de todas as coisas - nós mesmos. A visão da luz das estrelas, "a outra maneira de saber", é a modalidade de percepção do inconsciente, e não a da mente consciente. As profundezas de nosso ser não são todas ensolaradas; para enxergarmos claramente é preciso que estejamos dispostos a dar um mergulho no abismo interior e escuro, e tomar conhecimento das criaturas que porventura lá encontraremos. Pois, como explica a analista junguiana M. Esther Harding, em *Woman's Mysteries*, "esses fatores subjetivos(...) são fortes entidades psíquicas, pertencem à totalidade de nosso ser, não podem ser destruídos. Enquanto permanecerem proscritos, não aceitos por parte de nossa vida consciente, interferirão entre nós e os objetos que percebemos e todo o nosso universo tornar-se-á ou distorcido ou iluminado. 1,4

Talvez a maneira mais convincente de apresentar a concepção do self da Arte seja a de examinar alguns dos achados experimentais mais recentes de biólogos e psicólogos.* Robert Ornstein, em *The Psychology of Consciousness*, descreve experiências realizadas com indivíduos epiléticos e com danos cerebrais, demonstrando que os dois hemisférios do cérebro parecem especializar-se, precisamente, nos dois tipos de consciência acima discutidos. "O hemisfério esquerdo (ligado ao lado direito do corpo) está envolvido, predominantemente, com o pensamento lógico-analítico, em especial em funções verbais e matemáticas. Sua modalidade de operação é basicamente linear. Esse hemisfério aparenta processar informações em seqüência." Tal como o nosso raio de luz de lanterna, ele focaliza um

assunto de cada vez, excluindo os outros. Ele percebe o mundo como sendo composto de coisas separadas, as quais podemos temer ou desejar e que podem ser manipuladas para se adequarem aos nossos propósitos. "Parece que ele foi desenvolvido com o propósito básico de garantir a sobrevivência biológica.

"O hemisfério direito (lembre-se, novamente, associado ao lado esquerdo do corpo) parece especializado para a mentalização holista. Sua capacidade lingüística é bastante limitada. Esse hemisfério é basicamente responsável pela nossa orientação espacial, atividades artísticas, destreza, imagem corporal e reconhecimento de rostos. Ele processa a informação de maneira mais difusa que o hemisfério esquerdo e as suas responsabilidades exigem imediata integração de várias energias ao mesmo tempo." Esta é a visão da luz das estrelas, a qual percebe o universo como uma dança de energia em movimento, que "não postulam duração, um futuro ou um passado, uma causa ou um efeito, mas um todo modelar, 'atemporal'." Este tipo de percepção é vital para a criatividade. Conforme afirma Anton Ehrenzweig em *The Hidden Order of Art*, "a com-

Complexidade de qualquer obra de arte, por mais simples que seja, supera de longe os poderes da atenção consciente que, com seu enfoque preciso, consegue atender somente a uma coisa de cada vez. Apenas a extrema indiferenciação da visão inconsciente é capaz de perceber essas complexidades. Ela pode apreendê-las com um olhar único e não concentrado e tratar figura e fundo com a mesma imparcialidade".

O exercício a seguir, usado para treinar artistas, é útil para aprender a experimentar o tipo de percepção acima descrito.

EXERCÍCIO 1: EXPERIÊNCIA DA SOMBRA

Pegue uma folha de papel em branco e um lápis macio ou um bastão de carvão. Sente-se e observe uma cena que lhe pareça interessante. Esqueça nomes, objetos e coisas, observe somente o jogo de luz e sombra sobre várias formas. Cubra as sombras, não com linhas mas com traços largos. Não se distraia com as cores presentes; não se preocupe em reproduzir "coisas". Deixe que as partes ensombradas criem as formas. Utilize pelo menos dez minutos neste exercício. lembre-se, o objetivo não é o de criar um "bom" desenho ou constatar seu talento artístico (ou a sua ausência); a meta é experimentar outra maneira de ver, na qual objetos separados desaparecem e somente padrões permanecem.

Pessoas menos preparadas visualmente poderão sentir-se mais confortáveis com o próximo exercício.

EXERCÍCIO 2: EXPERIÊNCIA DO RITMO

Feche os olhos. Ouça os sons ao redor, esquecendo-se daquilo que eles representam. Torne-se consciente, apenas, do vasto ritmo que eles criam. Mesmo na cidade, esqueça que os sons variados são carros que passam, martelos de trabalhadores, passos, pardais, caminhões, portas batendo - atenha-se somente ao padrão orgânico e intrincado no qual cada um é uma batida separada.

Como já foi dito, ambas as modalidades de percepção são valorizadas na Arte, mas a visão holística do hemisfério direito é considerada como estando mais em contato com a realidade subjacente que a visão linear do hemisfério esquerdo. Esta visão é produzida por experiências com biofeedback (biorrealimentação) que propicia às pessoas informação visual sobre os seus processos corporais involuntários, permitindo-lhes monitorá-los e, finalmente, controlar funções como batidas cardíacas e ondas cerebrais. Barbara Brown, em *New Mind, New Body*, descreve experimentos mostrando que muito antes do reconhecimento consciente, o corpo e sua subestrutura subconsciente reconhecem e avaliam o que ocorre no ambiente." Indivíduos foram monitorados enquanto palavras "impróprias" apareciam em flashes numa tela, rápido o bastante para não serem reconhecidas conscientemente. A pele, ritmo cardíaco,

ondas cerebrais e músculos mostravam reações às palavras "invisíveis". O subconsciente é capaz de responder corretamente à realidade mesmo quando informações errôneas são fornecidas pela mente consciente. Em um experimento, foi dito aos experimentados que eles receberiam uma série de choques de intensidade variada. Conscientemente, eles perceberam que os choques tornavam-se mais fracos; na realidade, os choques eram da mesma intensidade. Reações na pele provaram que o subconsciente não se enganara: os monitores registraram exatamente a mesma resposta da pele em cada choque, mesmo quando a reação consciente era diferente' .

Na tradição das Fadas da Feitiçaria, a mente inconsciente é chamada de o self mais jovem; a mente consciente é chamada de self discursivo. Visto que eles funcionam através de diferentes tipos de percepção, a comunicação entre os dois é difícil. É como se falassem línguas diferentes.*

É o self mais jovem que diretamente experimenta o mundo, através da percepção holística do hemisfério direito. Sensações, emoções, energias essenciais, memória de imagens, intuição e percepção difusa são funções do self mais jovem. A sua compreensão verbal é limitada; ele se comunica através de imagens, emoções, sensações, sonhos, visões e sintomas físicos. A psicanálise clássica foi desenvolvida a partir das tentativas de interpretar o discurso do self mais jovem. A Feitiçaria não só interpreta mas ensina como devemos nos comunicar com o self mais jovem.

O self discursivo organiza as impressões do self mais jovem, nomeia-as e as classifica em sistemas. Como seu nome implica, ele funciona através da consciência analítica e verbal do hemisfério esquerdo. Nele também está contido o conjunto de normas verbalmente compreendidas que nos estimulam a fazer julgamentos sobre o que é certo e errado, O self discursivo comunica-se através de palavras, conceitos abstratos e números.

Na tradição das fadas, um terceiro self é reconhecido: o self profundo ou self deus, que não encontra correspondência adequada em nenhum conceito psicológico. O self profundo é o divino dentro de nós, a essência máxima e original, o espírito que existe além do tempo, espaço e matéria. É nosso nível mais profundo de sabedoria e compaixão e é concebido como masculino e feminino, dois sentidos de consciência unidos como um. Ele é, com frequência, simbolizado como duas espirais unidas ou como o sinal da infinidade, oito deitado. Na tradição das fadas, é chamado de Dian Y Glas, o Deus Azul. Azul simboliza o espírito; dizia-se que o self profundo aparecia azul quando psicicamente visto". Os pictos pintavam-se de azul com anil, segundo nossas tradições, a fim de se identificarem com o self profundo. "Dian" está relacionado tanto a Diana quanto a Tana, o nome das fadas para a Deusa; também a Janicot, nome basco para o Deus da Força e aos nomes de batismo João e Joana, que Margaret Murray documenta como sendo populares em famílias de bruxos.

No judaísmo esotérico da cabala, o self profundo é conhecido como Neshamah, da raiz shmh, "escutar ou ouvir": Neshamah é Aquela Que Ouve, o espírito que nos inspira e guia. No ocultismo moderno, o self profundo frequentemente aparece como o guia do espírito, às vezes de maneira dual, como no relato de John C. Lilly suas experiências com LSD em um depósito isolado, onde declara ter encontrado dois seres prestativos: "Eles dizem que são meus guardiões, que já haviam estado comigo antes em momentos críticos e que, na verdade, eles estão comigo sempre, mas que normalmente eu não me encontro em situação de percebê-los. Estou em condições para percebê-los quando próximo à morte do corpo. Nesse estado o tempo não existe. Há uma percepção imediata do passado, presente e futuro, como se todos fizessem parte do momento presente.

Lilly descreve a percepção holística do hemisfério direito, assim, ida ao self mais jovem. A tradição das fadas ensina que o self profundo está ligado ao self mais jovem e não diretamente associado ao self discursivo. Felizmente, não é necessário que estejamos quase mortos para percebermos o self profundo, uma vez que tenhamos aprendido o truque da comunicação. Não é a mente consciente, com os seus conceitos abstratos, que se comunica com o divino; é a mente inconsciente, o self mais jovem que responde somente às imagens, desenhos, sensações e percepções. Para nos comunicarmos com o self profundo, a Deusa/Deus Dentro de Nós, recorreremos aos símbolos, à arte, poesia, música, mito e aos atos rituais que traduzem conceitos abstratos para uma linguagem do inconsciente.

O self mais jovem - pode ser tão teimoso e obstinado quanto a mais impertinente das crianças aos três anos de idade - não se impressiona pelas palavras. Incrédulo como se diz dos naturais do Missouri, ele quer ser mostrado. Para despertar o seu interesse, devemos seduzi-lo com bonitas imagens e sensações prazerosas, como se fôssemos levá-lo para jantar e dançar. Somente deste modo o self mais profundo pode ser alcançado. Por essa razão, verdades religiosas não têm sido expressadas, através dos tempos, como fórmulas matemáticas, mas na arte, música, dança, teatro, poesia, narrativas e rituais. Como afirma Robert Graves: "Os princípios religiosos, em uma sociedade saudável, são mais bem executados por tambores, luar, jejum, dança, máscaras, flores, possessão divina. " "

A Feiticeira não possui um livro sagrado. Seu compromisso não é com o verbo do evangelho de João, mas com o poder da ação simbólica que revela a percepção da luz das estrelas do self mais jovem e abre livre fluxo de comunicação entre os três selves de uma só vez. Os mitos e narrativas que nos foram passados não são dogmas para serem compreendidos literalmente, do mesmo modo que não devemos tomar literalmente a declaração "meu amor é como uma rosa vermelha". Eles são poesia, não teologia, destinados a se comunicarem com o self jovem, conforme as palavras de Joseph Campbell, Cta tocar e estimular centros vitais que estão além do alcance dos vocabulários da razão e coerção."

Aspectos dos rituais de bruxaria podem, por vezes, parecer absurdos a pessoas muito sérias, que falham em perceber que o objetivo do ritual é o self mais jovem. O senso de humor, de divertimento, são frequentemente a chave para desencadear os estados mais profundos da consciência. Parte do "preço da liberdade", portanto, 'é a disposição para se divertir, libertarmo-nos de nossa dignidade

de adultos, parecermos tolos, de rir por nada. A criança faz de conta que ela é uma rainha; sua cadeira transforma-se em um trono. Uma feiticeira faz de conta que a sua vara tem poderes mágicos e ela torna-se um canal de energia.

O equilíbrio, obviamente, é necessário. Há uma diferença entre magia e psicose e essa diferença está em manter a capacidade de recuar, pela vontade, para a consciência comum, de voltar à percepção, como costumava afirmar meu professor de programa de saúde no curso secundário, no auge da era psicodélica: "Realidade é quando você pula do telhado e quebra a perna." As drogas podem proporcionar a percepção holística do self mais jovem, mas muitas vezes à custa do julgamento de sobrevivência do self discursivo: se "brincamos" de voar no corpo, podemos despedaçar o fêmur. Todavia, a percepção treinada não se desentende com a realidade comum; ela vai mais além, através do espírito, e ganha intuições e percepções que podem ser, posteriormente, comprovados pelo self discursivo.

O humor e as brincadeiras despertam a sensação de encanto, a atitude essencial da Feiticeira para perceber o mundo. Por exemplo, ontem à noite meu coven realizou um

ritual na véspera de 1º de maio, o May Eve, onde a principal ação consistia em enrolar as fitas em um maypole e tecer nelas aquelas coisas que desejávamos tecer em nossas vidas. Em lugar do mastro, usamos um cordão central e, ao invés de fitas, tínhamos fios de linhas coloridas, presas por um gancho central no teto de nossa sala de reunião. Também tínhamos onze pessoas no círculo. Sabíamos perfeitamente bem, é claro, que é impossível entrelaçar um maypole com um número ímpar de pessoas, mas não queríamos deixar ninguém de fora. Portanto, com jovial pouco caso quanto à realidade comum, seguimos em frente.

O resultado, para início de conversa, foi de caos e confusão. rodos ríamos enquanto rodávamos, criando um emaranhado com as linhas. Lembrava pouco uma cena de poder místico; um mágico teria empalidecido e tomado de sua vara imediatamente. Mas algo singular passou a acontecer quando prosseguimos. O riso transformou-se em um estranho clima, como se a realidade comum estivesse desaparecendo. Nada existia além da interação de fios coloridos e corpos em movimento. Os sorrisos que apareciam e esvaneciam começaram a se parecer com os misteriosos sorrisos das arcaicas estátuas gregas, indicando o maior e mais engraçado dos mistérios.

Começamos a cantar; nos movimentávamos ritmicamente e um padrão desenvolveu-se na dança, nada que pudesse ser traçado ou planejado racionalmente; era um padrão com um elemento adicional que sempre, e inevitavelmente, desafiaria uma explicação. O emaranhado de linhas virou um cordão complexamente entrelaçado. A canção tornou-se um cântico; a sala irradiava e o cordão pulsava com energia como se fosse vivo, um umbigo que nos ligava a tudo o que está dentro de nós e além. Por fim, o cântico atingiu um pico e morreu; caímos em transe. Quando acordamos, todos juntos, simultaneamente, nos entreolhamos maravilhados.

O mito da criação que dá início a este capítulo claramente expressa a atitude de encanto para com o mundo, que é divino e para o divino, que é o mundo.*

No princípio, a Deusa é Tudo, virgem, significando completa em si mesma. Apesar de ser chamada de Deusa, Ela poderia, igualmente, ser chamada de Deus - o sexo não tendo ainda existência. Assim sendo, não há separação, não há divisão, nada a não ser a unidade primeira. No entanto, a natureza da maneira de ser é enfatizada, pois o processo de criação que está prestes a ocorrer é um processo de nascimento. O universo nasceu, não-feito e não ordenado para ser.

A Deusa vê o seu reflexo no espelho curvo do espaço, que pode ser um insight mágico na forma do universo, o espaço curvo da física moderna. O espelho é um atributo antigo da Deusa, de acordo com Robert Graves, em sua forma como a "antiga deusa pagã do mar, Marian... Miriam, Mariamne, Myrrhine, Myrtea, Myrrha, Maria ou Marina, protetoras dos poetas e amantes e mãe orgulhosa do Arqueiro do Amor... Um disfarce comum dessa mesma Marian é o de "donzela feliz", como "sereia", conforme o uso - uma linda mulher com um espelho redondo, um pente de ouro e rabo de peixe - expressa 'A Deusa do Amor surge do mar'. Cada iniciado dos mistérios eleusínios que eram de origem pelásgia (o povo matrial, 'do mar', nativo da Grécia), era submetido a um ritual de amor com seu representante, após tomar um banho de caldeirão... o espelho também fazia parte do mobiliário sagrado dos mistérios e, provavelmente, era equivalente ao 'Conhece-te a ti mesmo'." A mesma sereia/mãe do oceano é chamada de Yemaya na África ocidental e de Iemanjá no Brasil.

A água é o espelho original; a imagem é também aquela da lua flutuando sobre o mar escuro, mirando seu reflexo nas ondas. Um eco débil pode ser ouvido na abertura do gênese: "A terra era informe e vazia e o espírito de Deus flutuava sobre a água."

Há ainda um outro aspecto referente ao espelho: uma imagem de espelho é uma imagem ao contrário, a mesma, mas oposta, a polaridade inversa. A imagem expressa o paradoxo: todas as coisas são uma só, no entanto cada coisa é separada, individual, única. Religiões orientais tendem a focar a primeira parte do paradoxo, mantendo o ponto de vista de que, na realidade, todas as coisas são uma só e que separação e individualidade são ilusões. Religiões ocidentais enfatizam a individualidade e tendem a perceber o universo como composto de coisas fixas e separadas. O ponto de vista ocidental tem a tendência a estimular o esforço e envolvimento individual COM o mundo; a concepção oriental encoraja o recolhimento, a contemplação e a compaixão. A feiticeira sustenta a verdade do paradoxo e enxerga cada ponto de vista como sendo igualmente válido. Eles se refletem e se complementam; não se contradizem. O universo das coisas separadas é o reflexo do único; o único é o reflexo da miríade de coisas separadas do mundo. Somos todos "espirais" da mesma energia; entretanto, cada espiral é única em sua forma e padrão.

A deusa apaixona-se por si mesma, suscitando a sua própria emanção, que passa a ter existência própria. O amor do "self pelo self é a força criativa do universo. O desejo é a energia primordial esta energia é erótica: a atração entre o amador e o amado, do elétron e a estrela, do elétron pelo próton. O amor é o laço que mantém o mundo unido.

Eros cego, todavia, torna-se amor," o amor que, na terminologia de Joseph Campbell, é pessoal, direcionado ao indivíduo, mais do que à caridade assexuada e universal do agape ou desejo sexual indiscriminado. O reflexo da Deusa toma o seu próprio ser e lhe dá um nome. Amor não é somente uma força energizante, mas uma força individualizante. Ele dissolve a separação e, no entanto, cria individualidade. Ele é, novamente, o paradoxo primordial.

Miria, "a admirável", é obviamente Marian-Miriam-Mariamne, ie é também Mari, a forma de lua cheia da deusa na tradição das iras. A sensação de encantamento, de alegria e deleite no mundo interior é a essência da bruxaria. O mundo não é uma criação imperfeita, algo do qual devemos escapar, buscando salvação ou redenção. Independentemente de como ele se apresenta dia-a-dia, pela natureza de seu ser mais profundo, ele nos enche de maravilhamento.

O êxtase divino torna-se a fonte da criação, e a criação é um processo orgásmico. Êxtase encontra-se no cerne da Feiticeira: no ritual, revertemos o paradoxo e tornamos-nos a Deusa, dividindo a alegria primitiva e pulsante da união. "A característica fundamental do xamanismo é o êxtase", segundo Mircea Eliade, e apesar de ele interpretar este estado um tanto limitadamente como sendo "o espírito abandonando o corpo", admite que, "provavelmente, a experiência extática em seus vários aspectos, é coexistente à condição humana, no sentido de que é parte integral daquilo que é conhecido como a aquisição da consciência do homem em sua maneira específica de ser no mundo. O xamanismo não é somente uma técnica de êxtase; sua teologia e filosofia dependem, enfim, do valor espiritual que é outorgado ao êxtase." A Feiticeira é uma religião xamanística e o valor espiritual depositado no êxtase é alto. É a fonte da união, da cura, da inspiração criativa e da comunhão com o divino - independentemente se estas são encontradas no centro do círculo de um coven, na cama com nosso amado ou no meio da floresta, reverentes e maravilhados diante da beleza natural do mundo.

O êxtase proporciona harmonia, a "música das esferas". Música é uma expressão simbólica da vibração, que é uma qualidade de todos seres. Físicos informam que os átomos e moléculas de todas as coisas, desde um gás instável até o rochedo de Gibraltar, estão em constante movimento. Subjacentes a este movimento existe uma

ordem, uma harmonia que é inerente a todos os seres. A matéria canta por sua própria natureza.

A canção é conduzida por ondas que se tornam esferas. As ondas são as ondas do orgasmo, ondas leves, ondas do oceano, elétrons pulsantes, ondas de som. As ondas formam esferas assim como gases espiralados formam estrelas. É um insight básico da Feitiçaria de que a energia, se física, psíquica ou emocional, movimenta-se em ondas, em ciclos que em si mesmos são espirais. (Uma maneira fácil de visualizar isso é tomar emprestado de uma criança um brinquedo conhecido como "moia" - uma espiral de metal muito fino. Quando esticada e vista de lado, as espirais parecem-se muito claramente com formas onduladas.)

A Deusa enche-se de amor e dá à luz uma chuva de espíritos brilhantes, uma chuva que desperta a consciência para o mundo assim como a umidade provoca o verdejar na terra. A chuva é o frutificante sangue menstrual, o sangue da lua que alimenta a vida, assim como as águas rompantes anunciam o nascimento, o extático dando lugar à vida.

O movimento e a vibração tornam-se tão intensos que Miria é levada para longe. À medida que ela se distancia do ponto de união, torna-se mais polarizada, mais diferenciada, mais homem. A Deusa projetou-se; seu self projetado torna-se o outro, seu oposto, que eternamente ansia por uma conciliação. As diferenças despertam o desejo, que luta contra a força centrífuga da projeção. O campo de energia do cosmos torna-se polarizado; torna-se um condutor de forças que se manifestam em direções opostas.

A concepção do todo como um campo energético polarizado por duas grandes forças, macho e fêmea, deusa e deus, que essencialmente são aspectos do seu oposto, é comum a quase todas as tradições da Arte. A tradição diânica, todavia, apesar de reconhecer o Princípio masculino, delega ao mesmo muito menos importância que ao feminino. Algumas tradições modernas, criadas individualmente, especialmente aquelas que surgem de uma orientação política feminista-separatista, não reconhecem, de modo algum, o masculino. Se trabalham com a polaridade, visualizam ambas as forças como estando contidas na mulher. Esta é uma linha de experimentação que tem muito valor para várias mulheres, particularmente como um antídoto em relação aos milhares de anos de concentração exclusiva da cultura ocidental no Homem. No entanto, este nunca foi o ponto de vista central da Arte. Pessoalmente, acredito que, a longo prazo, um modelo de universo unicamente feminino provaria ser limitante e opressivo tanto às mulheres quanto aos homens, assim como o modelo patriarcal tem sido. Uma das tarefas da religião é a de orientar-nos, igualmente, no relacionamento com o que é parecido conosco e com o que é diferente do que sois. O sexo é a diferença principal; não podemos nos realizar fingindo que diferenças não existem ou através da negação do homem da mulher.

É importante, no entanto, separarmos o conceito de polaridade das imagens culturalmente condicionadas que temos sobre o masculino e o feminino. As forças masculina e feminina representam a diferença, mas, em essência, não são diferentes: são a mesma força ido em direções opostas mas não contrárias. O conceito chinês il, Yin e Yang é um pouco parecido, mas em Feitiçaria a descrição das forças é muito diferente. Nenhuma delas é "ativa" ou "passiva ou clara, seca ou úmida; pelo contrário, cada qual participa de todas estas qualidades. A mulher é vista como a força que dá a vida, o poder de manifestação, de energia fluindo no mundo para transformar-se em matéria. O homem é visto como a força da morte, em um sentido positivo, não negativo: a força da limitação que é o equilíbrio necessário para criação descontrolada, o poder da dissolução, do retorno à infirmitade. Cada princípio

contém o outro: a vida gera a morte, alimenta-se da morte; a morte sustenta a vida, torna possível a evolução e uma nova criação. Ambas fazem parte de um ciclo, uma dependente da outra.

A existência é mantida pela pulsação íntervalar, a corrente alternante das duas forças em perfeito equilíbrio. Descontrolada, a força vital é um câncer; desenfreada, a força da morte transformasse em guerra e genocídio. Unidas, elas fundem-se na harmonia que sustenta a vida, na órbita perfeita que pode ser observada no ciclo de mutação das estações, no equilíbrio ecológico do mundo natural e no desenvolvimento da vida humana do nascimento à realização e do declínio e à morte e, então, ao renascimento.

A morte não é um fim; é um estágio do ciclo que conduz ao renascimento. Após a morte, é dito que a alma humana descansa na "Terra do Verão", a Terra da Juventude Eterna, onde ela é revigorada, rejuvenesce e é preparada para renascer. O renascimento não é considerado eterna condenação, sombrio ciclo de sofrimento, como em algumas religiões orientais. Pelo contrário, é visto como uma grande dádiva da Deusa, que está presente no mundo físico. A vida e o universo não se encontram separados da deidade; eles são a divindade imanente.

A Feitiçaria não afirma, como a primeira verdade do budismo, que "a vida é sofrimento". Ao invés, a vida é algo de maravilhoso. Afirma-se que Buda teve este insight após defrontar-se com a velhice, a doença e a morte. Na Arte, a velhice é uma parte natural e altamente valorizada do ciclo da vida, a época de maior sabedoria e compreensão. A doença, é claro, causa tristeza, mas não é algo que, inevitavelmente, tem que ser sofrido: a prática da Arte sempre esteve ligada às artes curativas, à botânica e à obstetrícia. Tampouco a morte é assustadora: ela é, simplesmente, a dissolução da forma física que permite ao espírito preparar-se para uma nova vida.

Certamente, o sofrimento existe na vida - é uma parte do aprendizado. Mas, fugir da roda do nascimento e da morte não é a melhor cura, da mesma maneira que o haraquiri não é a solução indicada para as cólicas menstruais. Quando o sofrimento é o resultado de

regras sociais ou da injustiça humana, a Arte estimula um trabalho ativo para aliviá-lo. Quando o sofrimento é uma parte natural do ciclo do nascimento e decadência, é amenizado através da aceitação e da compreensão, pelo desejo de entregar-se tanto à escuridão quanto à luz.

A Polaridade dos princípios feminino e masculino não deve ser compreendida como padrão genérico para o indivíduo feminino e os seres humanos. Cada um de nós Possui ambos os princípios somos o feminino e o masculino. Ser completo significa estar em contato com as duas forças: criação e desintegração, crescimento e licitação. A energia criada pelo antagonismo das forças flui dentro de nós. Ela pode ser vivida individualmente em rituais ou meditações e pode ser harmonizada para ressoar com outras pessoas. O sexo por exemplo, é muito mais que simples ato físico; é um polarizado fluxo de poder entre duas pessoas.

O princípio masculino é visto, inicialmente, como uma figura íse andrógina: a criança, o Deus Azul do amor tocando flauta. a imagem é conexas à do Deus Azul Pessoal, o self profundo, que também andrógino. Jovem bondoso, filho amado, ele jamais é sacrificado.

O aspecto verde é o deus da vegetação - o espírito do milho, o grão que é colhido e então replantado; a semente que morre a colheita e eternamente renasce toda primavera.

O Deus Galhudo mais "masculino" no sentido convencional projeções da Deusa, é o eterno caçador e, também, o animal é caçado. É a fera sacrificada para que a vida humana possa continuar, assim como o sacrificador, aquele que derrama sangue. Ele é também visto como o sol, eternamente caçando a lua no céu. Os períodos em que o sol aumenta e diminui através das estações manifestam o ciclo do nascimento e da morte, criação e dissolução, separação e retorno.

Deusa e deus, feminino e masculino, lua e sol, nascimento e , te movimentam-se em suas órbitas - eternos, mas sempre cambiantes. Polaridade, a força que mantém o universo junto, é amor, transcendente e individual. A criação não ocorreu só uma um ponto fixo da história; ela prossegue eternamente, acontecendo a cada momento, revelada no ciclo do ano.

A Roda do Ano"

Apaixonado, o Deus Galhudo mudando de forma e mudando de rosto, busca sempre a Deusa. Neste mundo, a procura e a busca surgem na Roda do Ano.

Ela é a Grande Mãe que dá à luz ele como a Divina Criança do Sol, no solstício de inverno. Na primavera, ele é semeador e semente que germina com a luz crescente, verde como os novos brotos. Ela é a iniciadora que ensina a ele os mistérios. Ele é o jovem touro; ela a ninfa, sedutora. No verão, quando a luz é mais duradoura, unem-se e a força de sua paixão sustenta o mundo. Mas a face do deus escurece à medida que o sol enfraquece, até que, finalmente, quando o grão é colhido ele também se sacrifica ao self a fim de que todos possam ser nutridos. Ela é a ceifeira, o túmulo da terra ao qual todos devem retornar. Durante as longas noites e dias que escurecem, ele dorme em seu ventre; em seus sonhos, ele é o Senhor da Morte que rege a Terra da Juventude, além dos portais da noite e do dia. Sua sepultura escura torna-se o útero do renascimento, pois no meio do inverno ela dá, novamente, à luz ele. O ciclo termina e começa outra Vez e a Roda do Ano gira, ininterruptamente.

Os rituais dos oito dias solares e santificados, o sabbath (o sétimo dia da semana), são derivados do mito da Roda do Ano. A Deusa revela o seu tríplice aspecto: como donzela, ela é a virgem protetora do nascimento e da iniciação; como ninfa, ela é a tentadora sexual, amante, sereia, sedutora; como anciã, ela é a face obscura da vida, a qual exige morte e sacrifício. O deus é filho, irmão, amante, que se torna seu próprio pai: o sacrifício eterno sempre renascido para uma vida nova.

Sir James Frazer, em *The Golden Bough*, traça muitas variações deste mito. A maioria, como a versão exposta por Robert Graves em *The White Goddess*, apresenta o deus como dividido em gêmeos rivais, que corporificam seus dois aspectos. O Filho da Estrela, Senhor do Ano vindouro, disputa com seu irmão, a Serpente, o amor da Deusa. No solstício de verão, lutam e a Serpente Escura derrota a luz e o suplanta em favor da Deusa, somente para ser, ele próprio, derrotado em meio ao inverno, quando o ano vindouro renasce.

Essa variante, em essência, não é diferente da que apresenta os, visto que os gêmeos da luz e da escuridão são claramente compreendidos como sendo aspectos da mesma divindade. Mas, quando vemos o deus dividido, corremos o risco de sofrer uma divisão (jentro de nós: identificando-nos totalmente com a luz e determinando a escuridão como sendo um agente do mau. O Filho da Estrela e a Serpente muito facilmente tornam-se representações de Cristo-Satã. Em Feitiçaria, o aspecto obscuro e decadente do deus não é mau - ele é parte vital do ciclo natural.

O ensinamento essencial do mito está ligado ao conceito de sacrifício. Para os bruxos, assim como para as pessoas íntimas com i , natureza, todas as coisas - plantas, animais, pedras e estrelas são viventes, são, em algum nível, seres conscientes. Todas as coisas são divinas, sendo manifestações da Deusa. A morte do grão na colheita ou a morte de um alce na caçada, era considerada como sacrifício divino, realizado espontaneamente por amor. Identificação ritualística e mítica com o deus que sacrifica enobrece a centelha da vida, mesmo na morte, e nos prepara para, dignamente, uma nova vida, quando chegar a hora de cada um morrer. Crescimento, decadência, nascimento e morte, ocorrem na psique humana e no ciclo da vida. Cada um deve ser bem-vindo em seu tempo e estação adequados, pois a vida é um processo de constante mudança.

O deus escolhe sacrificar a fim de permanecer na órbita da Deusa, dentro do ciclo do mundo natural e da união primordial e extática que cria o mundo. Prendendo-se a qualquer ponto da roda e recusando-se a dar lugar às mudanças, o ciclo seria interrompido; ela cairia para fora da órbita e perderia tudo. A harmonia seria destruída; a união seria rompida. Ele não estaria se preservando, mas negando seu verdadeiro self, sua paixão mais profunda, sua verdadeira natureza.

É de vital importância não confundir essa concepção de sacrifício a abnegação masoquista que é, freqüentemente, pregada ideal por religiões patriarcais. Na Arte, o sacrifício da nossa natureza ou individualidade jamais é exigido. Pelo contrário, oferecemos sacrifícios à natureza. Não há, na bruxaria, conflito entre o espiritual e o material; não é necessário abrir mão de um para obter o outro. O espírito manifesta-se na matéria: a Deusa é vista como provendo-nos de abundância. Entretanto, o mais abundante dos é seguido pelo inverno, assim como o dia mais longo termina e . Somente quando cedemos lugar ao outro é que a vida pode continuar.

Em Feitiçaria, o sacrifício não é, definitivamente, submissão a um poder externo mantido por outra pessoa ou instituição. Como também não significa colocarmos de lado nossa vontade e respeito próprios. Seu tom emocional não é de autopiedade, mas orgulho: é o sacrifício de Mettus Curtius que, quando comunicado pelos adivinhos de que a fenda sem fundo que havia recentemente surgido no fórum era um sinal de que os deuses exigiam o sacrifício do melhor de Roma, sem hesitar saltou para o abismo, a cavalo, totalmente paramentado. Nem por um instante sequer duvidou de seu valor; ele sabia o que "o melhor de Roma" deveria fazer e agiu condignamente, baseado em um sentimento interno quanto ao que era correto.

A Feitiçaria não exige pobreza, castidade ou obediência, mas ela também não é uma filosofia que "busca o número um". Ela desenvolveu-se a partir de uma sociedade de clãs entrelaçada e fechada, onde os recursos eram divididos e a terra utilizada em comum. "Caridade" era um conceito desconhecido, pois a divisão era uma parte integral da sociedade, uma expectativa básica. O "número um" existia somente no tecido social e na trama de toda a vida. A Feitiçaria reconhece que somos todos interdependentes e até mesmo o mais ávido membro "geração egotista" deve, por fim, ser vir à força da vida, mesmo que apenas como fertilizante. O sacrifício do deus era representado na sociedade humana pelo "rei sagrado" ou sacerdote, que servia como consorte da suprema sacerdotisa, líder religioso e, às vezes, líder guerreiro do clã.

Desde que Frazer compilou *The Golden Bough*, sua obra clássica de folclore e antropologia publicada pela primeira vez em 1900, estudiosos que se dedicam às religiões "primitivas", especialmente aquelas orientadas para uma deusa, em geral têm aceito a sua tese de que o sacrifício humano era uma instituição regular e vital na

cultura femeocentrada. Até mesmo pensadores sensíveis e bem intencionados - incluindo Robert Graves,* que, provavelmente, foi o maior incentivador do renascimento do interesse pela Deusa neste século - têm perpetuado esses mitos. Joseph Campbell, autor da 1ª e 2ª primorosa coleção The Masks of God, vai mais longe ainda ao afirmar que "o sacrifício humano... em toda parte é característica da veneração da Deusa".'

A tradição da Arte e evidências arqueológicas não corroboram esse aspecto da veneração à Deusa como sendo sangrento e bárbaro. Os vários sítios paleolíticos associados a imagens da Deusa

Laussel, Angles-sur-Anglin, Cogul, La Magdaleine, Malta, só para citar alguns - não apresentam nenhuma evidência de sacrifício humano. No período neolítico, Catal Hüyük é um dos primeiros e mais claramente matriarcais sítios (cerca de 6500-5700 a.C) escavados. Os vários santuários decorados com figuras da deusa-mãe e seu filho amante não fornecem dados que apontem para o sacrifício humano ou animal; não há altares, fossas para sangue e depósitos secretos para ossos. Nem tampouco os templos da Deusa em Malta e na Sardenha, as galerias escavadas e os círculos de pedras dos construtores, megalíticos ou os sítios escavados de Creta, apresentam qualquer coincidência de que seres humanos foram, em qualquer época, ritualmente assassinados. Onde o sacrifício humano é claramente evidente - por exemplo, nos túmulos sagrados da cidade suméria de Ur, onde cortejos inteiros acompanhavam o rei para a morte - ele está associado a culturas já vinculadas ao patriarcado.

Reconstituir uma cultura a partir de pedras enterradas e artefatos é, obviamente, difícil; a reconstrução que utiliza costumes folclóricos que sobreviveram, com a qual Frazer fez freqüentes tentativas, é igualmente suscetível de erro. Se camponeses queimam efígies de milho na fogueira da colheita, não significa, necessariamente, que em algum tempo eles queimavam seres vivos. Para o self mais jovem um boneco de milho é um símbolo perfeitamente eficaz do sacrifício do Deus; não é preciso uma vítima viva.

Relatos históricos de culturas femeocentradas originam-se, na maior parte das vezes de seus inimigos e conquistadores, que muito provavelmente pintavam quadro negativo dos costumes religiosos de seus adversários. Se nosso conhecimento do judaísmo medieval fosse limitado aos relatos históricos de sacerdotes católicos, seríamos forçados a concluir que o sangue dos cristãos fazia-se necessário para assar os matzohs rituais. Hoje reconhecemos a calúnia insita na ficção, mas críticas contra religiões femeocentradas tornaram-se profundamente integradas à religião e à mitologia e, com freqüência, são difíceis de serem indentificadas. Acreditava-se por exemplo, que o mito grego de Teseu e o minotauro representasse o sacrifício cretense de prisioneiros ao seu deus-touro. Mas, afrescos descobertos no palácio de Minos revelam, pelo contrário, a prática de saltar touros: sem dúvida um esporte perigoso, mas que dificilmente poderia ser classificado como sacrifício humano, do mesmo modo de seu descendente moderno, a tourada.

Na tradição das fadas, ensinamentos orais afirmam que, em tempos primitivos, o rei ou sacerdote sagrado mantinha seu ofício por nove anos, após o que era submetido a um ritual de morte simulada, abdicava e unia-se ao conselho dos dignitários. O ritual de morte simulada pode ter dado origem a vários costumes folclóricos envolvendo sacrifícios simbólicos. Em períodos de grande necessidade ou desastre, um rei poderia, se se sentisse intimamente inclinado, sacrificar-se. O voluntarismo em dar a existência pessoal a fim de servir o povo era o verdadeiro teste de dignidade real e essa exigência reduzia a atração pelo poder de indivíduos corruptos e egoístas. A realeza não era, originalmente, uma oportunidade para matanças no mercado de

bronze ou colecionar escravos; era uma identificação mística e ritual com as forças essenciais da morte e da vida.

Mulheres nunca foram sacrificadas em Feitiçaria. As mulheres vertiam o seu próprio sangue mensalmente e arriscavam a morte a serviço da força vital a cada gravidez e parto. Por esta razão, seus corpos eram considerados sagrados e mantidos inviolados.

Infelizmente, jornais, filmes e televisão continuam até hoje perpetuando a associação da Feitiçaria e a religião da Deusa com o terror e o sacrifício humano. Cada assassino do tipo de Charles Manson é chamado de "bruxo". Psicopatas declaram praticar Feitiçaria com ritos degradantes e, às vezes, conduzem pessoas ingênuas a acreditarem neles. A Feitiçaria, vista como uma religião, pode não possuir um credo universal ou uma liturgia definida, mas em alguns pontos há unanimidade. Nenhum bruxo verdadeiro pratica atualmente sacrifício humano, tortura ou alguma forma de assassinato ritual. Qualquer um que o faça não é um bruxo e, sim, um psicopata. A visão de mundo da Feitiçaria é, sobretudo, aquela que valoriza a vida. O cosmos é um campo de forças polarizadas no constante e rotativo processo de criação e dissolução de pura energia. A polaridade, a qual denominamos de deusa e deus, cria o ciclo que sustenta os movimentos das estrelas e a mudanças das estações, a harmonia do mundo natural e a evolução em nossas vidas humanas. Percebemos a inter-relação destas forças de duas maneiras básicas: o modo holístico e intuitivo da "luz das estrelas" do hemisfério direito e do inconsciente, e o modo linear, analítico e consciente do hemisfério esquerdo. A comunicação entre o consciente e o inconsciente, entre o self discursivo e o self mais jovem e, deste último, para o self profundo, o espírito, depende de uma abertura em relação a ambas as maneiras de percepção.

Conceitos verbais devem ser trazidos em símbolos e imagens; imagens inconscientes devem ser trazidas para a luz da consciência. Através de uma comunicação aberta podemos nos harmonizar com os ciclos da natureza, com a união, extática, original, que é a força da criação. A harmonização exige sacrifício, disposição para mudar, abrir mão de qualquer ponto na e seguir em frente. Mas sacrifício não é sofrimento e a vida, ç)dos seus aspectos, iluminados e obscuros, de crescimento e decadência, é uma grande dádiva. Em um universo onde a dança infinitamente transformadora e erótica do deus e da deusa baila radiante és de todas as coisas, nós, que entramos em seu ritmo, nos arrebatemos com o encanto e o mistério de ser.

A DANÇA COSMICA DAS FEITICEIRAS

CAPITULO TRES.

O COVEN

ENTRE OS MUNDOS

LUA NOVA

“Encontramo-nos esta noite em frente à loja alugada. Durante longo tempo, simplesmente conversamos, a respeito de nossos temores e dúvidas sobre magia e nós mesmos: que isto não é verdade, que isto é de verdade, que isto vai parar, que é uma viagem do ego, que somos malucos, que o que realmente queremos é o poder, que perderemos nosso senso de humor e nos tornaremos arrogantes a esse respeito, que não seremos capazes de levar isso a sério, que isto não dará certo, que dará certo...

A certa altura, demo-nos as mãos e começamos a respirar juntos. Repentinamente, percebemos que um círculo havia sido organizado. Passamos o óleo para todos, a fim de sermos ungidos e nos beijamos. Alguém começou a cantarolar baixinho e Pat a batucar levemente um ritmo no tambor. E estávamos todos cantando, entrelaçando vozes e melodias, como se palavras diferentes chegassem através de cada um de nós:

Ísis... Astartéia... Ishtar...
Luz e escuridão... luz e escuridão...
Lu-uu-a, Lu-uu-a Crescente...
Derrame sua luz e brilho sobre nós...
Brilhe! Brilhe! Brilhe! Brilhe! Brilhe!

E através e por trás delas, Beth gemia com seu instrumento e ele soava como uma canção árabe ou como o lamento de um saxofonista de jazz, mas nós sorriamos com a graça de tudo...

Simultaneamente, ficamos todos em silêncio. Então dividimos frutas, rimos e falamos a respeito de humor. Estávamos tentando pensar em um nome para a assembleia e alguém sugeriu Compost (adubo, fertilizante). Era perfeito! Da terra, orgânico e nutritivo – e desestimulante em relação à arrogância.

A partir de agora somos o coven de Compost!

O ritual funcionou. Seja o que for que a magia traga, ela não afasta a capacidade de rirmos de nós mesmos. E os temores diminuem cada vez mais.”

Do meu Livro das Sombras (Diário onde a feiticeira anota todas as suas atividades).

O coven é um grupo de apoio da bruxa, um grupo que desperta a consciência, um centro de estudos psíquicos, um programa de treinamento de sacerdotes, escola de mistérios, o substituto de um clã e uma congregação religiosa, todos em uma só instância. Num coven forte, o liame é, por tradição, “mais forte que o de família”: a partilha espiritual, emocional e imaginativa. “Perfeito amor e perfeita confiança” são as metas.

A estrutura de um coven torna a organização da Feitiçaria muito diferente da maioria das outras religiões. A Arte não está alicerçada sobre grandes e heterogêneas massas que se conhecem somente superficialmente: nem tampouco baseia-se em gurus individuais com seus devotos e discípulos. Não existe uma autoridade hierárquica, nenhum Dalai Lama, nenhum papa. A estrutura da bruxaria é celular, baseada em pequenos círculos cujos membros compartilham profunda, mútua confiança entre si e a Arte.

A Feitiçaria tem a tendência a atrair pessoas que, por sua natureza, não gostam de se unir a grupos. A estrutura do coven torna possível que individualistas fanáticos experimentem profunda sensação de comunidade sem que percam a sua independência de espírito. O segredo é o seu tamanho reduzido. Um coven, tradicionalmente, nunca abriga mais do que treze membros. Em um grupo tão pequeno, a presença ou ausência de uma pessoa afeta o restante. O grupo torna-se vário pelas predileções, aversões, crenças e gostos de cada indivíduo.

Ao mesmo tempo, o coven torna-se uma entidade em si mesma, com personalidade própria. Ela gera uma forma raith¹, uma espiral de energia que existe

¹ “raith”, a energia elemental do corpo, também é chamada de corpo etéreo e corpo vital, pois através dela recebemos a vitalidade, energia emocional e física.

acima e além de seus membros. Há uma qualidade sinérgica que envolve um coven forte. É mais do que a soma das partes; é um poço de energia onde seus membros podem saciar sua sede.

Para tornar-se membro de um coven, o bruxo deve ser iniciado, deve submeter-se a um ritual de comprometimento, no qual os ensinamentos e segredos internos do grupo são revelados. A iniciação é seguida de um longo período de treinamento, durante o qual a confiança e a segurança do grupo são paulatinamente construídas. Quando sua duração é adequada, o ritual torna-se também um rito de passagem que marca um novo estágio de crescimento pessoal. A Feitiçaria desenvolve-se lentamente; jamais poderá ser uma religião de massas, propagada pelas esquinas ou entre os vôos no aeroporto. Feiticeiras não fazem proselitismo. Espera-se que possíveis membros busquem os covens e demonstrem profundo nível de interesse. A força da Arte é sentida na qualidade e não na quantidade.

Originalmente, os líderes de covens eram professores e sacerdotisas/sacerdotes de uma grande população pagã e não iniciados. Eles constituíam os conselhos de dignitários dentro de cada clã, as mulheres e homens cuja sabedoria fê-los ir além da superfície dos ritos e buscar significados mais profundos. Nos grandes festivais solares, os sabás, eles conduziam os rituais, organizavam as reuniões e explicavam os significados das cerimônias. Cada coven possuía seu território próprio que, por tradição, estendia-se por uma légua. Covens vizinhos podiam juntar-se por ocasião dos grandes sabás, a fim de dividirem conhecimentos, ervas, feitiços e, é claro, tagarelar. Grupos de covens juntavam-se, às vezes, sob o comando de uma feiticeira “rainha” ou grã-mestra. Em luas cheias, covens encontravam-se sozinhos para os Esbats, quando estudavam os ensinamentos internos e praticavam magia.

Durante a época das fogueiras, os grandes festivais foram banidos ou cristianizados. A perseguição era mais intensamente direcionada contra membros de covens, encarados como os verdadeiros perpetuadores da religião. O sigilo mais absoluto tornou-se necessário. Qualquer membro de um coven poderia trair os demais e leva-los à tortura e à morte, portanto, “perfeito amor e perfeita confiança” eram mais que palavras vazias. Os covens foram isolados uns dos outros, as tradições fragmentaram-se, os ensinamentos foram esquicidos.

Presentemente, há um crescente esforço em toda a Arte para restabelecer a comunicação entre os covens e dividir conhecimentos. Mas, muitos bruxos ainda não podem se dar ao luxo de “saírem do armário”. O reconhecimento público pode significar a perda de seus empregos e meios de ganhar a vida. Feiticeiros conhecidos são alvos fáceis para malucos violentos: um casal do sul da Califórnia teve a sua casa bombardeada após ter participado de um programa de entrevistas na televisão. Outros são molestados pelas autoridades por causa de práticas tradicionais como a predição ou tornam-se bodes expiatórios de crimes locais. O preconceito, infelizmente, é comum. Pessoas sensatas jamais identificam alguém como um feiticeiro/feiticeira sem, de antemão, pedirem permissão de maneira reservada. Neste livro, meus amigos e membros de covens foram genericamente tratados por seus nomes utilizados nos covens, a fim de preservar a privacidade dos mesmos.

Todo coven é autônomo. Cada um possui autoridade própria em assuntos relativos a rituais, theologia e treinamento. Grupos de covens, que seguem os mesmos ritos, podem se considerar parte da mesma tradição. Para garantir proteção legal a seus membros, muitos covens associam-se e se incorporam como igreja, mas os direitos de covens autônomos são sempre zelosamente resguardados.

Covens geralmente desenvolvem enfoque e orientação específicos. Existem covens que se concentram na cura e nos ensinamentos; outros podem ter inclinações

para o trabalho psíquico, estados de transe, ação social ou criatividade e inspiração. Alguns parecem dedicar-se, simplesmente, a darem boas festas; afinal, “todos os atos de amor e prazer” são rituais da deusa. Os covens podem ser compostos de homens e mulheres ou se limitarem, somente, às mulheres. (Existem poucas assembléias só de homens, por motivos que serão discutidos no capítulo 6.)

Um coven é um grupo de pessoas consideradas como iguais, mas não é um “grupo acéfalo”. A autoridade e o poder, no entanto, estão baseados em princípios muito diferente daqueles predominantes no mundo em geral. O poder, em um coven, nunca é o poder sobre o outro. É o poder que vem de dentro.

Em Feitiçaria, poder é outra palavra para energia, a corrente de forças que molda a realidade. Uma pessoa poderosa é aquela que atrai energia para o grupo. A capacidade para canalizar poder depende da integridade, coragem e individualidade pessoais. Ele não pode ser presumido, herdado, nomeado ou tido como certo. O poder interior advém da capacidade de autocontrole, de encarar medos e limitações, de manter compromissos e de ser honesto. As fontes de poder interior são ilimitadas. O poder de uma pessoa não diminui o poder de outra; pelo contrário, à medida que um membro do coven entra em contato com seu próprio poder, o poder do grupo torna-se mais forte.

Em termos ideais, um coven serve como campo de treinamento onde cada membro desenvolve o seu poder pessoal. O apoio e a segurança do grupo reforçam a confiança de cada membro em si mesmo. O treinamento psíquico desperta novas percepções e capacidades, e a realimentação do grupo torna-se o espelho sempiterno no qual nos “vemos como os outros nos vêem”. O objetivo de um coven não é o de abolir os líderes, mas treinar cada bruxo para ser um líder, uma sacerdotisa ou um sacerdote.

A questão da liderança tem incomodado o movimento feminista e a nova esquerda. O cenário político americano está, infelizmente, carente de modelos de poder interior. O poder sobre os outros é corretamente percebido como sendo opressivo, mas, com muita freqüência, o “ideal coletivo” é utilizado de maneira errônea, para destruir os fortes em lugar de inserir força nos fracos. Mulheres poderosas são combatidas ao invés de serem apoiadas: “Serei uma traidora? Eles deviam me matar. Tornaram-me uma líder. Não devíamos ter líderes. Serei julgada por algum papel oculto, minha reputação assassinada secretamente.”

O conceito de poder interior estimula o orgulho saudável, não o anonimato recatado; a alegria em relação à nossa força, não vergonha e culpa. Em bruxaria, autoridade significa responsabilidade. O líder do coven deve possuir sensibilidade e poder interior para canalizar a energia do grupo, para dar início e interromper cada fase do ritual, ajustando a duração de acordo com o ânimo do círculo. Um ritual, assim como uma produção teatral, precisa de um diretor.

Na prática, a liderança é passada de um líder para outro em um grupo totalmente amadurecido. O bastão representando a autoridade do líder pode ser passado para cada membro da assembléia. Diferentes partes do ritual podem ser conduzidas por diferentes pessoas.

Por exemplo, nosso último ritual do Equinócio de Outono foi inspirado por Alan, que é um aprendiz, mas não ainda um iniciado no Coven Compost. Alan está muito envolvido com o movimento de liberação masculino e desejava um ritual centrado na mudança do condicionamento do papel sexual que cada um recebera. Oito de nós, de Compost e Honeysuckle, meu coven de mulheres, e do grupo de homens de Alan, planejamos o ritual. A seguir está o meu relato.

“ Equinócio de Outono, 1978.

Uma noite quente. Dezesete de nós encontramos-nos na casa de Guidot, nove mulheres e oito homens. Depois de conversarmos um pouco, subimos para o aposento do ritual.

Alan, auxiliado por Guidot e Paul, organizou o círculo, utilizando belas invocações, que acredito terem sido improvisadas na hora. Três ou quatro de nós haviam explicado o ritual para o restante das pessoas e elas estavam prontas. Conduzi a invocação para a Deusa, usando o cântico Kore. Comecei falando e quando passei a cantá-lo foi como se algo tivesse vindo por trás e me transportasse para fora de mim. Minha voz alterou-se fisicamente, tornou-se uma vibração baixa e profunda, injetando poder no círculo; então, quando todas as pessoas assimilaram o cântico, que perpassava por todos nós, a melancólica lamentação pelo fim do verão, triste mas bela...

Mudança é... toque é...
Toque-nos... mude-nos...

Alan, Paul e Guidot invocaram o deus, Alan chamando-o de Bondoso Irmão, combatente da violação. Ele escreveu uma vigorosa invocação (incluída no capítulo 6).

Começamos uma dança da expulsão, girando pelo círculo em movimentos contrários ao sol. Enquanto nos movimentávamos, cada pessoa lançava uma frase – o grupo a captava e a repetia, cantando-a ritmicamente, elevando-a, gritando-a, depois deixando que se dissipasse até que o seu poder em controlar-nos com ela esmaecesse. Alan foi o primeiro:

- Você deve ser bem-sucedido!
- Você deve ser bem-sucedido! Você deve ser bem sucedido! Deve ser! Deve ser! Deve ser! Deve!
- Meninas bonitas não fazem aquilo! Meninas bonitas não fazem aquilo! Meninos não choram! Você não é uma mulher de verdade! Maricas! Maricas! Maricas!

Dezesseis uivos ressonantes absorviam cada brado, vozes exaltadas de escárnio que se transformaram, sob a luz fraca, nas atormentadas Fúrias de nossas mentes, mordazes, gozadoras, gritantes – que então desapareceram como fumaça no ar. Por fim, estávamos batendo os pés e gritando – dezesete adultos completamente nus, pulando para cima e para baixo, urrando: “Não!Não!Não!Não!Não!”

O SELF mais jovem havia sido despertado, sem dúvida, em sua glória plena e original.

Val penetrara em si mesma, em seu poder como a anciã. Ela desempenhou o mistério (que é secreto), auxiliada, acredito, por Alan e Paul. Não posso afirmar, pois nada vi. Laurel, Brook e eu conduzimos o transe, uma indução suave, sussurrada a três vozes:

Seus dedos estão se dissolvendo em...
Sonhe profundamente, e durma o sono mágico...
Dissolvendo-se em água, e seus dedos do pé são...

Valerie nos animou. Formamos dois grupos, para os mistérios masculinos e femininos. Os homens demoraram algum tempo – acho que se envolveram em uma discussão histórica sobre os ritos de Dionísio. Quando terminaram, um por um voltamos ao círculo, sentando alternadamente homens e mulheres. Seguimos o círculo, dizendo como cada um de nós havia se tornado forte.

“Fortaleci-me através do enfrentamento dos meus medos.”

“Fortaleci-me através de meus amigos.”

“Fortaleci-me através dos meus erros.”

“Fortaleci-me através da assunção de posições.”

“Fortaleci-me através de sonhos.”

Então cantamos, elevando o poder para efetivar as visões que havíamos tido no transe de nós mesmos, livres e verdadeiros. O cântico continuou – era fisicamente tão aprazível – sentindo o fluxo de poder, a ressonância baixa das vozes masculinas, as notas altas das mulheres – ele nos envolvia como uma grande e aconchegante onda.

A seguir, Alan e eu abençoamos o vinho e os alimentos. Enquanto a taça passava pelo círculo, cada um depunha sobre o que se sentia grato. A taça passou várias vezes. Então relaxamos, comemos, rimos, conversamos como sempre. Alan encerrou o ritual e abriu o círculo.

Depois, fiquei surpresa sobre como tudo havia transcorrido calmamente, cada um desempenhando papéis diferentes. É uma boa sensação poder recuar e permitir que outras pessoas assumam o centro e vê-las desenvolvendo seu poder.”

Atualmente, tanto Compost quanto o coven de mulheres, conhecido como Honeysuckle, são covens de dignatários. Cada iniciado é capaz de conduzir rituais, direcionando a energia e treinando os novatos. O processo de desenvolvimento em cada grupo, todavia, era muito diferente.

Compost era típico, tal como vários covens novos e auto-iniciatórios que estão surgindo hoje, sem a vantagem do treinamento formal da Arte. Eu havia sido ensinada por bruxas, há muitos anos, quando estudava na universidade, mas nunca realmente havia me iniciado. Grande parte do meu conhecimento é produto de figuras de sonhos e experiências de transe. Fui incapaz de encontrar um coven que sentisse ser compatível comigo e, durante muitos anos, trabalhei sozinha. Finalmente, decidi tentar iniciar meu próprio coven, independentemente de estar “autorizada” a fazê-lo. Comecei dando aulas de Feitiçaria no Centro de Educação Alternativa de Bay Área.

Em poucas semanas, um grupo de indivíduos interessados começou a encontrar-se semanalmente. Nossos rituais eram coletivos e espontâneos, como o descrito na abertura deste capítulo. Éramos resistentes quanto a formas e palavras determinadas.

Decorridos alguns meses, um grupo dotado de núcleo forte havia se desenvolvido e, então, realizamos uma iniciação formal. Nossos rituais haviam adquirido um padrão regular e decidimos fixar a base dos ritos, a fim de que tivéssemos uma estrutura coletiva, na qual todos pudéssemos ser espontâneos e abertos. Anteriormente, o líder – geralmente eu – decidia o que iria acontecer a qualquer momento e todos seguiam a sua determinação.

Conhecemos muitas feiticeiras de outros covens e iniciei meus estudos com uma professora da tradição das fadas. Comecei a ter contato com meu próprio poder. Como grupo, também percebíamos que as energias que estávamos suscitando eram reais, não meramente simbólicas. O grupo sentiu necessidade de um líder reconhecido; ao mesmo tempo, senti a necessidade de ter o meu recém-descoberto poder reconhecido. O coven confirmou-me como sacerdotisa.

Como a maioria das pessoas, cuja sensação de poder interior está se desenvolvendo rapidamente, eu, ocasionalmente, agia de maneira extremada. De não-líder coletivista tornava-me, às vezes, sacerdotisa um tanto desajeitada. Existem dias em que os registros de rituais são bem diferentes dos que foram apresentados neste capítulo: “Organizei o círculo... Invoquei a Deusa... conduzi o cântico... direcionei o cone de

poder...”. Felizmente, os membros do meu coven eram tolerantes o suficiente, permitindo que eu cometesse erros, e honestos o bastante para dizer que não gostavam do que eu estava fazendo. Começamos a dividir responsabilidades: um membro trazia sal e água e purificava o círculo, outro trazia incenso e carregava o espaço de energia. Os homens invocavam o Deus Galhudo e dividíamos as tarefas de invocar a Deusa e direcionar o cone de poder. Tornei-me mais relaxada no papel de líder.

À medida que outros membros da assembléia desenvolviam as suas próprias forças, decidimos “passar o bastão”. Diane, uma pessoa incrivelmente terna, que irradia uma sensação de carinho, foi nossa escolha unânime. Ela sempre gostara mais de nossos rituais simples e espontâneos, e sob a sua liderança abrimos mão de parte significativa da estrutura e começamos a experimentar. “Esta noite não sinto vontade de dispor o círculo formalmente”, ela poderia dizer, “vamos simplesmente bater levemente nas quatro paredes e cantar. Por que não cantamos os nomes de cada um?” E então cantávamos, às vezes durante horas, num processo que redundou em um dos mais simples e mais belos rituais que atualmente utilizamos.

Diane partiu no verão e passamos o bastão para Amber, o membro mais jovem de nosso coven. Diane aquecera o círculo com um brilho forte; Amber acendeu-o com foguetes, fogos de artifício e chamas coloridas. Talentosa, encantadora, amável e inconstante, ela é excelente musicista, com voz de cantora lírica e inclinação para o teatro. Ela inspirou-nos na criação de rituais mais teatrais, como muitos daqueles apresentados no capítulo 12. Amber, entretanto, tinha dificuldades em funcionar no alto nível de responsabilidade que a liderança de um coven exige. Ela estava atravessando um período tenso em sua vida pessoal e, apesar de geralmente cumprir seus compromissos, isso gerava nela muita ansiedade e estresse. Retrospectivamente, prestamo-lhe um desserviço não lhe permitindo período maior de treinamento.

Honeysuckle passou por diferente processo de formação. Ela começou como uma aula na Grande Deusa, numa época que eu já havia sido sacerdotisa de Compost durante vários meses e era uma iniciada na tradição das fadas. Vinha de uma posição mais forte como líder e levou muito tempo até que alguém questionasse a minha autoridade. Eu estava determinada quanto a não apressar o treinamento desse grupo e quase um ano havia se passado quando mencionei a palavra iniciação. Quando cada mulher, por sua vez, sentia-se pronta para arcar com mais responsabilidades, fosse capaz de questionar a minha autoridade e mostrava-se disposta a abandonar o papel de estudante, ela estava iniciada. Um novo ritual era criado para cada membro e cada rito cristalizava um período de crescimento.

Encontrar um coven para dele fazer parte pode ser difícil. Feiticeiras não são encontradas no catálogo telefônico e, raramente, fazem uso de anúncios classificados. Com frequência, no entanto, ministram aulas em universidades abertas ou em livrarias metafísicas. Algumas universidades estão começando a oferecer cursos de bruxaria em seus departamentos de estudos religiosos. Lojas de ocultismo algumas vezes fornecem indicações. O melhor caminho, é claro, é através de contatos pessoais. Bruxos sentem que, quando uma pessoa está interiormente preparada para fazer parte da Arte, ela será conduzida às pessoas certas.

Várias pessoas afirmam, infelizmente, serem bruxas e não passam de tipos repugnantes. Quando você encontrar-se com alguém que se intitula feiticeira, preste muita atenção aos seus sentimentos íntimos e percepções. Os rituais de vários covens são secretos, mas você deve ser esclarecido e ver o suficiente para que possa formar um quadro razoavelmente claro sobre eles. Um verdadeiro coven jamais lhe pedirá que faça algo que você acredite ser errado. Qualquer forma de força, coerção ou pressão como

tática de abordagem é contrária ao espírito da Feitiçaria. Bruxas de verdade permitirão que você tome a iniciativa de encontra-las.

A bruxaria não trabalha por dinheiro. Não há taxas para iniciação e é considerada transgressão ética cobrar dinheiro para treinamento em covens. Obviamente, é permitido aos bruxos que são professores, ou que trabalham como conselheiros psíquicos, cobrar honorário justo, por seu tempo e trabalho. No entanto, não lhes venderão velas “abençoadas” por elevadas quantias de dinheiro ou pedirão que lhes entregue as suas economias a fim de retirar uma praga: estes são os truques favoritos de trapaceiros que fazem vítimas entre o público ingênuo. Um coven pode cobrar taxas para cobrir gastos com velas, incenso e outras despesas, mas a sacerdotisa não estará dirigindo um Mercedes adquirido por meio das contribuições de seus fiéis seguidores.

Em um coven forte, membros sentem-se próximos a outros e, em momentos de dificuldade, naturalmente procuram ajuda entre si. Em geral encontram-se socialmente, fora das reuniões do grupo, e desfrutam-se mutuamente a companhia. Mas também têm amigos diferentes e interesses vários, fora do grupo, e não passam todo o tempo juntos. Um coven não deve ser um refúgio do mundo, mas uma estrutura de apoio que ajuda cada membro a funcionar melhor e mais plenamente no mundo.

Atualmente, há muito mais pessoas querendo aderir a covens do que grupos capazes de acolher os recém-chegados. Se você não consegue encontrar um coven adequado, pode praticar a Arte sozinho ou dar início ao seu próprio coven.

Trabalhar sozinho não é o ideal. Despertar a visão de luz das estrelas é muito mais difícil sem o apoio de um grupo. Aqueles que viajam pelos caminhos inexplorados da mente correm maior risco de ficarem presos à subjetividade. Além disso, trabalhar com outras pessoas é muito mais divertido.

Mas, como afirma uma bruxa que praticou a Arte sozinha por muitos anos: “Trabalhar sozinho tem seus pontos positivos, assim como negativos. Seu treinamento é um tanto errático, mas de qualquer maneira, é assim também em várias assembleias. A vantagem está em que se aprende a depender de si mesmo e se conhece as suas limitações. Quando se entra para um coven, já se sabe o que se quer e o que é melhor para você.”

A meditação solitária e a prática da visualização fazem parte do treinamento de todas as bruxas. A maioria dos exercícios deste livro podem ser feitos sozinhos e até os rituais podem ser adaptados. O culto solitário é muito mais preferível do que associar-se ao grupo errado.

Não é necessário que você seja um feiticeiro hereditário ou iniciado para dar início ao seu próprio coven. O treinamento, naturalmente, ajuda. Mas a escola da tentativa e erro é também muito boa.

Quando um grupo de pessoas interessadas, mas sem experiência, se forma, a primeira tarefa é estabelecer uma sensação de segurança. A receptividade e a confiança desenvolvem-se paulatinamente, através do compartilhar emoções de maneira verbal e não-verbal. As pessoas precisam de tempo para conversar, bem como para trabalhar a magia. Frequentemente, começo grupos com jantares simples, a fim de que as pessoas possam dividir uma forma muito palpável de energia: a comida. Técnicas de despertar a consciência também podem ser muito eficazes. Podemos deixar a palavra livre e permitir que cada pessoa diga por que buscou o grupo e o que dele espera. Todos podem falar durante limitado período de tempo, sem serem interrompidos, a fim de que os indivíduos mais tímidos sintam-se estimulados a falar e os mais loquazes não dominem a conversa. Perguntas e comentários são feitos depois que cada um tenha falado.

O compartilhar não-verbal de sentimentos também é importante para criar confiança no grupo. Os exercícios que se seguem ensinam a percepção e a divisão de energia, que é a base dos rituais da Arte. Eles podem ser realizados separadamente ou fluírem através de uma seqüência tranqüila. Fiz anotações sobre o que digo quando conduzo um grupo ao logo do exercício. Ao orientar um grupo, as palavras em si são menos importantes do que o ritmo da voz e a duração das pausas. A única maneira de aprender isso é através da prática. Leia os exercícios, familiarize-se com eles e então improvise com seus próprios padrões naturais de fala.

EXERCÍCIO 3: SENTINDO A ENERGIA DO GRUPO

“ A energia a que nos referimos em Feitiçaria é real, uma força sutil que todos podemos aprender a perceber. Neste momento, enquanto nos encontramos sentados no círculo, sinta o nível de energia do grupo. Sente-se alerta? Consciente? Excitado? Tranqüilo ou ansioso? Tenso ou relaxado? (Pausa)

“ A energia sobe e desce por sua espinha dorsal. Agora, sente-se da maneira mais ereta possível sem tensões. Ótimo. Observe como o nível de energia mudou. Sente-se mais alerta? Mais consciente? (Pausa)

“ Sua respiração transporta energia para dentro e para fora do seu corpo. Ela desperta os centros de poder do seu corpo. Portanto, respire até o fim. Respire com o seu diafragma... sua barriga... seu útero. Seu estômago deve contrair-se e descontraí-lo-se à medida que você respira ... afrouxe suas calças se for necessário. Encha sua barriga de ar. Sinta-se relaxando, recarregando. Agora, observe como a energia do grupo mudou. (Pausa)

“Agora, vamos nos dar as mãos, unindo-nos ao redor do círculo. Continue respirando profundamente, sinta a energia movimentar-se pelo círculo. Pode parecer como ténue formigar ou ligeiro calor ou, até mesmo, sensação de frio. Todos podemos perceber-la de maneira diferente. Alguns de nós poderemos vê-la, dançando como centelhas no centro do círculo. (Pausa longa)

(Para terminar aqui: “Agora, respire fundo e sorva todo o poder, como se o estivesse sorvendo cum um canudinho. Sinta a respiração descer pela espinha e fluir para a terra. Relaxe.”)

(Ou passe para o próximo exercício.)

EXERCÍCIO 4: RESPIRAÇÃO EM GRUPO

(Para começar aqui, diga: “ Vamos nos dar as mãos ao redor do círculo e nos sentarmos (ou ficarmos de pé) de maneira ereta.

“E agora, fechando os olhos, vamos respirar juntos – respirando profundamente pela barriga, útero. Aspire... (lentamente), expire...aspire...expire...aspire...expire...sinta-se relaxar enquanto respira. Sinta como você está se tornando mais forte...a cada respirar...mais revigorado...a cada respirar... sinta suas preocupações se dissipando... a cada respiração...mais revitalizado...enquanto respiramos juntos...aspire...expire...aspire...expire...

“ E sinta nossa respiração à medida que elas se encontram no entro do círculo... que respiramos como uma só pessoa...uma só respiração...aspire...expire...respirando um círculo...respirando um único organismo vivo...em cada respiração...transformando-se em um só círculo...em cada respiração...tornando-se um...” (pausa longa).

(Termine como no exercício 3 ou prossiga.)

EXERCÍCIO 5: ÁRVORE DA VIDA

(Esta é uma das meditações mais importantes, que é praticada individualmente, assim como em grupo. Na prática solitária, comece sentando ou ficando de pé de maneira ereta, e respirando profunda e ritmicamente.)

“Enquanto respiramos, lembre-se de sentar de maneira ereta e à medida que sua coluna fica reta, sinta a energia surgindo...(pausa).

“Agora, imagine que sua espinha é o tronco de uma árvore...e de sua base raízes estiram-se profundamente para dentro da terra...para o centro da própria terra...(pausa).

“E você pode retirar poder da terra a cada respiração... sinta a energia desabrochando...como a seiva que surge no tronco da árvore...

“E sinta o poder subindo por sua espinha...sinta como você está se tornando mais vivo...a cada respiração...

“E no alto de sua cabeça existem galhos que se movimentam para cima e de novo para baixo para tocar a terra... e sinta o poder irrompendo do topo da sua cabeça... e sinta-o movimentando-se através dos galhos até que novamente toque a terra... fazendo um círculo... formando um círculo... retornando as suas origens...

(Em um grupo:) “E respirem profundamente, sintam como todos os nossos falhos se entrelaçam... e o poder se faz sentir através deles... e dança entre eles, como o vento... sinta-o se movendo...” (pausa longa).

(Termine como no exercício 3 ou prossiga.)

EXERCÍCIO 6: CÂNTICO DE PODER

(Este deve sempre começar com a respiração em grupo, exercício 4.)

“Agora, deixe que a sua respiração se transforme em um som... qualquer som que você queira...um lamento...um suspiro...uma risada...um zunido baixo...um gemido...uma melodia...conte os sons das vogais...”

(Aguarde. Num grupo novo, pode haver silêncio durante certo tempo. Lentamente, alguém começará a suspirar ou a catarolar muito baixinho. Aos poucos, outros se unirão ao grupo. O cântico pode crescer num forte cantarolar ou numa onda crescente de notas guturais abertas. As pessoas podem começar a rir, a laltir ou a uivar como animais, se se sentirem inclinadas a fazê-lo. O cântico pode alcançar subitamente seu auge e, então, cair em silêncio ou, ainda, poderá subir e descer em várias correntes de poder. Permita que ele se direcione.

Quando todos estiverem em silêncio, conceda um período de relaxamento. Antes que o grupo tenha tempo de ficar irrequieto, ligue à terra o poder, como no exercício 7.)

EXERCÍCIO 7: ENCERRANDO O PODER

(Também chamado de concentrando o poder. Encerrar o poder é uma das técnicas básicas da magia. O poder deve ser encerrado toda vez que for despertado. Caso contrário, a força que sentimos como sendo uma energia vitalizante degenera-se em tensão nervosa e irritabilidade. Nos exercícios anteriores, concentramos a energia sorvendo-a e deixando que flua através de nós para dentro da terra. Esta técnica, com frequência, é útil quando estamos trabalhando sozinhos.

“Agora, deite-se no chão e relaxe. Coloque as palmas de suas mãos no chão ou estire-se por inteiro. Deixe que o poder entre na terra através de você.” (Mesmo se o encontro for em uma cobertura a quinze andares do solo, visualize a energia fluindo

para a terra em si.) “Relaxe e deixe que a força flua através de você... deixe que ela flua profundamente em direção à terra... onde ela será purificada e renovada. Relaxe e permita-se vagar tranquilamente.”

Esses cinco exercícios contêm a essência de um ritual da Arte. O círculo é disposto quando se dão as mãos; o poder é despertado, dividido e encerrado. Geralmente, a divisão de alimentos e bebidas vem em seguida; o trabalho de magia estimula a fome! Enquanto a taça circula pelas pessoas, brindes são feitos e elas agradecem à deusa as coisas boas que receberam. Esta parte da reunião é descontraída e informal, uma boa hora para partilhar impressões e discutir o ocorrido. Neste momento, as pessoas podem sair do círculo, mas a reunião deve ser formalmente finalizada antes que qualquer um vá para casa. As reuniões que se dissipam ao fim deixam as pessoas sem a sensação de fechamento e conclusão. Se a magia foi trabalhada, a energia absorvida tende a transformar-se em ansiedade e irritação em lugar de paz e vitalidade. Uma reunião pode ser encerrada de maneira bastante simples, onde as pessoas se dão as mãos e juntas dizem:

O círculo está aberto, mas não rompido,
Que a paz da Deusa esteja em seus corações;
Feliz encontro e feliz partida.
E feliz reunião novamente. Abençoados sejam.

Então, um beijo é passado ao redor do círculo (em sentido horário).

Dividir poemas, canções, histórias, quadros e trabalho criativo no círculo também ajuda a construir uma sensação de proximidade. Em Honeysuckle, quando recebemos membros de um grupo novo, dedicamos uma noite para partilharmos nossas histórias de vida no círculo. Também corremos juntos regularmente e já viajamos em grupo. Ocasionalmente, Compost faz “excursões”, por exemplo, ao desfile do festival chinês da lua. Dedicamos uma reunião para assistirmos O Mágico de Oz na televisão e para sairmos saltitando pela rua cantando “Follow the Yellow Brick Road.”

À medida que o grupo torna-se mais unido, alguns conflitos interpessoais, inevitavelmente, surgem. A própria coesão do grupo, em si, fará com que alguns membros sintam-se deixados de fora. Cada pessoa é parte do todo, mas, também, um indivíduo parcialmente separado do resto. Algumas pessoas tendem a perceber o grupo como uma entidade sólida que acolhe a todos, enquanto somente elas são, em parte, esquecidas. A atração sexual ocorre, freqüentemente, entre membros do coven e, enquanto o primeiro momento de felicidade no amor trará poder para o grupo, a discórdia entre um casal provocará desintegração. Se os dois rompem e sentem que não são mais capazes de trabalhar no mesmo grupo, juntos, um verdadeiro problema se instala. A líder de um coven que seja forte e carismática, com freqüência, torna-se o alvo das projeções de outros membros. Ela poderá ser vista como a mãe-terra que tudo dá, a eternamente desejável mas inatingível mulher ou a profetisa que tudo sabe. É sempre uma tentação para ela acreditar nessas lisonjeiras imagens e alimentar-se psiquicamente da força energética nelas contidas, mas, se assim o fizer, interromperá seu próprio crescimento como verdadeiro ser humano. Mais cedo ou mais tarde, ela se atrapalhará e a imagem será destruída; os resultados poderão ser explosivos.

Uma certa quantidade de tempo e energia do grupo reservados para a resolução de conflitos interpessoais é necessária e desejável, como parte do processo de

crescimento que ocorre em um coven saudável. Mas, é muito fácil para um grupo degenerar numa espécie de sessão de encontro amador ou de gritos. Uma assembléia não pode funcionar como grupo terapêutico. Problemas entre membros podem, às vezes, ser resolvidos com maior eficácia pela magia do que por discussões intermináveis. Por exemplo, em lugar de tranquilizar um membro inseguro do coven coloque-o no centro do círculo e cante seu nome. Se dois membros não conseguem trabalhar juntos, mas nenhum quer deixar o grupo, o restante dos membros talvez tenha que se fiar em tirar a sorte, passando a decisão para a Deusa. E, se uma sacerdotisa parece correr o risco de ser seduzida por sua própria campanha de relações públicas, os membros menos desavisados do grupo devem delicadamente adverti-la. A crítica objetiva e construtiva é um dos grandes benefícios da estrutura de um coven.

Um coven passa a ser um espaço seguro no qual os membros sentem-se livres para liberar as suas inibições: rir, dançar, ser tolo, sair cantando, declamar uma poesia espontânea, fazer trocadilhos sem graça e permitir que o self mais jovem desperte e saia para brincar. Somente, então, é que estados mais elevados de consciência podem ser alcançados. Muitas técnicas foram desenvolvidas para eliminar o “censor” do self discursivo e para deixar que a voz interior se expresse livremente.

A nudez é uma dessas técnicas. Quando tiramos nossas roupas, despimo-nos de nossas máscaras sociais, de nossas auto-imagens bem-cuidadas. Tornamo-nos abertos. O significado místico do corpo humano nu é a “verdade”. Diferentes pessoas necessitam de diferentes níveis de espaço íntimo; enquanto algumas brincam alegremente em praias de nudismo, outras não se sentem confortáveis nuas até que a confiança seja trabalhada durante um longo período de tempo. Em nossos covens, rituais públicos são sempre realizados com todas as pessoas vestidas. Se pessoas convidadas para cerimônias reservadas, onde todos ficarão nus, sentirem-se desconfortáveis se despindo, estão livres para usarem o que melhor lhes satisfizer. Não se pode forçar a vulnerabilidade em qualquer pessoa, exceto destrutivamente.

A seguir, um dos exercícios que utilizamos para começar a soltar a voz interior e a trabalhar os bloqueios que impedem a expressão:

EXERCÍCIO 8: TRANSE DE ASSOCIAÇÃO DE PALAVRAS

(Todos devem se deitar e se posicionar de maneira confortável. Apague as luzes. Comece com a respiração em grupo, exercício 4. Quando todos estiverem relaxados, prossiga:)

“Agora, vamos passar pelo círculo, em sentido horário. Começarei dizendo uma palavra e a próxima pessoa dirá a primeira palavra que lhe vier à mente. Então a próxima pessoa responderá à sua palavra, e assim por diante, girando pelo círculo. Não pense sobre a palavra, somente relaxe, respire profundamente e deixe que ela brote.”

(Início. A seqüência pode ser como esta:)

“Verde/Ervilha/Sopa/Quente/Frio/Gelo/Neve/Branco/Preto/Pássaro/Céu/Estrelado/Noite/Escuro.”

(Após algumas rodadas:)

“Agora, cada um de nós irá repetir a palavra da última pessoa antes de dizermos a nossa.”

(A seqüência pode ser como esta:)

“Escura Caverna/Caverna Sepultura/Sepultura Profunda/Profundo Mar/Mar Onda/Onda Bandeira/Bandeira Estrela/Estrela Luz/Luz Raio/Raio Sol.”

(Após algumas rodadas:)

“Agora, cada um de nós irá repetir as duas últimas palavras antes de dizermos a nossa.”

(A seqüência pode ser como esta:)

“Raio Brilho Sol/Dia Brilho Sol/Brilho Dia Sempre/Dia Sempre Noite/Sempre Noite Céu/Estrela Noite Céu/Céu Estrela Luz.”

(Esta é uma invocação que usamos, criada por um grupo durante esse exercício. À medida que o transe prossegue, as palavras transformam-se em entidades próprias. As combinações formam cenas em constante mudança, que surgem em lampejos vigorosos diante do olho interior. Gradualmente, o círculo se desmancha e as pessoas descrevem, simplesmente, aquilo que viram:)

“Vi um céu escuro, pontilhado com milhões de estrelas...uma delas cruza o céu...”

“Vi um cometa brilhante com uma cauda dourada atrás dele...”

“Vi uma cauda de pavão com olhos iridescentes...”

“Vi um olho me fitando...”

“Vi um rosto, o rosto escuro de uma linda mulher...”

(As descrições podem ser elaboradas ou simples. Alguns podem ter visões surpreendentes, outros ouvem sons ou vozes ou sentem novas sensações. Algumas pessoas até dormem. Passado um tempo, o grupo ficará em silêncio, cada membro imerso em sua própria visão. Conceda tempo suficiente para que todos experimentem plenamente seu universo interior e então diga :)

“Agora, respire profundamente e despeça-se de suas visões. Em breve, vamos abrir nossos olhos e despertar, total e completamente, sentindo-nos revigorados e renovados. Quando eu contar até três, abriremos nossos olhos e acordaremos. Agora respire fundo...aspire...expire...um...dois...três...Abra seus olhos e desperte, revigorado e renovado.”

É extremamente importante trazer todos de volta para a consciência normal. Acenda as luzes e mude o clima completamente. Partilhe alimentos e bebidas (mas não álcool); vá até as pessoas e converse com elas. Caso contrário, os participantes podem permanecer ligeiramente em transe, um estado que se torna extenuante e deprimente.

Esse exercício é especialmente indicado para permitir que a imaginação criativa se manifeste e pode ser utilizado em arte ou aulas de redação, como também em covens.

Um ritual é, em parte, uma questão de representação teatral. Algumas pessoas apreciam muito esse aspecto da Feitiçaria; outras tornam-se tímidas e rígidas diante de um grupo. Os membros mais retraídos, todavia, podem canalizar o poder de outras maneiras. Brook, por exemplo, raramente deseja organizar o círculo ou invocar a Deusa, mas, quando canta, sua voz que normalmente é agradável porém não extraordinária transforma-se em um canal para o poder, misteriosa e sobrenatural.

O treinamento mágico varia muito de um coven para outro, mas seu objetivo é sempre o mesmo: revelar a consciência da luz das estrelas, a outra maneira de saber que pertence ao hemisfério direito e permite que entremos em contato com o Divino que existe dentro de nós. O iniciante deve desenvolver quatro habilidades básicas: relaxamento, concentração, visualização e projeção.

O relaxamento é importante pois qualquer forma de tensão obstrui a energia. A tensão muscular é sentida sob a forma de estresse mental e emocional, e estresses emocionais causam tensão física e muscular e doenças. O poder que tenta movimentar-se por um corpo tenso é como uma corrente elétrica tentando abrir caminho através de uma séria de resistências. Grande parte da essência é perdida ao longo do trajeto. O

relaxamento físico parece alterar também o padrão das ondas cerebrais e ativa centros que, normalmente, não são utilizados.

EXERCÍCIO 9: RELAXAMENTO

(Este pode ser feito sozinho, em grupo ou com um parceiro. Comece deitando de costas. Não cruze os braços ou pernas. Afrouxe qualquer roupa que estiver causando algum tipo de compressão.)

“ A fim de conhecermos o relaxamento, em primeiro lugar, devemos experimentar a tensão. Vamos tensionar todos os músculos do corpo, um por um, e mente-los tensos até relaxarmos todo o nosso corpo em uma só respiração. Não aperte os músculos para que não tenha câibra, somente retese-os ligeiramente.

“Comece com os dedos do pé. Tensione os dedos do pé direito... e, agora do pé esquerdo. Tensione o pé direito... e o pé esquerdo. O calcanhar direito...e o calcanhar esquerdo...

(Continue passando por todo o corpo, parte por parte. De vez em quando, relembre o grupo para que tensione quaisquer músculos que deixaram soltos.)

“Agora tensione seu couro cabeludo. Todo seu corpo está tenso... sinta a tensão em cada parte. Tensione quaisquer músculos que estejam afrouxados. Agora respire fundo... aspire...(pausa)...expire...e relaxe!

“ Relaxe completamente. Você está completa e totalmente relaxado.” (Em tom de melopéia:) “ Os dedos de sua mão estão relaxados e os dedos do seu pé estão relaxados. Suas mãos estão relaxadas e seus pés estão relaxados. Seus pulsos estão relaxados e seus calcanhares estão relaxados.”

(E, assim por diante, por todo o corpo. Periodicamente, pare e diga:)

“Você está completa e totalmente relaxado. Completa e totalmente relaxado. Seu corpo está leve; como se fosse água, como se estivesse desmanchando na terra.

“Permita-se ser levado e vagar tranqüilamente em seu estado de relaxamento. Se quaisquer preocupações ou ansiedades perturbarem a sua paz, imagine-as escoando de seu corpo como água e fundindo-se à terra. Sinta-se sendo purificado e renovado.”

(Permaneça em estado de relaxamento profundo por uns dez ou quinze minutos. É bom praticar esse exercício diariamente, até que seja capaz de relaxar completamente pela só razão de deitar-se e soltar-se, sem necessidade de passar por todo o processo. Pessoas que têm dificuldades para dormir verificarão a eficácia desse exercício. No entanto, não se permita adormecer, A sua mente está sendo treinada para ficar relaxada mas alerta. Posteriormente, você utilizará esse estado para trabalhos de transe, que é muito mais difícil se você não tem o hábito de permanecer acordado. Se você pratica à noite, antes de dormir, sente-se, abra os olhos e, conscientemente, termine o exercício antes de dormir.

Vários dos outros exercícios podem ser mais eficazmente praticados em um estado de relaxamento profundo. Experimente-os, a fim de descobrir o que funciona melhor para você.)

Visualização é a capacidade de ver, ouvir, sentir, tocar e sentir o sabor com os sentidos internos. Nossos olhos físicos não vêem; eles meramente transmitem impulsos através da estimulação da luz para o cérebro. É o cérebro que vê, e ele é capaz de ver imagens internas tão nitidamente quanto as do mundo externo. Nos sonhos, todos os cinco sentidos são intensos. Através da prática, a maioria das pessoas pode desenvolver a capacidade de usar ativamente os sentidos internos quando acordados.

Algumas pessoas naturalmente vêem imagens; outras podem ouvir ou sentir impressões. Algumas poucas pessoas têm dificuldades ou acham impossível visualizar, mas a maioria descobre que se torna fácil através da prática.

A visualização é importante porque é através das imagens e sensações internas que nos comunicamos com o self mais jovem e o self profundo. Quando os sentidos internos estão totalmente despertados, podemos ter visões de extraordinária beleza, sentir o perfume das flores da ilha das Maçãs, provar ambrósia e ouvir as canções dos deuses.

EXERCÍCIO 10 : CONCENTRAÇÃO E CENTRALIZAÇÃO

Antes de dar início à prática da visualização, devemos nos concentrar e centrar. Esta é, novamente, uma das técnicas básicas do trabalho mágico. Concentração significa estabelecer uma ligação energética com a terra. O exercício da Árvore da Vida é um dos métodos de concentração. O outro é visualizar uma corda ou um mastro que se estende da base de sua espinha dorsal até o centro da terra. Centre-se alinhando o corpo ao longo de seu centro de gravidade. Respire a partir de seu centro – do seu diafragma e abdome. Sinta a energia fluir da terra e ocupar você.

A concentração é importante pois permite que você sorva a vitalidade da terra, em lugar de esgotar a sua. Quando canaliza energia, ela serve como um pára-raios psíquico: as forças atravessam você em direção à terra, ao invés de lhe “queimarem” mente e corpo.

EXERCÍCIO 11: VISUALIZAÇÕES ELEMENTARES

Este exercício é para os que têm dificuldades em visualizar. Concentre-se e centre-se. Feche os olhos e imagine que está olhando para uma parede branca ou uma tela vazia. Pratique visualizar formas geométricas simples: uma linha, um ponto, um círculo, um triângulo, uma elipse e assim por diante.

Quando você for capaz de ver nitidamente as formas, visualize a tela em cores: vermelha, amarela, azul, alaranjada, violeta e preta, uma de cada vez. Pode ajudar se você olhar para um objeto colorido, antes, com os olhos abertos; a seguir, feche os olhos e mentalmente veja a cor.

Finalmente, pratique visualizar as formas geométrica em várias cores. Altere as cores e formas até que, com espontaneidade, possa fazê-lo mentalmente.

EXERCÍCIO 12: A MACÃ

Visualize uma maçã. Segure-a em suas mãos; vire-a; sinta-a. Sinta a forma, o tamanho, o peso, a textura. Repare a cor, o reflexo da luz em sua casca. Traga-a para junto de seu nariz e cheire-a; De uma mordida e prove-a; ouça o som feito por seus dentes ao morde-la. Coma a maçã; sinta-a descendo por sua garganta. Veja-a tornando-se menor. Quando você tiver comido ela até o caroço, deixe-a desaparecer.

Repita com outros alimentos. Casquinhas de sorvetes são materiais excelentes.

EXERCÍCIO 13: O PENTAGRAMA

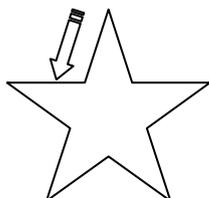
Visualize uma linha de chamas azuis tremeluzente, como a chama de gás de um maçarico. Agora, mentalmente desenhe um pentagrama, uma estrela de cinco pontas, com uma ponta para cima, na direção da invocação, começando por cima e

movimentando para baixo para a esquerda. (Ver ilustração). Veja-o formando-se a partir da chama azul. Retenha a imagem em sua mente por alguns momentos.

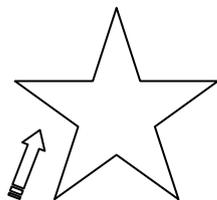
Agora, trace-o novamente na direção da expulsão, começando pelo canto esquerdo de baixo e movimentando-se para cima. Ao fazê-lo veja-o desaparecendo.

Pratique até que a imagem venha para você facilmente. Essa visualização faz parte da disposição de um círculo.

PENTAGRAMA DE INVOCAÇÃO



PENTRAGRAMA DE EXPULSÃO



EXERCÍCIO 14: O NÓ

Visualize-se dando um nó, qualquer nó que, com facilidade, na realidade, consiga dar. Tente não ver um retrato mental de si do lado de fora; pelo contrário, coloque-se no retrato. Veja as suas mãos se mexendo e sinta a linha. Sinta cada movimento que faz, finalize o nó e sinta a linha retesando-se.

Esta visualização é utilizada para encerrar um feitiço.

Visualizações mais complexas são fornecidas em capítulos posteriores.

A concentração é a capacidade de focar uma imagem, pensamento ou tarefa, de limitar nosso campo de percepção e expulsar distrações. Como um músculo, ela se fortalece com o exercício.

Atualmente, muitas pessoas praticam formas de meditação oriental – ioga, zen, meditação transcendental – que são excelentes para o desenvolvimento da concentração. Quanto mais forem exercitadas as visualizações, mais fácil se torna a concentração nas imagens. Os próximos três exercícios ajudarão a melhorar a focalização interna.

EXERCÍCIO 15: CONTEMPLAÇÃO DE VELAS

Em um quarto escurecido e silencioso, acenda uma vela. Concentre-se e centre-se e contemple quietamente a vela. Respire profundamente e sinta-se aquecido pela luz da vela. Deixe que seu brilho tranquilo preencha você completamente. A medida que pensamentos surgem em sua mente experimente-os como se viessem de fora. Não deixe

que a chama se divida em uma imagem dupla; mantenha seus olhos focalizados. Permaneça assim por, pelo menos cinco ou dez minutos e, então, relaxe.

EXERCÍCIO 16: O DIAMANTE

Novamente, acenda uma vela em um quarto quieto e pouco iluminado. Concentre-se e centre-se. Contemple a vela e visualize um diamante no centro de sua testa, entre e acima de suas sobrancelhas. O diamante reflete a luz da vela e a vela reflete a luz do diamante. Sinta a reverberação da energia. Mantenha a imagem por, no mínimo, cinco ou dez minutos; relaxe,

EXERCÍCIO 17: ESPELHO, ESPELHO

Concentre-se e centre-se. Em um espelho, mire para dentro de seus olhos. Focalize sua atenção no espaço entre eles. Repita seu nome para você mesmo, várias vezes. Novamente, quando pensamentos surgirem, experimente-os como se estivessem fora de você. Depois de cinco ou dez minutos; relaxe.

A projeção é a capacidade de emitir energia. Ela surge muito naturalmente para a maioria das pessoas, uma vez que estejam cômicas de sua “sensação”. A projeção também é utilizada em um outro sentido, significando a capacidade de viajar para “fora do corpo”; esta forma de projeção será discutida no capítulo 9. No exercício da Árvore da Vida e durante a Respiração em Grupo e Cântico do Poder, já experimentamos o que vem a ser emitir energia. A seguir, mais dois exercícios.;

EXERCÍCIO 18: A PEDRA

Concentre-se e centre-se. Imagine que você está na praia, olhando para as ondas. Em sua mão mais forte, você segura uma pedra pesada. Pegue-a, inspire e quando você expirar, deixe-a voar! Veja-a mergulhar no mar, pouco abaixo da linha do horizonte.

Agora, olhe novamente. Perceba que pode ver um horizonte duas vezes mais longe. Mentalmente, faça um esforço para vê-lo. Em sua mão, segure uma pedra duas vezes maior que a primeira. Mais uma vez, inspire profundamente e, ao expirar, jogue-a com toda a sua força. Acompanhe-a mergulhando nas ondas longínquas.

Outra vez, olhe e perceba que pode ver um horizonte duas vezes mais longe. Em sua mão, segure uma pedra duas vezes mais pesada. Inspire mais uma vez profundamente, e, ao expirar, jogue-a com força! Veja-a cair.

Pratique este exercício até que sinta a liberação de poder que acompanha a pedra.

EXERCÍCIO 19: O MARTELO

Concentre-se e centre-se. Visualize um martelo pesado em sua mão. Um prego teimoso está para fora em uma tábua à sua frente. Com toda sua força, martele o prego na tábua. Repita, num total de três vezes.

Os covens possuem muitas maneiras diferentes de admitir novos membros. Alguns oferecem aulas ou grupos de estudos abertos. Nós preferimos que iniciados se encarreguem de aprendizes individualmente. Cada novato recebe instruções individualizadas, sob medida para as suas necessidades particulares. E cada membro do

coven tem a chance de ser uma autoridade e é forçado a conceituar seu próprio conhecimento a respeito da Arte a fim de poder ensiná-la. Aprendizes e seus professores desenvolvem fortes laços, de tal maneira que cada novato sente que tem relacionamento especial com um membro do grupo. Os aprendizes também desenvolvem laços entre si como grupo. Eles assistem aos rituais juntos, para que ninguém tenha que ser “a única pessoa nova no pedaço”.

Quando treino um aprendiz, penso que sou algo como uma professora de dança. Sugiro normas regulares, inclusive vários dos exercícios apresentados neste capítulo, o “trabalho de barra básico” da magia. Adicionalmente, tento identificar áreas de fraquezas e desequilíbrio e prescrevo exercícios corretivos. Por exemplo, para um estudante cuja mente continuamente perambula, sugiro exercícios de concentração. Para Paul, por outro lado, que estuda há anos com uma seita budista e consegue, de acordo com as suas próprias palavras, “atravessar paredes”, sugeri correr diariamente. Durante os rituais, aprendizes têm a chance de combinar habilidades aprendidas através da prática solitária em uma complexa dança de poder com o coven e entre si.

Como procedimento básico e diário, recomendo três coisas. Primeiro, exercício físico regular. A importância desse item não pode ser menosprezada. Infelizmente, é das coisas mais difíceis conseguir que as pessoas o façam. A Arte tem a tendência a atrair tipos mentais e espirituais, ao invés de atletas vigorosos. Mas, o trabalho psíquico e mágico exige uma vitalidade tremenda – literalmente, a energia do raio, do self mais jovem. Essa vitalidade é reabastecida e renovada através da atividade física, um pouco como o movimento das rodas de um automóvel que ativa o dínamo, que recarrega as baterias. Trabalho mental e espiritual excessivos, que não for equilibrado com exercícios físicos, esgota nossas baterias etéreas. Às vezes, ioga é adequada, mas geralmente é ensinada como uma disciplina espiritual que abre os centros psíquicos, em vez de aumentar a vitalidade física. Para os nossos objetivos, correr, nadar, andar de bicicleta, jogar tênis ou andar de patins é melhor, algo ativo e agradável e que nos põe em contato com a natureza. Bruxos fisicamente incapacitados podem encontrar um regime apropriado para as suas necessidades e capacidades. Se se pode passar algum tempo, todos os dias, ao ar livre, num gramado ou sob uma árvore, onde se possa beber-se das energias elementares, colher-se-á muitos dos mesmos benefícios que os corredores de maratonas.

A segunda coisa que recomendo aos estudantes são os exercícios de relaxamento diários e o exercício diário de meditação, visualização ou concentração. Estes, mudam, freqüentemente, à medida que o estudante evolui. Algumas pessoas praticam vários ao mesmo tempo, mas um já é o suficiente. Ficamos sobrecarregados quando há excesso. Certa vez, durante meu próprio treinamento, acordei pela manhã e fiz um exercício de transe sentada diante da máquina de escrever por uma hora, depois vinte minutos de ioga, incluindo as meditações dos quatro elementos e a Visualização do Círculo do capítulo 4. Mais tarde, neste mesmo dia, pratiquei o relaxamento profundo e um transe deitada. À noite, realizei a contemplação de velas, uma purificação pela água e uma variedade de feitiços pessoais. Infelizmente, dispunha de muito pouco tempo para viver de verdade. Após algumas semanas, decidi que a moderação era a essência da sabedoria, na magia, assim como em outras coisas.

A terceira prática que sugiro é a manutenção de um diário mágico, chamado Livro das Sombras. Tradicionalmente, era um “livro de receitas” de rituais, feitiços, cânticos e encantamentos que cada bruxa copiava a mão sob a orientação de seu professor. Atualmente, apesar de enrubescer ao admiti-lo, tal informação é geralmente xerocada para a distribuição pelo coven. O Livro das Sombras é mais do que um diário pessoal. Ele pode incluir descrições de rituais, registros de sonhos, reações a exercícios,

poemas, histórias e viagens em transe. Bruxos solitários podem fazer uso de seu livro das sombras para desenvolverem um pouco de objetividade que, normalmente, advém do trabalho em um coven. Tristine Rainer, em *The New Diary*, descreve até mesmo técnicas de utilização de anotações em diários para a recordação de vidas passadas.

Útero, grupo de apoio, escola de treinamento mágico e comunidade de amigos – o coven é o coração da Arte. Dentro do círculo, cada feiticeira é treinada para desenvolver seu poder interior, sua integridade mental, corporal e espiritual. Como em uma família, as assembléias, às vezes, têm suas querelas. Mas, quando o círculo está organizado, quando o cone é elevado e, juntas, as pessoas invocam os deuses, reconhecem em cada uma a deusa, o deus, o espírito da vida em todos. E, deste modo, quando cada iniciado é desafiado a entrar no círculo, ele diz a única senha: “perfeito amor e perfeita confiança”.

A DANÇA COSMICA DAS FEITICEIRAS

CAPITULO QUATRO

CRIANDO O ESPAÇO SAGRADO

ENTRE OS MUNDOS

A ORGANIZAÇÃO DO CIRCULO

O quarto está iluminado somente por velas tremeluzentes em cada um dos pontos cardeais. Os membros do coven estão de pé, formando um círculo, as mãos unidas. Com sua *athame*, a faca consagrada desembainhada, a sacerdotisa² dirige-se ao altar e saúda o céu e a terra. Ela se vira e caminha até o canto leste, acompanhada de dois membros, um conduzindo o cálice de água salgada, o outro o incenso fumegante. Eles estão de frente para o leste. A sacerdotisa eleva sua faca e brada:

Salve, guardiões das Torres de Observação do Oriente,
Poderes do ar!
Invocamos você e chamamos você,
Águia dourada do amanhecer,
Caçadoras de estrelas,
Turbilhão,
Sol nascente,
Vinde!
Pelo ar que é o seu sopro,

² Por conveniência literária, designei a sacerdotisa como a organizadora do círculo. Mas qualquer membro qualificado, homem ou mulher, pode desempenhar esse papel.

Envie sua luz,
Faça-se presente agora!

Enquanto fala, traça no ar o pentagrama de invocação com sua faca. Ela o vê, brilhando com pálida chama azul, e através dele sente forte lufada de vento, varrendo uma planície iluminada pelos primeiros raios do amanhecer. Ela respira profundamente, atraindo o poder, e então canaliza-o para a faca, que aponta para o chão.

Ao borrifar a água três vezes, o primeiro membro exclama, “com sal e água eu purifico o leste!” O segundo membro desenha o pentagrama de invocação com incenso, dizendo, “Com fogo e ar, eu exorto o leste!”.

A sacerdotisa, com a faca apontada para fora, traça os limites do círculo. Ela o vê tomar forma através do olho de sua mente, enquanto os demais continuam, para cada uma das quatro direções, repetindo a invocação, a purificação e a exortação:

Salve, guardiões das torres de observação do sul,
Poderes do fogo!
Invocamos você e chamamos você,
Leão vermelho do calor do meio-dia,
Ser Flamejante!
Quentura de verão,
Fagulha de vida,
Vinde!
Pelo fogo que é o seu espírito,
Envie a sua chama,
Faça-se presente agora!

Salve, guardiões das torres de observação do oeste,
Poderes da Água!
Invocamos você e chamamos você,
Serpente das profundezas do mar,
Fazedor de chuvas,
Crepúsculo cinéreo,
Estrela do anoitecer!
Pelas águas de seu útero vivo,
Envie sua abundância,
Faça-se presente agora!

Salve, guardiões das torres de observação do norte,

Poderes da terra,
Pedra angular de todos os poderes.
Invocamos você e chamamos você,
Senhora da escuridão interior,
Touro negro da meia-noite,
Estrela do norte,
Centro da espiral celeste,
Rocha,
Montanha,
Campo fértil,
Vinde!
Pela terra que é o seu corpo,
Envie a sua força
Faça-se presente agora!

A sacerdotisa traça o último elo do círculo, terminando no leste. Novamente, ela saúda o céu e a terra, volta-se e toca a ponta de sua athame no caldeirão central e diz,

O círculo está montado.
Estamos entre os mundos,
Além dos limites do tempo,
Onde noite e dia,
Nascimento e morte,
Alegria e tristeza
Tornam-se uma só coisa.

O segundo membro conduz um círio para a vela do ponto sul e com ele acende as que se encontram ao redor do caldeirão central e no altar, dizendo,

O fogo está aceso,
O ritual começou.

Retornam ao círculo. O primeiro membro sorri para a pessoa à esquerda e a beija, dizendo,

“Em perfeito amor e perfeita confiança.”
O beijo percorre o círculo.

“ A manifestação de Deus... envolve a criação de um novo espaço, no qual as mulheres são livres para serem o que são...

Seu centro é o limite das instituições patriarcais... seu centro é a vida das mulheres que começam a se libertar rumo à totalidade.”

“ O ingresso em um novo espaço... também envolve entrar em um novo tempo... O centro do novo tempo está no limite do tempo patriarcal... É a nossa vida. É qualquer momento que estejamos vivendo fora de nossa sensação de realidade, recusando-nos a sermos possuídos, dominados e alienados pelo sistema patriarcal de tempo linear, delimitado e quantitativo.”

Mary Daly

Em Feitiçaria, definimos um novo espaço e um novo tempo toda vez que organizamos um círculo para um ritual. O círculo existe nos limites do espaço e tempo comuns; encontra-se “entre os mundos” daquilo que é visível e invisível, da consciência da luz das estrelas e da luz fugidia, um espaço onde as realidades alternativas se encontram, onde passado e futuro estão abertos para nós. O tempo não é mais delimitado; torna-se elástico, fluido, o redemoinho em uma lagoa na qual mergulhamos e nadamos. As restrições e distinções de nossos papéis socialmente definidos não têm mais valor; somente as normas da natureza é que dominam, a regra de Ísis, que afirma: “Aquilo que transformei em lei não pode ser desfeito pelo homem.” No círculo, no poder existente dentro de nós, a Deusa e deuses antigos são revelados.

A disposição de um círculo é uma meditação representativa. Cada gesto que fazemos, cada instrumento que utilizamos, cada poder que invocamos, ressoa através de camadas de significados a fim de despertar um aspecto de nós mesmos. As formas exteriores acobertam visualizações interiores, de tal maneira que o círculo transforma-se numa mandala viva, na qual encontramos-nos centrados.

Quando organizamos um círculo, criamos uma forma energética, uma fronteira que limita e contém os movimentos das forças sutis. Em bruxaria, a função do círculo não é, essencialmente, a de manter *afastadas* as energias negativas, mas *guardar* o poder, a fim de que ele possa atingir a plenitude. Não se pode ferver água sem colocá-la em uma chaleira, assim como não se evoca o poder efetivamente, a menos que ele esteja contido. Desestimula-se o abandono do círculo durante o ritual, pois, desse modo, há uma tendência para a dissipação da energia, apesar de que gatos e crianças muito pequenas parecem passar por ele sem causarem perturbações em seu campo de forças. Os adultos geralmente traçam um “portão”, através de uma pantomima com uma *athame*, no caso de precisarem sair do círculo antes do término do ritual.

A disposição do círculo marca o início formal do ritual, a “informação” complexa que nos indica quando alterar nossa percepção para uma modalidade mais profunda. No ritual, “suspendemos a dúvida”, da mesma maneira que o fazemos quando assistimos a uma peça; permitimos que as funções críticas e analíticas do *self* mais jovem possa responder completa e emocionalmente em relação ao que está acontecendo. O *self* mais jovem, conforme já foi visto, responde melhor diante de atos, símbolos e coisas palpáveis, portanto essa alteração na consciência é representada pelo uso de uma rica coleção de símbolos e ferramentas.

Nos círculos permanentes de pedra da era megalítica, onde rituais foram montados durante centenas de anos, grandes reservatórios de poder eram construídos. Visto que as pedras definiam o espaço sagrado, não havia a necessidade de traçar o círculo como o fazemos. A forma circular utilizada pela maioria dos bruxos atualmente originou-se, provavelmente, à época das fogueiras, quando reuniões eram mantidas em segredo, dentro das casas, e tornou-se necessário criar um templo em uma cabana simples. Pode ser que as bruxas tenham se apoderado de algumas formas dos cabalistas. Diz-se que, freqüentemente, as bruxas acolhiam judeus perseguidos por cristãos e que trocavam conhecimentos. (Devo admitir que, enquanto os bruxos em geral gostam de acreditar que isso seja verdade, os judeus parecem não ter dado atenção ao assunto ou, se a deram, não estão alardeando o fato.)

Antes de qualquer ritual há sempre um período de purificação, durante o qual participantes livram-se de preocupações, inquietações e ansiedades que podem dificultar a sua concentração. Alguns *covens* simplesmente aspergem (borrifam) cada membro com água salgada à medida que o círculo se organiza. Em rituais muito grandes, este é o único método prático. Mas, para pequenos grupos e trabalhos importantes, usamos um exercício de meditação mais intenso, conhecido como Purificação com Água Salgada.

Sal e água são elementos purificadores. A água, obviamente, lava. O sal preserva da decadência e é um desinfetante natural. O oceano, o útero da vida, é água salgada, como o são as lágrimas que nos ajudam a purificar o coração de suas tristezas.

EXERCÍCIO 20: PURIFICAÇÃO COM ÁGUA SALGADA

(Esta é uma das meditações individuais básicas que deve ser praticada regularmente. Durante períodos de muita ansiedade ou depressão ou quando assumindo pesadas responsabilidades, é de grande auxílio exercitá-la diariamente.)

Encha uma taça com água. (Utilize seu cálice ritual, caso você o tenha.) Com sua *athame* (ou outro implemento), adicione três porções de sal e mexa em sentido horário.

Sente-se com a taça em seu colo. Deixe que seus temores, preocupações, dúvidas, ódios e decepções venham à sua mente. Veja-os como uma correnteza lamacenta que flui para fora de você enquanto você respira e é dissolvida pelo sal na taça. Conceda-se tempo para se sentir profundamente purificado.

Agora, eleve a taça. Respire profundamente e sinta-se sorvendo poder da terra (como no exercício da Árvore da Vida). Deixe o poder fluir para a água salgada, até que você seja capaz de visualizá-lo brilhando com luz.

Tome um gole de água. Enquanto você a sente em sua língua, saiba que recebeu o poder da purificação, da cura. Medo e infelicidade transformam-se no poder da mudança.

Esvazie o restante da água em um córrego. (Infelizmente, nestes tempos de decadência, a água corrente mais próxima geralmente é a que desce pelo ralo da pia da cozinha.)

EXERCÍCIO 21: PURIFICAÇÃO EM GRUPO COM ÁGUA SALGADA

Membros do *coven* se reúnem em grupo, com incenso e as velas acesas. A sacerdotisa vai até o altar, concentra-se e centra-se. Ela toma a taça de água em sua mão direita, dizendo “abençoada seja, criatura da água”. Ela toma o prato com sal em sua mão esquerda e diz “abençoada seja, criatura da terra”. Ela eleva ambos para o céu, com os braços esticados, e deixa que o poder flua para dentro deles, dizendo,

Sal e água,
Dentro e fora,

Espírito e corpo,
Sejam purificados!
Eliminem tudo que seja prejudicial
Absorvam tudo que é bom e saudável!
Pelos poderes da vida, morte e renascimento
Que assim seja feito!

Ela os coloca no altar e empunhando a *athame* na sua mão mais forte, dizendo “abençoada seja, criatura da arte”. Ela despeja três porções de sal na água e mistura-as no sentido anti-horário, dizendo

Que esta *athame* seja purificada,
E que estes instrumentos e este altar sejam purificados,

Enquanto borrifa o altar com algumas gotas e a seguir saúda céu e terra:

Em nome da vida e da morte, que assim seja feito!

Ela, então, segura o cálice próximo a seu coração e carrega a água com poder. Quando sentí-lo irradiante, retorna ao círculo. O cálice é passado ao redor do círculo e cada pessoa realiza a sua purificação particular. Algumas talvez cantem suavemente enquanto o cálice estiver sendo passado. Em um grupo grande, três ou quatro cálices são carregados ao mesmo tempo; caso contrário, o cálice pode levar horas para percorrer o círculo.

Quando o cálice volta para a sacerdotisa, ela envia um beijo para ser passado pelo círculo. Se o espaço da reunião for considerado como carente de purificação especial, a seguinte expulsão pode ser realizada.

EXERCÍCIO 22: EXPULSÃO

Após a purificação, a sacerdotisa toma a espada ou *athame* e dirige-se ao centro do círculo. Ela aponta a lâmina para a terra e para o céu e, vigorosamente, diz,

Espíritos do mal,
Seres hostis,

Convidados indesejados,
Fora!
Abandonem-nos, abandonem este lugar, abandonem este círculo,
Para que os deuses possam entrar.
Ide ou lancem-se na escuridão!
Ide ou lancem-se nas profundezas do mar!
Ide ou ardam nas chamas!
Ide ou sejam arrastados pelo redemoinho!
Pelos poderes da vida, da morte e do renascimento.

Todo o *coven* em uníssono grita:

Nós expulsamos você! Nós expulsamos você! Nós expulsamos você!
Ide!

Todos berram, gritam, batem palmas, tocam sinos e fazem barulho para expulsar as forças negativas.

A água do banho pode ser “carregada”³ e alguns cristais de sal adicionados; os membros do *coven* podem tomar um banho ritual antes de entrar no círculo. Isto será descrito, em maiores detalhes, no capítulo 10, sobre a iniciação. Devido às limitações de tempo e água quente, é melhor fazê-lo em casa.

O conceito de círculo quaternário é básico para Feitiçaria, assim como para várias culturas e religiões. As quatro direções e a Quinta, o centro, correspondem e refletem uma qualidade do ser, de um elemento, uma parte do dia ou ano, aos instrumentos da Arte, animais simbólicos e formas de poder pessoal. A visualização constante destas conexões cria ligações internas profundas, de tal maneira que a ação física desencadeia estados interiores. A disposição de um círculo desperta, então, todas as partes do ser e nos coloca em contato com a mente, a energia, as emoções, o corpo e o espírito, para que constantemente tornemo-nos um todo.

Os “guardiões das torres de observação” são formas de energia, os *raiths* ou espíritos dos quatro elementos. Trazem a energia elemental da terra, ar, fogo e água para dentro do círculo, para aumentar nosso poder humano. A viagem de poder criada

³ “Carregar” magicamente um objeto significa imbuí-lo de energia.

quando invocamos as quatro direções protege o círculo de intrusões e atrai os altos poderes da Deusa e do Deus.

Cada movimento em um ritual é dotado de significado. Quando nos movimentamos no sentido do sol ou do relógio, “deosil”, acompanhamos a direção que o sol aparenta movimentar-se no hemisfério norte e aspiramos o poder. “Deosil” é a direção do aumento, da prosperidade, da benevolência e da bênção. Quando nos movimentamos em direção contrária ao sol ou em sentido anti-horário, estamos indo contra o sol e essa direção é utilizada para a diminuição e expulsões.

Os instrumentos, os objetos físicos que utilizamos em Feitiçaria, são os representantes palpáveis das forças invisíveis. A mente trabalha a magia e nenhuma faca cuidadosamente forjada ou bastão elegante pode fazer mais do que o poder de uma mente treinada. Os instrumentos simplesmente auxiliam na comunicação com o *self* mais jovem, que responde muito melhor a coisas perceptíveis do que abstratas.

Existem duas escolas de pensamento básicas na Arte: a escola de cerimonial mágico e aquilo que chamo de escola da cozinha mágica. Cerimonialistas são puristas, que consideram que instrumentos mágicos jamais devem ser manuseados por terceiros ou utilizados para quaisquer propósitos que não os do ritual. Objetos podem tornar-se reservatórios de poder psíquico, o qual pode ser desperdiçado, por exemplo, cortando fruta com sua *athame*. Bruxas de cozinha mágica, por outro lado, sentem que a Deusa manifesta-se tanto em tarefas comuns como em círculos mágicos. Quando se corta uma fruta com a *athame*, consagra-se a fruta e uma tarefa doméstica torna-se uma tarefa sagrada. Qualquer que seja a escola que se siga, é considerado desrespeitoso manusear os instrumentos de outra bruxa sem pedir permissão.

Ferramentas pode ser compradas, feitas a mão por você mesmo, dadas como presentes ou encontradas em circunstâncias, às vezes, pouco comuns. *Mother Moth*, de Compost, encontrou sua *athame* jogada na linha branca divisória de uma auto-estrada, quando se dirigia para casa, tarde da noite. Um conjunto de ferramentas, às vezes, é dado para um novo iniciado pelo *coven*. Ao comprar ferramentas mágicas, jamais pechinche.

As relações podem diferir em variadas tradições e as interpretações de simbolismos nem sempre são consonantes. As

seguintes correlações são utilizadas na tradição das fadas (tabelas completas são fornecidas nas que têm início à página 315).⁴

O LESTE

O leste corresponde ao elemento ar, à mente, ao amanhecer, primavera, cores pálidas e translúcidas, branco e violeta, à águia e pássaros que voam alto, e ao poder de *saber*. Seus instrumentos são a *athame* e a espada, usadas intercaladamente. A *athame* é, tradicionalmente, uma faca de lâmina dupla com um cabo preto, mas as pessoas usam de facas de cozinha a canivetes do exército suíço, completos, com saca-rolhas, tão indispensável para abrir o vinho do ritual. Muitos bruxos não têm uma espada; elas são teatrais em rituais grandes e abertos, mas incômodas em espaços reduzidos.

EXERCÍCIO 23: MEDITAÇÃO DO AR

Fique de frente para o leste. Concentre-se e centre-se. Respire profundamente e torne-se consciente do ar enquanto ele flui para dentro e para fora de seus pulmões. Sinta-o como o sopro da Deusa e absorva a força vital, a inspiração, do universo. Deixe que a sua própria respiração incorpore-se ao vento, às nuvens, às grandes correntes que varrem o campo e o oceano com o movimento da terra. Diga “salve, Arida, iluminada senhora do ar!”

EXERCÍCIO 23: ATHAME OU MEDITAÇÃO DA ESPADA

Concentre-se e centre-se. Segure sua *athame* ou espada em sua mão mais forte. Respire profundamente e absorva o poder do Ar, o poder da mente. O poder deste instrumento é o da discriminação, traçar linhas, determinar limites, fazer escolhas e executá-las. Lembre-se de escolhas que fez e levou adiante apesar das dificuldades. Sinta o poder de sua mente para influenciar ou outros e a força de sua responsabilidade para não

⁴ Essas tabelas de correlações são as que passei para a lista.

fazer mau uso deste poder. Você tem a força para agir eticamente, de acordo com aquilo que acredita ser correto. Deixe o poder de sua inteligência, sua sabedoria, sua coragem moral, fluírem para o seu instrumento.

O SUL

O sul corresponde ao elemento fogo, à energia ou espírito, ao meio-dia, ao verão, alaranjados e vermelhos ferosos, ao leão solar e à qualidade da vontade. Seu instrumento é o bastão, que pode ser um ramo delgado de uma avelãzeira, um forte cajado de carvalho ou um pedaço magicamente trabalhado de madeira. O bastão é utilizado para canalizar energia, para direcionar um cone de poder e para invocar deus ou deusa.

EXERCÍCIO 25: MEDITAÇÃO DO FOGO

Fique de frente para o sul. Concentre-se e centre-se. Torne-se consciente da fagulha elétrica dentro de cada nervo enquanto impulsos pulam de sinapse para sinapse. Conscientize-se da combustão dentro de cada célula, enquanto o alimento é queimado para liberar energia. Deixe seu fogo unir-se à chama da vela, à fogueira, ao fogo da lareira, ao raio, à luz das estrelas e do sol, unido ao espírito resplandecente da deusa. Diga “salve, Tana, deusa do fogo!”

EXERCÍCIO 26: MEDITAÇÃO DO BASTÃO

Concentre-se e centre-se. Segure seu bastão em sua mão mais forte. Respire profundamente e sinta o poder do fogo, da energia. Esteja consciente de si como um canal de energia. Você pode transformar espírito em matéria, idéia em realidade, conceito em forma. Sinta o seu próprio poder para criar, para realizar, para ser um agente de mudanças. Entre em contato com sua vontade, seu poder para fazer o que deve ser feito, de determinar uma meta e trabalhar para alcançá-la. Deixe sua vontade fluir para o bastão.

O OESTE

O oeste corresponde ao elemento água, às emoções, ao crepúsculo, outono, aos azuis, cinza, roxos profundos e verde dos mares, às serpentes do mar, golfinhos, peixes, ao poder de *ousar*. Do oeste vem a coragem de encarar nossos sentimentos mais profundos. Seu instrumento é a taça ou cálice, que contém a água salgada ou bebida do ritual.

EXERCÍCIO 27: MEDITAÇÃO DA ÁGUA

Fique de frente para o oeste. Concentre-se e centre-se. Sinta o sangue fluindo através dos rios de suas veias, as marés líquidas dentro de cada célula do seu corpo. Você é líquido, uma gota congelada do oceano original que é o útero da Grande Mãe. Descubra os calmos lagos de tranqüilidade dentro de você, os rios de sentimentos, as correntes de poder. Afunde profundamente no poço de sua mente interior, abaixo do nível de sua consciência. Diga “salve, Tiamat, serpente das profundezas do mar!”

EXERCÍCIO 28: MEDITAÇÃO DA TAÇA

Concentre-se e centre-se. Segure sua taça com ambas as mãos. Respire profundamente e sinta o poder da água, do sentimento e da emoção. Entre em contato com o fluxo de suas emoções: amor, raiva, tristeza, alegria. A taça é o símbolo da nutrição, o seio abundante da Deusa que alimenta toda a vida. Esteja consciente de como você é nutrido, de como você alimenta os outros. O poder de sentir é o poder de ser humano, de ser verdadeiro, de ser inteiro. Deixe a força de suas emoções inundarem a taça.

O NORTE

O norte é considerado como a direção mais poderosa. Sendo que o sol jamais alcança o hemisfério norte, ele é a direção do mistério, do invisível. A estrela do norte é o centro, ao redor da qual os céus giram. Os altares são posicionados para o norte na Arte. O norte corresponde à Terra, ao corpo, à meia-noite, inverno, marrom, preto e o verde da vegetação. Do norte vem o poder de permanecer em silêncio, de ouvir assim como falar, de guardar segredos, de saber aquilo que não deve ser dito. A Deusa como a donzela da escuridão, a lua nova que ainda não é visível e o deus como o touro sagrado, são os tótemes do norte, e seu instrumento é o pentagrama, o principal símbolo da Arte. Uma estrela de cinco pontas, com uma ponta para cima, assentada no círculo da lua cheia, o pentagrama pode ser gravado em uma placa, vitrificado em um prato de cerâmica ou moldado com o “barro do padeiro”, a massa de pão e sal. Ele é usado para concentrar energia ou como uma travessa para servir os bolos sagrados.

EXERCÍCIO 29: MEDITAÇÃO DA TERRA

Fique de frente para o norte. Concentre-se e centre-se. Sinta seus ossos, seu esqueleto, a solidez de seu corpo. Conscientize-se de seu corpo, de tudo o que possa ser tocado e sentido. Sinta a força da gravidade, seu próprio peso, sua atração para a terra, que é o corpo da Deusa. Você é um traço natural, uma montanha em movimento. Una-se a tudo que vem da terra: grama, árvores, grãos, frutas, flores, animais, metais e pedras preciosas. Retorne ao pó, à matéria orgânica, à lama. Diga “salve, Belili, mãe das montanhas!”

EXERCÍCIO 30: MEDITAÇÃO DO PENTAGRAMA – OS CINCO ESTÁGIOS DA VIDA

Concentre-se e centre-se. Segure seu pentagrama com ambas as mãos. Respire profundamente e sinta o poder da terra, do seu corpo. O pentagrama é o seu próprio corpo, quatro membros e cabeça. Ele é os cinco sentidos, tanto interiores quanto exteriores. Entre em contato com seu próprio poder de ver, ouvir, cheirar, provar, tocar. O pentagrama são os quatro elementos, mais o quinto, a essência. E significa os cinco estágios da vida, cada qual um aspecto da Deusa:

1. *Nascimento*: o início, o tempo de vir a ser
2. *Iniciação*: adolescência, o tempo da individuação
3. *Amor*: o tempo da união com o outro, da plena maturidade, sexualidade, responsabilidade.
4. *Repouso*: o tempo da idade que avança, da reflexão, integração, sabedoria
5. *Morte*: o tempo de terminar, de soltar-se, de movimentar-se em direção ao renascimento.

Olhe para o seu pentagrama ou o desenho em uma folha de papel. Marque as cinco estações, em sentido horário pelos pontos e experimente cada estágio individualmente, como ele ocorre em um tempo de vida e dentro do breve espaço de cada nova atividade ou relacionamento. Trace as linhas interligadas e reflita sobre os seus significados. O amor está ligado ao nascimento e à morte. A morte está ligada ao amor e à iniciação.

No alfabeto da árvore genealógica goidélica⁵, cada um dos cinco estágios era simbolizado por uma árvore, cujo nome começava com uma das cinco vogais:

A: *Nascimento*: ailm, abeto prateado

O: *Iniciação*: onn, tojo

U: *Amor*: ura, urze

E: *Repouso*: eadha, faia preta

I: *Morte*: idho, teixo

Cante os sons das vogais e sinta o poder de cada estágio, um por um. Toque seu corpo com o pentagrama e deixe que a força vital de seu corpo flua para ele.

EXERCÍCIO 31: O PENTAGRAMA DE FERRO

(Um pentagrama é um pentáculo desenhado ou escrito. É um instrumento de meditação da tradição das fadas e um importante exercício de treinamento.)

⁵ Goidélico refere-se aos celtas gaélicos (irlandeses, escoceses, habitantes da ilha de Man) como opostos aos celtas bretônicos (galeses, cónicos e bretões).

Concentre-se e centre-se. Em seu Livro das Sombras, desenhe um pentagrama com linhas interligadas e marque os pontos, em ordem, no sentido horário: “Sexo”, “*Self*”, “Paixão”, “Orgulho” e “Poder”.

Sexo é a manifestação do impulso da energia da força vital do universo. É a polaridade, a atração de Deus e Deusa, o vaivém da pulsação que sustenta o universo, a harmonia orgástica e extática que canta dentro de cada ser.

Self é identidade, individualidade. Cada um de nós é uma manifestação única da Deusa e esta individualidade é altamente valorizada na Arte. O amor-próprio é a fundação de todo o amor. “Louve a si próprio e você verá que o *self* está em toda parte.”

Paixão é a força da emoção que dá cor, profundidade e vitalidade à vida. Alegria, tristeza, êxtase, raiva, medo, dor, amor: A Deusa manifesta-se em todas as emoções humanas. Não somos capazes de sentir nenhuma delas, em sua total intensidade, a menos que estejamos dispostos a enfrentá-las.

Orgulho estimula-nos a criar, fazer, crescer e de gozarmos os frutos legítimos de nossas realizações. O verdadeiro orgulho não se baseia em comparações ou na competição; é uma sensação absoluta de nosso valor interior. O orgulho traz consigo a responsabilidade de agirmos de acordo com nosso amor-próprio e respeito pelo *self* presente nos outros.

Poder é energia, poder interior, não poder sobre os outros. Quando as cinco pontas estão em equilíbrio, a força vital flui livremente, enchendo-nos de vitalidade. Poder é integridade, criatividade, coragem: a marca de uma pessoa que é um todo.

Meditate sobre cada uma das pontas individualmente e, então, explore as ligações e conexões: “Sexo-Paixão”, “*Self*-Orgulho”, “Paixão-Poder”, e assim por diante. Deite-se com braços e pernas esticadas, de tal maneira que você forme uma estrela. Deixe que a sua cabeça e cada um dos membros do seu corpo seja uma ponta do pentagrama. Quando você estiver “nas pontas”, todas estarão em equilíbrio. Sentindo que alguma ponta está fraca, trabalhe no sentido de desenvolver aquelas qualidades. Absorva a força do pentagrama de ferro,

EXERCÍCIO 32: O PENTAGRAMA DE PÉROLA

O pentagrama de pérola é um instrumento de meditação, como o pentagrama de ferro. Suas pontas são o amor, sabedoria, conhecimento, lei e poder.

Comece como no exercício de pentagrama de ferro.

O *Amor* é a energia que move a vida. Ele é tanto cegamente erótico, como profundamente pessoal, apaixonado, orgulhoso e poderoso para conosco e os outros. Ele é a lei da Deusa e a essência da magia.

Sabedoria e *Conhecimento* são mais bem compreendidos em conjunto. Conhecimento é aprendizagem, o poder da mente para compreender e descrever o universo. Sabedoria é saber como utilizar o conhecimento e como não utilizá-lo. Conhecimento é saber o que dizer; sabedoria é saber calar. O conhecimento fornece as respostas. A sabedoria faz as perguntas. O conhecimento pode ser ensinado; a sabedoria advém da experiência, de ter cometido erro.

Lei é a lei natural, não a lei dos homens. Quando infringimos as leis naturais, sofremos as conseqüências como resultado natural de nossos atos, não como um castigo. Se alguém contraria a lei da gravidade, cai. A magia funciona dentro dos parâmetros da lei natural, não fora deles. Mas a lei natural pode ter um alcance maior e ser mais complexa do que imaginamos.

Poder, novamente, é o poder que brota de dentro quando o amor, conhecimento, sabedoria e lei encontram-se unidos. O poder, enraizado no amor e equilibrado pelo conhecimento, lei e sabedoria, propicia o crescimento e a cura.

Novamente, medite sobre as pontas e as ligações entre as mesmas. Deite-se na posição do pentagrama, sinta as pontas como parte de você e conscientize-se de seus próprios desequilíbrios. Absorva a beleza do pentagrama de pérola.

CENTRO

O centro do círculo é o ponto de transformação. Ele corresponde à essência pura, à atemporalidade, à luz transparente, ao poder de *ir*, de movimentar, de mudar, transformar. Seu instrumento mágico é o caldeirão, que pode ser a tradicional panela de três pernas ou uma tigela de barro ou metal. O caldeirão contém o fogo, a vela, o incenso, ervas

fumegantes ou uma fogueira. Ele também pode ser uma caçarola de cozinha, na qual o fogo transforma o alimento que iremos comer.

EXERCÍCIO 33: MEDITAÇÃO TRANSFORMADORA

Concentre-se e centre-se. Sussurre suavemente, várias vezes: “Ela transforma tudo o que toca e tudo o que ela toca, transforma-se.” Sinta os constantes processos de mudanças dentro de você, em seu corpo, suas idéias e emoções, seu trabalho e relacionamentos. Dentro de cada pedra imóvel, os átomos encontram-se em movimento constante. Sinta as mudanças ao seu redor, mudança que você conduziu e as que você está prestes a realizar. Até mesmo o encerramento da meditação faz parte do processo de transformação que é a vida. Diga “salve, Kore, cujo nome não pode ser dito, ser eternamente mutável!”

EXERCÍCIO 34: MEDITAÇÃO DO CALDEIRÃO

Concentre-se e centre-se. Segure o caldeirão com ambas as mãos. Respire profundamente e sinta o poder da transformação. Você segura o caldeirão de Ceridwen, onde os mortos voltam à vida. Você segura o caldeirão no qual foi preparada a essência que confere todo o conhecimento e compreensão. O caldeirão é o útero da Deusa, o terreno de gestação de tudo o que nasce. Pense nas transformações que você sofre todos os dias. Em um átimo de segundo, você morre e renasce mil vezes. Sinta seu poder de terminar e começar novamente, sua capacidade de gerar, de criar, de dar vida a coisas novas e deixe que este poder flua para o caldeirão.

Meditações sobre os elementos fazem parte do treinamento de todo bruxo. Após experimentar a energia de cada elemento mágico em separado, o aprendiz é ensinado a combiná-las, preparando-se para o aprendizado da disposição do círculo.

EXERCÍCIO 35: EXERCÍCIO DE VISUALIZAÇÃO DO CÍRCULO

(Você pode deitar-se, sentar-se confortavelmente ou ficar de pé e desenvolver esse exercício. Fique de frente para cada direção, física ou mentalmente.)

Concentre-se e centre-se. Fique de frente para o leste. Visualize sua *athame* em sua mão mais forte e trace o pentagrama da invocação (como no exercício 13). Veja-o ardendo com uma chama pálida e azul. Diga “salve, guardiões das torres de observação do leste, poderes do ar.”

Ande pela pentagrama e veja o forte vento varrendo uma vasta planície de capim ondulante. Respire profundamente e sinta o ar em seu rosto, em seus pulmões, em seus cabelos. O sol está nascendo e em seus raios brilha uma águia dourada, que voa em sua direção. Quando você estiver repleto com o poder do ar, diga “salve e adeus, seres brilhantes”. Ande de volta pelo pentagrama.

Volte-se e fique de frente para o sul. Novamente, desenhe o pentagrama de invocação. Diga “salve, guardiões das torres de observação do sul, poderes do fogo.”

Ande pelo pentagrama. Você está em uma savana ardente, sob o sol quente. É meio-dia. Sinta o fogo do sol em sua pele e absorva seu poder. A distância, leões vermelho-dourados banham-se de sol. Quando você sentir-se em harmonia com o fogo, diga “salve e adeus, seres luminosos”. Ande de volta pelo pentagrama.

Volte-se e fique de frente para o oeste e, novamente, desenhe o pentagrama. Diga, “salve, guardiões das torres de observação do oeste, poderes da água”.

Ande pelo pentagrama. Você se encontra em um penhasco escarpado acima de um mar revolto. Sinta a espuma do mar e a força das ondas. O crepúsculo cai e as ondas verde-azuladas tingem-se de violeta à medida que o sol desaparece. Golfinhos e serpentes do mar mergulham e brincam na espuma. Quando você sentir-se em harmonia com o poder da água, diga “salve e adeus, seres melífluos” e ande pelo pentagrama.

Volte-se e fique de frente para o norte. Desenhe o pentagrama e diga “salve, guardiões das torres de observação do norte, poderes da terra.”

Ande pelo pentagrama. Você se encontra no coração de uma paisagem exuberante e fértil, na encosta de uma montanha. Ao seu redor existem plantas verdejantes em crescimento, alimentadas por nascentes e árvores delgadas e silenciosas alimentadas pelos minerais e nutrientes da terra. À distância, cereais ondulam nos campos férteis. Cabras selvagens equilibram-se nas alturas escarpadas acima de você, enquanto que, abaixo, rebanhos de gado selvagem cruzam a planície. É meia-noite; a lua está escondida, mas as estrelas brilham. A Ursa Maior e Ursa Menor circulam a Estrela do Norte, o sereno ponto central da roda em espiral do céu. Diga “salve e adeus, seres silenciosos”.

Visualize os quatro pentagramas ao seu redor em um círculo de chama azul. Acima de sua cabeça está uma estrela de oito raios. Respire profundamente e absorva o poder da estrela. Deixe que ele lhe preencha; sinta-o inundando todas as células de seu corpo com luz, um cone de luz que alcança as profundezas da terra que cerca você. Agradeça à estrela e deixe que a luz retorne para a sua fonte. Abra o círculo visualizando os pentagramas voando para o espaço.

Instrumentos adicionais utilizados na maioria dos *covens* incluem um cordão, um colar, um turíbulo e um Livro das Sombras, o qual já foi discutido no capítulo 3. O cordão é o símbolo da união, de pertencer a um determinado coven. Em algumas tradições, a cor do cordão significa o grau de desenvolvimento na Arte de seu portador. O incensário é utilizado para segurar o incenso e é identificado com o leste ou o sul, ar ou fogo. O colar é o círculo do renascimento, o sinal da Deusa. Ele pode ser de qualquer modelo que seja pessoalmente agradável.

Obviamente, velas, ervas, óleos e incensos também são utilizados em Feitiçaria. Infelizmente, não disponho de espaço para entrar em uma discussão detalhada de seus usos e correspondências, especialmente considerando que essas informações são fornecidas nas tabelas de correlações, além de estarem disponíveis através de outras fontes. Uma bruxa, em geral, depende mais de sua própria intuição do que das

associações tradicionais de ervas, odores e cores. Se os materiais “adequados” não estão disponíveis, improvisamos.

Os instrumentos normalmente são mantidos em um altar, o qual pode ser qualquer coisa desde uma cômoda antiga entalhada a mão até uma caixa coberta por um pano. Quando usado para meditações regulares e práticas mágicas, o altar torna-se carregado de energia, um vórtice de poder. Geralmente, o altar de uma bruxa fica de frente para o norte e os instrumentos são dispostos em suas direções correspondentes. Imagens da deusa e do deus – estátuas, conchas, sementes, flores – são colocadas em uma posição central.

EXERCÍCIO 36: A CONSAGRAÇÃO DE UM INSTRUMENTO

(Os instrumentos podem ser carregados – imbuídos de energia psíquica – e consagrados dentro do ritual em grupo, durante uma iniciação ou individualmente. Descreverei o rito para uma *athame*; para outros instrumentos faça, simplesmente, as adaptações necessárias.)

Monte o altar como achar melhor e acenda as velas e o incenso. Realize a Purificação da Água Salgada e organize o círculo através da Visualização do Círculo. Peça à Deusa que esteja com você.

Segure sua *athame* em sua mão mais forte e diga “abençoada seja, criatura da Arte”. Faça a meditação da *athame* ou da espada.

Toque com ela os símbolos de cada um dos quatro elementos, alternadamente: incenso para o ar, bastão para o fogo, taça para a água e o pentagrama para a terra. Medite sobre o poder de cada um dos elementos e visualize esses poderes fluindo para a *athame*. Diga: “Que você seja carregada pelos poderes do (ar,fogo,etc.) e sirva-me bem no (leste,sul,etc.), entre os mundos, em todos os mundos. Que assim seja feito.”

Passa sua *athame* pela chama da vela e, com ela, toque o caldeirão central. Visualize uma luz branca enchendo-a e

carregando-a, Diga: “Que você seja carregada pelo centro de tudo, acima e abaixo, através e ao redor, dentro e fora, para servir-me bem entre os mundos, em todos os mundos. Que assim seja feito.”

Desenhe ou grave os seus símbolos pessoais na lâmina ou no punho. Percorra-os com sua própria saliva, suor, sangue menstrual, ou outras secreções, para criar um elo com o seu instrumento. Respire sobre ele e imagine seu próprio poder pessoal fluindo para ele.

Toque seu coração e seus lábios com ele. Levante-o para o céu e aponte-o para a terra. Enrole seu cordão em volta dele (ou imagine faze-lo, caso não tenha um cordão) e visualize um escudo de luz recebendo o poder. Diga: “Cordão envolva, poder encerre-se, luz revele-se, sejam agora todos selados.”

Encerre o poder, agradeça à Deusa e abra o círculo agradecendo a cada uma das direções e visualizando os pentagramas se dissolvendo.

Na disposição de um círculo, as formas externas utilizadas são menos importantes que a força da visualização interior. Quando a sacerdotisa invoca os guardiões do leste, por exemplo, ela sente o vento e vê o sol nascendo com sua visão interior. Ela também visualiza os pentagramas ardentes e o círculo de luz rodeando o *coven*. Num *coven* forte, uma pessoa pode desempenhar os atos dirigidos para fora, mas todos estarão visualizando internamente o círculo e harmonizando-se aos elementos.

As formas externas podem ser muito simples. Estando só, pode ser suficiente simplesmente visualizar um anel de luz branca em volta do quarto ou voltar para cada direção alternadamente e dar batidas leves na parede. Um grupo pode dar-se as mãos e imaginar o círculo ou um membro pode andar ao redor dos outros. O círculo pode ser determinado antecipadamente com marcações a giz, pedras, fios, flores, folhas ou conchas, ou desenhado invisivelmente com a *athame* quando for organizado.

Este capítulo foi aberto com a descrição da organização formal de um círculo. De início, ao tentar lembrar as palavras e os atos, a visualização dos elementos e a sensação dos poderes será bem mais difícil do que tentar passar a mão na cabeça e esfregar o estômago ao mesmo tempo. Mas, com a prática, sua concentração se aprimorará até que a seqüência

completa transcorra fácil e naturalmente. Você talvez deseje criar as suas próprias invocações, em lugar de utilizar as que foram fornecidas. A seguir, alguns outros exemplos:

UM CÍRCULO PARA O ALÍVIO DE DIFICULDADES
Por Alan Acacia

Salve, guardiões das torres do leste, poderes do ar:

Soprem a fadiga para longe, encham nossos pulmões.
Ajudem-nos a trazer o frescor
Para nossas vidas.
Que hajam céus claros, mentes claras
Para que possamos enxergar nosso caminho.
Permitam que nossas palavras criem um espaço seguro.
Abençoados sejam.

Salve, guardiões das torres de observação do sul,
poderes do fogo:

Penetrem em nossos corações, aqueçam-nos
Ajudem-nos a sair da hibernação, do isolamento
Para nos saudarmos uns aos outros
Deixem que a paixão ilumine nosso direito inato
Enquanto lutamos contra a injustiça.
Permitam que as nossas emoções saiam
De todos os seus esconderijos
Abençoados sejam.

Salve, guardiões das torres de observação oeste, poderes
da água:

Chovam sobre nós, saciem nossa sede.
Ajudem-nos a lembrar
Do oceano que é o útero de onde viemos.
Que todos agora estejamos unidos.
Permita que nossos humores fluam
Até que todos sejam um.
Dêem fim à seca da separação
Abençoados sejam.

Salve, guardiões das torres de observação do norte,
poderes da terra:

Fortaleçam nossas decisões, mantenham-nos centrados.
Ajudem-nos aqui, agora.
Permitam que nossos corpos sejam fortes
Para que nos amemos uns aos outros.
Deixem passar o atordoamento do cotidiano,
E todos nos encontraremos unidos
Em um só planeta.
Por causa de nossas lutas e magia
Que um círculo maior seja organizado
De amor e harmonia social.
Abençoados sejam.

*INVOCAÇÕES RÍTMICAS DE VALERIE AOS
QUATRO CANTOS*

Leste:

Mensageiro vivaz
Mestre das encruzilhadas
Primavera penetre suavemente
Em minha mente
Ser dourado sussurre
Navegante etéreo
Navegue do leste nas asas do vento.

Sul:

Flor do deserto, vontade ardente
Crepite com energia sob minha pele
Leão vermelho rugindo
Pulsos acelerados
Vagando pelo sul
Estou aberta: venha.

Oeste:

Guerreiro cinza pérola
Jornada espectral
Príncipe do crepúsculo
Navegando para oeste

Intuição, senhora do poente
Serpente ancestral do mar
Rainha perdida das águas crepusculares
Pés de prata venha silenciosamente.

Norte:

Mãe das montanhas, mãe das árvores,
Mãe da meia-noite, mãe da terra.
Raiz e folha e flor e espinho,
Venha até nós, venha até nós, dê-nos seu norte.

*INVOCAÇÕES DO RITUAL DE SOLSTÍCIO DE
VERÃO
(STARHAWK)*

(Com estas, inicie pelo norte)
Meus ossos, meu corpo, como a terra sejam
Montanhas os meus seios
Gramma fresca e folhagem abundante
Meus cabelos ao vento,
Pó escuro e rico, leito de lama
Semente lançando branca raiz profunda,
Tapete de folhas moldura natural
Nossa cama seja!
Pela terra que é o seu corpo,
Poderes do norte enviem sua força.

Ar, meu fôlego, brisa da manhã,
Garanhão da estrela do amanhecer,
Redemoinho, carregando todos os que nas alturas
planam,
Abelha e pássaro,
Doce aroma,
Lamento da tempestade,
Transporte-nos!
Pelo ar que é seu fôlego,
Poderes do leste enviem sua luz.

Acenda meu coração, queime brilhante!
Meu espírito é uma chama,
Meu olhar nada perde.

Uma flama salta de nervo em nervo
Fagulha do fogo solar!
Desperta o calor replicante, deleite insuportável!
As chamas cantam, consuma-nos!
Pelo fogo que é seu espírito,
Poderes do sul, envie sua chama.

Irrigue meu útero, meu sangue,
Lave-nos, refresque-nos,
Ondas desembarcam na praia em asas brancas,
A corredeira, o sibilar, o ribombar das pedras
Enquanto a maré recua,
Esse ritmo, meu pulso,
Inunde, fonte esguichante,
Para que possamos nos derramar,
Leve-nos daqui!
Pelas águas do seu útero vivo,
Poderes do oeste, enviem seu fluxo.

O campo de energia criado por um círculo também pode ser usado como proteção. Isto pode ser feito de maneira muito simples.

EXERCÍCIO 37: CÍRCULO PROTETOR

Visualize um círculo ou uma bolha de luz branca ao redor de si mesmo, com a energia correndo em sentido horário. Diga para si mesmo que esta é uma barreira impenetrável a qual nenhuma força prejudicial poderá atravessar. Se tiver tempo, faça a visualização do círculo ou rapidamente invoque cada um dos quatro elementos alternadamente.

EXERCÍCIO 38: CÍRCULO PROTETOR PERMANENTE

(Um círculo protetor permanente pode ser estabelecido em volta de sua casa ou local de trabalho. O seguinte ritual pode ser realizado sozinho ou em grupo, com cada uma das pessoas carregando um dos objetos.)

Concentre-se e centre-se. Circule a casa em sentido contrário ao movimento do sol com um sino, uma vassoura e água salgada carregada. Toque o sino para espantar energias negativas. Varra forças indesejadas com a vassoura ou use um bastão para mandá-las embora. Borrife cada entrada – cada janela, porta, espelho e principais saídas de água – com água salgada. Também borrife todos os cantos dos quartos. Caso seja necessário, faça a expulsão como no exercício 22. Realiza a Purificação de Água Salgada.

Agora, dê uma volta pela casa em sentido horário, com água salgada, *athame* e incenso. Desenhe um pentagrama de invocação em cada entrada com a *athame* e, então, borrife com água salgada. Concentre-se em formar uma barreira protetora que não possa ser quebrada.

Finalmente, com o incenso, carregue cada entrada e canto, convidando para entrar as forças positivas. Diga,

Sal e mar,
Do mar estejam libertos.
Fogo e ar,
Tragam tudo o que é propício.
Em todos os lados,
O círculo está fechado.

Formalmente organize o círculo no quarto que voce usará para os rituais. Cante e eleve o poder a fim de encher a casa de proteção. Agradeça, então, à Deusa, encerre o poder e abra o círculo.

O círculo está organizado; o ritual teve início. Criamos o espaço sagrado, um espaço à altura de receber os deuses. Nós nos purificamos e nos centramos; nossas restrições mentais foram abandonadas. Livres do medo, podemos nos abrir para a luz das estrelas. Em perfeito amor e perfeita confiança, estamos preparados para invocar a Deusa.

A DANÇA CÓSMICA DAS FEITICEIRAS

Autora: Starhawk

CAPÍTULO CINCO

A DEUSA

Entre os Mundos

Os encargos da Deusa ¹,

Ouçã as palavras da grande mãe, que, em tempos idos, era chamada de Ártemis, Dione, Melusina, Afrodite, Ceridwen, Diana, Arionrhod, Brígida e por muitos outros nomes:

“ Quando necessitar de alguma coisa, uma vez no mês, e é melhor que seja quando a lua estiver cheia, deverá reunir-se em algum local secreto e adorar o meu espírito que é a rainha de todos os sábios. Você estará livre da escravidão e, como um sinal de sua liberdade, apresentar-se-á nu em seus ritos. Cante, festeje, dance, faça música e amor, todos em minha presença, pois meu é o êxtase do espírito e minha também é a alegria sobre a terra. Pois minha lei é a do amor para todos os seres. Meu é o segredo que abre a porta da juventude e minha é a taça do vinho da vida, que é o caldeirão de Ceridwen, que é o gral sagrado da imortalidade. Eu concedo a sabedoria do espírito eterno e, além da morte, dou a paz e a liberdade e o reencontro com aqueles que se foram antes. Nem tampouco exijo algum tipo de sacrifício, pois saiba, eu sou a mãe de todas as coisas e meu amor é derramado sobre a terra.”

Atente para as palavras da deusa estelar, o pó de cujos pés abrigam-se o sol, a lua, as estrelas, os anjos, e cujo corpo envolve o universo:

“ *Eu que sou a beleza da terra verde e da lua branca entre as estrelas e os mistérios da água, invoco seu espírito para que desperte e venha até a mim. Pois eu sou o espírito da natureza que dá vida ao universo. De mim todas as coisas vêm e para mim todas devem retornar. Que a adoração a mim esteja no coração que rejubila, pois, saiba, todos os atos de amor e prazer são meus rituais. Que haja beleza e força, poder e compaixão, honra e humildade, júbilo e reverência, dentro de você. E você que busca conhecer-me, saiba que a sua procura e ânsia serão em vão, a menos que você conheça o mistério: pois se aquilo que busca, não se encontrar dentro de você, nunca o achará fora de si. Saiba, pois, eu*

estou com você desde o início dos tempos, e eu sou aquela que é alcançada ao fim do desejo.”

O simbolismo da Deusa tem assumido um poder eletrizante para as mulheres modernas. A redescoberta de uma antiga civilização femeocentrada trouxe profundo sentido de orgulho na capacidade de a mulher criar e sustentar uma cultura. Ela expôs as falsidades da história patriarcal e propiciou modelos de força e autoridade femininas. Novamente, no mundo atual, reconhecemos a Deusa, antiga e primitiva: a primeira das deidades; padroeira da Idade da Pedra e suas caçadas e dos primeiros semeadores; sob cuja orientação os rebanhos foram domesticados, as ervas curativas logo descobertas; a partir de cuja imagem as primeiras obras de arte foram criadas; para quem as pedras foram levantadas; que era a inspiração para canções e poesia. Ela é a ponte, pela qual podemos cruzar os abismos dentro de nós mesmos, que foram criados pelo condicionamento social, e nos colocar em contato, novamente, com os nossos potenciais perdidos. Ela é o navio, no qual navegamos nas águas do *self* profundo, explorando os mares desconhecidos dentro de nós. Ela é a porta, através da qual passamos para o futuro. Ela é o caldeirão, no qual, os que fomos puxados de um lado para outro, podemos cozinhar em fogo brando, até que sejamos novamente um todo. Ela é a passagem vaginal, através da qual renascemos.

Uma análise comparativa geral, histórica e/ou cultural, da deusa e de seus símbolos exigiria, por si só, vários volumes e eu não farei tal tentativa no espaço limitado deste livro, tendo em vista, especialmente, que muito material de boa qualidade já é disponível.² Pelo contrário, limitar-me-ei a debater a deusa como é vista na Feitiçaria e concentrar-me em sua função e significado para as mulheres e homens da atualidade.

As pessoas, com frequência, perguntam-me se eu *acredito* na Deusa. Eu respondo: “Você acredita em pedras?” É extremamente difícil, para a maioria dos ocidentais, captar o conceito de uma deidade manifesta. A frase “acreditar *em*” implica que não podemos *conhecer* a Deusa, que ela é, de alguma maneira, inalcançável, incompreensível. Mas, nós não *acreditamos* em pedras, podemos vê-las, tocá-las, cavá-las de nosso jardim ou impedir que crianças atirem-nas umas nas outras. Nós as conhecemos; ligamo-nos a elas! Na Arte, não *acreditamos* na Deusa: ligamo-nos a Ela, através da lua, das estrelas, do mar, da terra, das árvores, animais e outros seres humanos, através de nós mesmos. Ela está aqui. Ela está dentro de todos nós. Ela é o círculo pleno: terra, ar, fogo, água e essência; corpo, mente, espírito, emoções, transformações.

A Deusa é a primeira em toda a terra, o mistério, a mãe que alimenta e dá toda a vida. Ela é o poder da fertilidade e geração; o útero e

também a sepultura que recebe, o poder da morte. Tudo vem dela, tudo retorna para ela. Sendo terra, também é a vida vegetal; as árvores, as ervas e os grãos que sustentam a vida. Ela é o corpo e o corpo é sagrado. Útero, seios, barriga, boca, vagina, pênis, osso e sangue; nenhuma parte do corpo é impura, nenhum aspecto dos processos vitais é maculado por qualquer conceito de pecado. Nascimento, morte e decadência, são partes igualmente sagradas do ciclo. Se estamos comendo, dormindo, fazendo amor ou eliminando excessos do corpo, estamos manifestando a deusa.

A Deusa da Terra é também o ar e o céu, a celestial Rainha do Céu, A Deusa Estelar, regente de todas as coisas sensíveis mas invisíveis: do conhecimento, da mente e da intuição. Ela é a musa, que desperta todas as criações do espírito humano. Ela é a amante cósmica, a estrela da manhã e do entardecer, Vênus que surge nos momentos de amor. Bela e irradiante, ela jamais pode ser dominada ou penetrada; a mente é conduzida cada vez mais adiante na ânsia de conhecer o desconhecido, de falar o inexprimível. Ela é a inspiração que vem no momento da introspecção.

A Deusa Celestial é vista como a lua, que está associada aos ciclos mensais de sangramento e fertilidade das mulheres. A mulher é a lua terrena; a lua é o ovo celestial, vagando no útero do céu, cujo sangue menstrual é a chuva que fertiliza e o orvalho que refresca; aquela que governa as marés dos oceanos, o primeiro ventre da vida na terra. Portanto, a lua é também a Senhora das Águas: das ondas do mar, correntes, nascentes, dos rios que são as artérias da Mãe Terra; dos lagos, poços profundos e lagoas escondidas, dos sentimentos e emoções, que nos tomam como ondas do mar.

A Deusa da Lua possui três aspectos: crescente é a donzela; cheia, é a Mãe; minguante, é a anciã. Parte do treinamento de cada iniciado implica períodos de meditação sobre a Deusa em seus vários aspectos. Não disponho de espaço para incluir todos eles, mas exemplificarei aqui com as meditações dos três aspectos da lua:

EXERCÍCIO 39: MEDITAÇÃO DA LUA

CRESCENTE

Concentre-se e centre-se. Visualize uma lua crescente cor de prata, que se curva para a direita. Ela é o poder daquilo que inicia, do crescimento e geração. Ela é tempestuosa e indomada, como as idéias e planos antes de serem equilibrados pela realidade. Ela é a página em branco, o campo não semeado. Sinta as suas próprias possibilidades escondidas e potenciais latentes; seu poder para iniciar e crescer. Veja-a como uma menina de cabelos prateados correndo livremente pela floresta sob a lua delgada. Ela é virgem, eternamente não penetrada, a ninguém

pertencendo, exceto ela mesma. Invoque seu nome, “Nimuê!”, e sinta o seu poder dentro de você.

EXERCÍCIO 40: MEDITAÇÃO DA LUA CHEIA

Concentre-se e centre-se e visualize uma lua cheia. Ela é a mãe, o poder da realização e de todos os aspectos da criatividade. Ela nutre aquilo que foi iniciado pela lua nova. Veja-a abrindo os braços, os seios abundantes, o ventre desabrochando em vida. Sinta seu próprio poder de nutrir, dar, tornar manifesto o que é possível. Ela é a mulher sexual; seu prazer na união é a força motriz que sustenta toda a vida. Sinta o poder em seu próprio prazer, no orgasmo. Sua cor é o vermelho do sangue, que é vida. Invoque seu nome “Mari!” e sinta sua própria capacidade de amar.

EXERCÍCIO 41: MEDITAÇÃO DA LUA MINGUANTE

Concentre-se e centre-se. Visualize uma lua minguante, que se curva para a esquerda, envolta na céu escuro. Ela é a anciã, a velha que ultrapassou a menopausa, o poder de terminar, da morte. Todas as coisas devem terminar a fim de suprir os seus inícios. O grão que foi plantado deve ser cortado. A página em branco deve ser destruída, para que a obra seja escrita. A vida se alimenta da morte; a morte conduz à vida e, nesse conhecimento, encontra-se a sabedoria. A velha é a mulher sábia, infinitamente velha. Sinta a sua própria idade, a sabedoria da evolução armazenada em cada célula do seu corpo. Conheça o seu próprio poder para terminar, para perder assim como ganhar, para destruir aquilo que está estagnado e decadente. Veja a velha em seu manto negro sob a lua minguante: invoque seu nome “Anu!” e sinta seu poder em sua própria morte.

A tríade da lua transforma-se na estrela quádrupla do nascimento, iniciação, amor, paz e morte. A Deusa manifesta-se no ciclo total da vida. As mulheres são valorizadas e respeitadas na idade avançada, assim como na juventude.

Nascimento e infância, obviamente, são comuns a todas as culturas. Mas, até muito recentemente, nossa sociedade não conceituou o estágio da iniciação, da exploração pessoal e autodescoberta, como sendo necessário para as mulheres. Esperava-se que as meninas passassem diretamente da infância para o casamento e maternidade, do controle de seus pais para o controle de seus maridos. Uma iniciação exige coragem e autoconfiança, características que as meninas não eram estimuladas a

desenvolver. Atualmente, o estágio de iniciação pode implicar em estabelecimento de uma carreira, na exploração de relacionamentos ou no desenvolvimento de nossa própria criatividade. Mulheres que pularam esse estágio em suas juventudes, com frequência acham necessário retornar a ele mais adiante. Os estágios posteriores da vida só podem ser plenamente vividos após a completude da iniciação e da formação de um self individualizado.

O estágio do amor também é chamado de *consumação* e é o estágio da criatividade plena. Relacionamentos se aprofundam e ocorrem como um ato de entrega. Uma mulher pode escolher ser mãe ou cuidar de uma carreira, um projeto ou uma causa. Um artista ou escritor atinge seu estilo maduro.

Criações, independentemente de serem crianças, poemas ou organizações, assumem vida própria. À medida que se tornam autônomas e as exigências diminuem, o estágio de tranquilidade é alcançado. Com a idade vem uma nova iniciação, reflexiva, menos ativa fisicamente porém mais profunda devido aos *insights* da experiência. A idade avançada, em Feitiçaria, é visto muito positivamente, como o tempo em que a atividade evolui para a sabedoria. Esta conduz à iniciação final, que é a morte.

Esses cinco estágios estão incorporados a nossas vidas, mas também podem ser percebidos em cada novo empreendimento ou projeto criativo. Cada livro, cada pintura, cada novo trabalho nasce como idéia. Ela é submetida a um período iniciatório de exploração que, às vezes, é assustador, pois somos obrigados a aprender coisas novas. À medida que nos sentimos confortáveis diante de uma nova habilidade ou conceito, o projeto pode ser consumado. Ele existe independentemente; enquanto o deixamos em suspenso, outras pessoas podem ler o livro, apreciar o quadro, saborear a comida ou aplicar o conhecimento que ensinamos. Finalmente, ele termina; ele morre e nós passamos para algo novo.

O pentagrama, todas as folhas de cinco lóbulos e flores de cinco pétalas são sagrados para a Deusa como uma estrela quádrupla. A maçã é especialmente seu emblema, pois quando é partida no sentido de uma cruz, suas sementes formam um pentagrama.

A natureza da Deusa jamais é uma coisa só. Onde quer que ela apareça, corporifica ambos os pólos da dualidade – vida na morte, morte na vida. Ela possui mil nomes, mil aspectos. Ela é a vaca leiteira, a aranha que tece, a abelha com penetrante picada. Ela é o pássaro do espírito e a porca que come o próprio filhote. A cobra que troca sua pele e se renova; o gato que enxerga no escuro; o cão que uiva para a lua. Ela é todos. Ela é a luz e a escuridão, a padroeira do amor e da morte, que manifesta *todas* as possibilidades. Ela tanto traz conforto quanto dor.

É mais fácil responder ao conceito da Deusa enquanto musa ou mãe, inspiração, alimento e poder curativo. É mais difícil compreender a

Deusa como destruidora. A dualidade judeu-cristã condicionou-nos a pensar sobre a destruição como sinônimo do mal. (Apesar de que, a Deusa sabe, o Jeová do Antigo Testamento estava longe de ser suave e arauto da luz.) A maioria de nós vive afastada da natureza, isolada das experiências que constantemente lembram às pessoas mais “primitivas” que todo ato de criação é um ato de agressão. Para plantar um jardim, você deve retirar as ervas daninhas, eliminar as lesmas, podar as plantas à medida que se esticam em direção à luz. Para escrever um livro, você deve destruir rascunho após rascunho de seu próprio trabalho, dividindo parágrafos e retirando palavras das frases. A criação postula transformação; qualquer mudança destrói aquilo que veio antes.

A criadora-destruidora manifesta-se no fogo, que destrói tudo aquilo que o alimenta a fim de produzir calor e luz. Fogo é a lareira aconchegante, o fogo criativo da forja, a alegre fogueira da celebração. Mas a deusa é também o fogo furioso da ira.

O poder da ira é difícil de ser encarado. Identificamos a ira com violência e as mulheres foram condicionadas a sentir que sua raiva é errada e inaceitável. No entanto, a raiva é uma manifestação de força vital. É uma emoção de sobrevivência, um sinal de alerta de que algo em nosso ambiente é ameaçador. O perigo desencadeia uma resposta física, psíquica e emocional, que mobiliza nossa energia para mudar a situação. Sendo humanos, respondemos a ataques verbais e emocionais como se fossem ameaças, que suscitam a raiva. Mas, quando não somos capazes de admitir a nossa própria raiva, ao invés de reconhecermos a ameaça do ambiente, vemo-nos como errados. Em lugar de fluir para fora, a fim de mudar o ambiente, nossa energia fica presa em esforços internos, como a repressão e o controle.

A Deusa liberta a energia de nossa ira. Ela é vista como sagrada e seu poder é purificado. Como o fogo numa floresta na imensidão imperturbável, ela varre para longe a vegetação rasteira para que os brotos de nossa criatividade possam receber a luz do sol que os alimenta. Controlamos nossas *ações*; não tentamos controlar nossos *sentimentos*. A raiva torna-se uma força de ligação que incita confrontações e comunicações honestas com os outros.

Referi-me à Deusa como símbolo psicológico e, também, como realidade manifesta. Ela é ambos. Ela existe e nós a criamos. Os símbolos e atributos associados à Deusa falam com o *self* mais jovem e, através dele, com o *self* profundo. Eles nos ocupam emocionalmente. Sabemos que a Deusa não é a lua, mas ainda nos maravilhamos com a sua luz brilhando através dos ramos das árvores. Sabemos que a Deusa não é uma mulher, mas respondemos com amor como se ela o fosse e, portanto, associamo-nos emocionalmente a todas as qualidades abstratas por trás do símbolo.

Várias formas e símbolos representam a Deusa. Olhos que esquematicamente são também seios, simbolizam seus poderes nutrientes e o dom da visão interior. O crescente representa a lua: uma meia-lua que cresce e minguia, costas contra costas, torna-se a acha-d'armas, a arma das culturas da Deusa. Triângulos, ovais e losangos, as formas dos órgãos genitais femininos, são também seus símbolos. Como parte do treinamento de um iniciado, ele é ensinado a visualizar símbolos, a meditar e brincar sobre e com eles, em sua imaginação, até que revelem seus significados diretamente. Qualquer símbolo ou aspecto da deusa pode ser a base para a meditação, mas como tenho espaço para somente um exemplo, escolhi a espiral dupla:

EXERCÍCIO 42: A ESPIRAL DUPLA

Concentre-se e centre-se. Visualize uma espiral dupla. Ao vê-la nitidamente, deixe-a crescer até que possa ficar de pé nela e siga-a para dentro, movimentando-se para a esquerda. Ela se transforma em um caminho confuso de altas cercas vivas e, então, um labirinto com paredes de pedra; suas curvas sinuosas são a passagem para um segredo escondido. À medida que você se movimenta pela espiral, o mundo se dissolve, a forma se dissolve, até que você se encontra no cerne recôndito onde nascimento e morte formam uma só coisa. O centro da espiral brilha; é a Estrela do Norte e os braços da espiral são a Via Láctea, uma miríade de estrelas girando lentamente ao redor do ponto central imóvel. Você está no Castelo da Espiral, às costas do Vento Norte. Explore-o em sua imaginação. Veja as pessoas que você encontra, aquilo que você aprende. Você está no ventre da Deusa, flutuando livremente. Agora, sinta-se sendo empurrado e apertado, movendo-se para fora da espiral, que agora é a passagem vaginal do renascimento. Movimente-se em sentido horário através da espiral dupla do seu ADN (ácido desoxirribonucléico, DNA em inglês). Agora ela se transforma em um redemoinho; voe com ela. Deixe que ela se torne a gavinha entrelaçada de uma planta – um cristal – uma concha – elétron em órbita. O tempo é uma espiral – os ciclos se repetindo eternamente, mas, no entanto, sempre em movimento. Conheça a espiral como a forma fundamental de toda energia. Enquanto você volta, deixe que ela retorne para a sua forma pequena, abstrata e simbólica. Agradeça e deixe que ela desapareça.

Os Encargos da Deusa, apresentado na abertura deste capítulo, reflete a interpretação da Arte da Deusa. Começa com uma longa lista de nomes da Deusa, retirados de várias culturas, os quais não são entendidos como seres isolados, mas como diferentes aspectos do mesmo ser, que é todos os seres. Os nomes usados podem mudar de acordo com as estações

ou preferências do orador: por exemplo, a Deusa pode se chamar “Kore” na primavera, em virtude do aspecto de donzela da Deusa grega. Uma bruxa de origem judaica poderá chamar a antiga Deusa hebraica de Ashimah ou Asherah; uma bruxa afro-americana poderá preferir Iemanjá, a deusa da África Ocidental, do mar e do amor.³ Na maioria das tradições da Arte, o nome interno da Deusa é reconhecido por incorporar maior poder e, portanto, é mantido em segredo, revelado somente para iniciados. Os nomes externos freqüentemente utilizados são Diana, para a deusa da lua e Aradia, sua filha, que, segundo as lendas, foi enviada à terra para libertar as pessoas através dos ensinamentos das artes da magia.⁴

“Necessidade de alguma coisa” refere-se tanto às necessidades espirituais quanto materiais. Em bruxaria não há essa separação. A Deusa manifesta-se na comida que comemos, nas pessoas que amamos, no trabalho que realizamos, nas casas onde moramos. Não é considerado ignóbil pedir por bens ou confortos necessitados. “Trabalhe para si e verá que o *self* está em toda parte”, é um ditado da tradição das fadas. É através do mundo material que nos abrimos para a Deusa. Mas, a Feitiçaria também reconhece que quando as necessidades materiais são atendidas, necessidades e anseios mais profundos podem permanecer. Estes somente podem ser satisfeitos através da associação com as forças interiores, que alimentam e dão a vida, a que chamamos de *Deusa*.

O *coven* encontra-se na lua cheia, em homenagem à Deusa que está no auge de sua glória. As marés de poder sutil são consideradas como sendo as mais fortes quando a lua está cheia. A Deusa é identificada à frutificante energia lunar que ilumina a escuridão secreta; o poder feminino, pulsante e mareante, que aumenta e diminui em harmonia com o fluxo menstrual da mulher. O sol é identificado aos *self* masculino e polar, o deus, cujos festivais são celebrados em oito pontos de poder no ciclo solar.

A Deusa é a libertadora e já foi dito que o “seu ofício é a liberdade total”,⁵ Ela é a libertadora, pois manifesta-se em nossos anseios e emoções mais profundos que, sempre e inevitavelmente, ameaçam sistemas elaborados para contê-los. Ela é amor e ira, os quais recusam adaptação confortável à ordem social. Ser “livre da escravidão” significava, anteriormente, que dentro do círculo ritual todos eram iguais, independentemente de serem camponeses, servos ou nobres no mundo exterior. Escravidão, hoje, pode ser mental e emocional, como também física: a escravidão das percepções fixas, das idéias condicionadas, de crenças cegas, do medo. A Feitiçaria requer liberdade intelectual e coragem para confrontarmos nossas próprias suposições. Ela não é um sistema de crenças; é uma atitude de constante auto-renovação de alegria e encanto para com o universo.

O corpo nu representa a verdade, a verdade que é mais profunda que os costumes sociais. As bruxas realizam seus cultos nuas por várias razões: como uma maneira de estabelecer intimidade e de deixar cair as máscaras sociais, pois o poder é mais facilmente evocado deste modo e porque o corpo humano, em si, é sagrado. A nudez é um sinal de que a lealdade de uma bruxa é para com a verdade, antecedendo qualquer ideologia ou quaisquer ilusões reconfortantes.

Rituais são alegres e prazerosos. Bruxos cantam, festejam, dançam, riem, brincam e divertem-se no decorrer dos rituais. A Feitiçaria é séria, mas não é, no entanto, pomposa e solene. Como no judaísmo hassidim ou na bhakti yoga, alegria e êxtase são percebidos como caminhos para o divino. O “êxtase do espírito” não é separado da “alegria na terra”. Um leva ao outro; um não pode ser verdadeiramente concebido sem o outro. Alegrias terrenas, não vinculadas ao profundo e sensível poder da Deusa, tornam-se mecânicas, sem sentido, meras sensações que, em pouco tempo, perdem seu encanto. Mas êxtases espirituais que tentam fugir dos sentidos e do corpo tornam-se igualmente áridos e sem fundamentos, sugando a vitalidade em lugar de alimentá-la.

A lei da Deusa é o amor: o apaixonado amor sexual, a carinhosa afeição entre amigos, o feroz e protetor amor da mãe pelo filho, o profundo companheirismo do *coven*. Não há nada amorfo ou superficial em relação ao amor da religião da Deusa; ele é sempre específico, direcionado a indivíduos reais e não a um vago conceito de humanidade. O amor inclui os animais, plantas, a terra, “todos os seres”, não somente os humanos. Ele inclui a nós mesmos, assim como todas as nossas falíveis qualidades humanas.

Ceridwen é uma das formas da Deusa celta e seu caldeirão é o caldeirão-útero do renascimento e da inspiração. Na mitologia celta primitiva, o caldeirão da Deusa revivia guerreiros mortos. Ele foi roubado e levado para o inferno e os heróis que guerrearam, a fim de que fosse recuperado e retornasse, foram os cavaleiros originais do rei Artur e sua Távola Redonda, que buscavam sua encarnação posterior, o Santo Gral. O outro mundo celta é denominado de Terra da Juventude e o segredo que abre a sua porta é encontrado no caldeirão: o segredo da imortalidade reside no fato de perceber a morte como parte integral da ciclo da vida. Nada, jamais, se perde no universo: o renascimento pode ser compreendido na própria vida, onde todo fim conduz a um novo início. A maioria das bruxas acreditam, de fato, em alguma forma de reencarnação. Isto não deve à doutrina, mas ao entranhado sentimento que cresce a partir de uma visão de mundo que percebe todos os eventos como sendo processos contínuos. A morte é entendida como uma das pontas da roda em constante movimento e não o derradeiro final. Continuamente nos

renovamos e renascemos toda vez que bebemos plena e destemidamente da “taça do vinho da vida.”

O amor da Deusa é incondicional. Ela não exige sacrifícios – humano ou animal – nem tampouco é sua vontade que sacrifique-mos nossos desejos e necessidades normais e humanos. A Feitiçaria é *inerente* à vida, que sofre mudanças constantes que geram perdas constantes. Oferendas: um poema, uma pintura, uma pitada de algum grão, podem expressar nossa gratidão por suas dádivas, mas somente quando estas são realizadas espontaneamente e não como uma espécie de obrigação.

Na passagem da Deusa Estelar, percebemos as imagens do entorno celestial, a lua, as águas, a terra verde, de onde tudo vem e para onde tudo retornará. Ela é o “espírito da natureza”, que vivifica todas as coisas.

Qualquer ato baseado no amor e no prazer é um ritual da Deusa. Seu culto pode tomar qualquer forma e ocorrer em qualquer lugar; não exige liturgia, catedrais ou confissões. Sua essência é a identificação, no cerne do prazer, de sua fonte mais profunda. O prazer, deste modo, não é superficial e transforma-se em uma expressão profunda da força vital; um poder de ligação que nos une aos outros, não a mera sensação de satisfazer nossas necessidades isoladas.

A Feitiçaria reconhece que qualquer virtude torna-se um vício a menos que seja contrabalançada por seu oposto. A beleza, quando não sustentada pela força, é insípida, sem vida. O poder é intolerável quando não mediado pela compaixão. A honra, enquanto não equilibrada pela humildade, transforma-se em arrogância; e a alegria, quando não colorida pela reverência, torna-se mera superficialidade.

Finalmente, compreendemos o mistério: a não ser que busquemos a Deusa dentro de nós, jamais a encontraremos no lado de fora. Ela é interior e exterior; sólida como uma rocha, mutável como a imagem interna que dela fazemos. Ela é manifesta em cada um de nós. Portanto, por que procurar em outros lugares?

A Deusa é o “fim do desejo”, sua meta e sua realização. Em bruxaria, o desejo é visto como uma manifestação da Deusa. Não tentamos dominar ou fugir de nossos desejos: buscamos realizá-los. O desejo é a ligadura do universo; une o elétron ao núcleo, o planeta ao sol e, desta maneira, cria a forma, cria o mundo. Realizar o desejo significa unir-se ao que é desejado, tornar-se uno, unido à Deusa. Já estamos unidos à Deusa, ela está conosco desde o início. Portanto, a satisfação não é auto-indulgência, mas **autopercepção**.

Para as mulheres, a Deusa é o símbolo daquilo que é mais íntimo nas pessoas e o poder benéfico, nutritivo e libertador que existe dentro de cada uma. O cosmos é modelado conforme o corpo feminino, que é sagrado. Todas as fases da vida são sagradas: a idade é uma benção, não uma praga. A Deusa não limita as mulheres ao seu corpo; ela desperta a

mente, o espírito e as emoções. Através dela, podemos conhecer o poder de nossa raiva e agressividade, assim como o poder do nosso amor.

Para um homem, a Deusa, além de ser a força da vida universal, é o seu próprio e recluso *self* feminino. Ela incorpora todas as qualidades que a sociedade lhe ensina a *não* reconhecer em si mesmo. Sua primeira experiência com a Deusa pode, conseqüentemente, ser um tanto estereotipada; ela será a amante cósmica, o ser que alimenta, o outro eternamente desejado, a musa, tudo aquilo que ele não é. À medida que ele se torna um todo e se conscientiza de suas próprias qualidades “femininas”, ela parece mudar, mostrando-lhe uma nova face, sempre segurando o espelho que reflete para ele aquilo que ainda é inalcançável. Ele pode persegui-la para sempre e ela o iludirá, mas através desta tentativa ele crescerá, até que também aprenda a encontrá-la dentro de si.

Invocar a Deusa é despertar a Deusa que existe dentro de nós, é tornarmos-nos, durante um período, aquele aspecto da Deusa que invocamos. Uma invocação canaliza poder através da visualização de uma imagem da divindade. Em alguns *covens*, uma sacerdotisa é escolhida para representar a Deus manifesta para o restante. Em nossas assembleias, ela é invocada para estar presente em cada membro do círculo.

Uma invocação pode ser um determinado trecho de poesia ou música, cantada ou falada por um indivíduo ou pelo grupo. Em nossos *covens*, normalmente cantamos em grupo, algumas vezes sem palavras e espontaneamente, outras usando uma frase específica que é repetida várias vezes. Um cântico interpretado por múltiplas vozes em algumas ocasiões envolve uma sacerdotisa, que repete uma linha simples em surdina. “Tudo que é destemido é livre”, por exemplo, enquanto outra canta um ciclo repetitivo – “ Verde folha do broto/Folha do broto brilhante”, e assim por diante (veja a seguir) – e uma terceira declama um longo trecho poético, enquanto que todo o *coven* suavemente entoia os sons das vogais. É impossível reproduzir o efeito em uma folha de papel, mas as palavras são fornecidas, a seguir. Quando você fizer uso das invocações dadas aqui, por favor brinque com elas, experimente-as com melodias e encantamentos simples, rearrume-as, combine-as, misture-as, transforme-as e inspire-se nelas para criar as suas próprias:

CÂNTICOS DE REPETIÇÃO (À DEUSA)

LUA Mãe Brilho Luz de Todos Terra Céu INVOCAMOS Você.

LUNA Mamãe Luz Irradiante VENHA.

SALVE Velha Lua SÁBIA SALVE Velha Lua SÁBIA.

Ela BRILHA Para Todos Ela FLUI Através de Todos.

Tudo Que é DESTEMIDO e Livre Tudo Que é DESTEMIDO é Livre.

CICLO DE REPETIÇÃO: “ O DESABROCHAR”

(Este desenvolveu-se a partir de um transe de associação de palavras, como no exercício 8. As palavras devem ser enfatizadas de maneira uniforme, sem quebras entre os grupos, que são separados para facilitar a memorização. Todo o ciclo é repetido várias vezes.)

Verde Broto Folha/Broto Folha Brilhante/Folha Brilhante Flor/
Brilhante Flor Cresça/Flor Cresça Fruta/Cresça Fruta Madura/
Fruta Madura Semente/Madura Semente Morra/Semente Morra
Terra/
Morra Terra Escura/Terra Escura Desperte/Escura Desperte
Verde/
Desperte Verde Broto...

CÂNTICO SUMERIANO

(Metade é cantada em duas ou três notas – repita todo o cântico)

NAMmu NAMmu O NamMU AE EE AE EE O NamMU
NINmah NUNmah O NinMAH AE EE AE EE O NinMAH
MAmi MAmi O MaMI AE EE AE EE O MaMI
MAma MAma O MaMA AE EE AE EE O MaMA
MAH MAH O MAH MAH AE EE AE EE O MAH MAH...

INVOCÇÃO À LUA ORVALHADA

Ó pregnant, orvalhada lua a navegar pelos céus,
Que brilha para todos,

Que flui através de todos.
Luz do mundo.
Donzela, mãe, anciã,
Ser Criativo Ser Refrescante
Ísis Astartéia Ishtar
Aradia Diana Cibele
Kore Ceridwen Levanah
Luna Mari Ana
Rhiannon Selena Demeter Mah
Olhe com nossos olhos, ouça com nossos ouvidos,
Toque com nossas mãos, respire com nossas narinas,
Beije com nossos lábios, abra nossos corações,
Penetre em nós!
Toque-nos, transforme-nos, faça-nos um todo.

***HOMENAGEM À DEUSA, SENHORA DE MUITOS NOMES
À DEMETER, SER INCOMENSURÁVEL, E À DONZELA***
Por KAREN LYND CUSHEN

‘Tome, coma, este é o meu corpo

Que ascenderá em Você
Em toda a sua plenitude’

‘Tome, beba, este é o meu sangue
A taça vazia será
Reenchida’

Deusa da Colheita,
O fruto de cuja alegria no retorno de sua filha,
Sustenta-nos mesmo quando Você torna árida a terra
Em sua partida.

A terra em fendas se abre
E Perséfone
A donzela cujo nome não pode ser dito
É engolida pela terra dos mortos.

Ela retornará,
Em cujas pegadas brotam flores e grãos
Levando para ela
Memórias misteriosas de onde ela veio

Deméter
Conhecedora de nosso sofrimento
Pois todos os anos vemos a sua própria tristeza
Assolar a face da terra
E a Sua Filha
Próxima à hora de nossa morte
Pois todos os anos a morte a invoca
Conhecemos a esperança porque lembramos
Vez após outra
Perséfone curando-Se
E você com ela, subindo

Deméter, mãe
Nós que já descansamos em seus joelhos
E adormecemos em seus braços, reverenciamos você,
Unja-nos e coloque-nos à noite
No coração vermelho do seu fogo;
Nós não recuaremos
E jamais diante do medo
Fugiremos do seu aconchego.
Fortaleça-nos em inegável calor
E conceda-nos o suave frescor
Para que amorosos retornemos
Sempre vivos com a primavera

Nós, seu grão sagrado,
Reverenciamos você não no abate
Mas ao semearmos, plantarmos nossos pés, espalhando sua semente
Nos passos de sua filha que retorna
E na colheita.

Nós a eira
Solo de seu ser
Onde você sorri com feixes e papoulas em sua mão
Observando o joeirar

No calor da manhã acordamos
Nossas gargantas secas sedentas pela taça de Eleusis
Brisa refrescante do ceifeiro
Nossos membros ansiosos por balouçar novamente ao vento
Em sua antigas danças

Dos nossos sonhos, nossos mitos, nossos contos infantis
Dos guetos onde sobrevive a sua memória
Nós contemplamos você
Conhecemos a canção por você cantada,
Canção do corpo sagrado
Seu e nosso
E homenageamos você, senhora de muitos nomes,
Donzela e Ser Incomensurável.

CÂNTICO KORE: EQUINÓCIO DA PRIMAVERA E DO OUTONO

Seu nome não pode ser dito,
Sua face jamais esquecida,
Seu poder está prestes a desabrochar,
Sua promessa jamais rompida.

(Primavera)

Todas as sementes adormecidas ela desperta,
O arco-íris é o seu símbolo,
Agora o poder do inverno se encerra
No amor, todas as correntes são desfeitas.

(Outono)

Todas as sementes ela profundamente enterra,
Ela tece o fio das estações.
Seu segredo, a escuridão carrega,
Ela ama acima das razões.

Ela transforma tudo o que toca, e
Tudo o que ela toca, transforma-se. (Repetir – cantar.)
Transformação é, tocar é; Tocar é, transformação é.
Transforme-nos! Toque-nos! Toque-nos! Toque-nos!

Tudo que é perdido novamente é encontrado
Em uma nova forma, em uma nova maneira.
Todo mal é novamente curado,
Em uma nova vida, em um novo dia.

(Repita quaisquer e todos os versos.)

INVOCAÇÃO À DEUSA COMO MÃE por SUSAN STERN

Mama!
Do meu coração,
Do meu sangue, mama
Eu invoco você...

Meu coração do seu calor
Membro do seu vento norte
Água de sua água
Gruta de sua colina
Broto de sua primavera
Olhos de suas estrelas
Mama
Olhos do se sol,
Mama
Do seu sol, mama
Meu espírito do seu sol
Mama
Venha, mama!
Venha para o nosso círculo
Nosso ventre
Esteja conosco agora, mama
Faça-se presente agora!

MÃE LUA por LAUREL

Mãe lua
Sou seu fruto da inocência
Seu filho natural
Nenhuma lei somente a sua pode me dominar
Nenhum amor a não ser o seu

Infinito
Sempre mutável
Multifacetado
Seus olhos são asas tremeluzentes
Seu pé é espuma dançante
Sou seu dançarino
Você é a dança
Canção sem fim
Música e melodia

Toda a orquestra
Do seu amor
Eu poderia seguir
Seu caminho dourado
Direto para o sol
Dançando pelo caminho
Para o seu coração

Ó leve-me para longe
Deixe-me balançar em sua estrela
Murmúrio inconstante
Correnteza lago lagoa
Oceano
Remoinho
Ó estrondoroza
Ser que alimenta
O único e verdadeira amor
Por onde passa deixa tesouros
Dólares de areia
Pedras lisas
Seu comestível cabelo verde

Esta é a nossa vida mama
Sua e minha
Todos os poderes vibrantes
Todas as luzes brilhantes
Correntes alternadas
E diretas
Eu posso Ter o refreio
Mas você é a corrente
O circuito
O interruptor
A célula de reserva
Loucura a meia-noite
Orações ao amanhecer
Êxtase ao calor do meio-dia
Miragem que aponta
Para o real esplendor
Ouro e açafião
Rubi e vermelho
Nascente
Pôr-da-lua
A única canção entre todas

Que é
Foi
E sempre será

Abençoada seja.

INVOCAÇÃO À RAINHA DO VERÃO

Rainha do Verão
Abelha Rainha
Doce perfumada
Florescente
Néctar do Mel
Fonte transbordante
Rosa desabrochada
Dançarina inebriante
Vento murmurante
Cantora
Ser encantado
Flor e espinho
Rhianon
Arianrhod
Afrodite
Ishtar
Cibebe
Penetre-nos
Leve-nos daqui!

A DANÇA CÓSMICA DAS FEITICEIRAS

CAPÍTULO VI

AUTORA: STARHAWK

O DEUS

ENTRE OS MUNDOS

Invocação ao Deus

O sacerdote se dirige para o centro do círculo e toma o tambor. Batendo forte e ritmicamente, ele inicia o cântico:

Semeador, grão que renasce,

Galhudo, Vinde!

Outras vozes unem-se à dele. Com as mãos, que bate em suas coxas nuas, ele define o ritmo; pés acompanham com batidas no chão. Há um forte grito:

"Io! Evoé!"

Silêncio. Um suave tenor começa a cantar:

Sol brilhante, morte escura,

Senhor dos ventos, senhor da dança,

Filho do Sol, rei nascido no inverno,

Ser suspenso,

Indômito! Indômito!

Veado e garanhão, bode e touro,

Navegante do último mar, guardião do portal,

Senhor das duas terras,

Sempre morrendo, sempre vivendo, esplendor!

Dioniso, Osíris, Pã, Dumuzi, Artur,

Robin, Janicot, Hou!

Movimente-nos! Toque-nos! Sacuda-nos!

Salve-nos!

Tudo está quieto. O sacerdote deita o tambor ao chão e diz simplesmente: "Ele está aqui". O coven ecoa: "Ele está aqui!" "Abençoado seja!"

Envelheci... Envelheci...

Vestirei calças com os fundilhos amassados.

Repartirei meus cabelos ao meio? Ousarei comer um pêssego?

Vestirei brancas calças de flanela e pelas praias andarei.

Ouvi as sereias cantarem, umas para as outras.

Não creio que cantarão um dia para mim.

T.S.Eliot[1]

"Está muito em voga, atualmente, incitar os homens a sentir. Todavia, esta ânsia é parcialmente uma reminiscência da provocação de colocar um homem aleijado para correr."

Herb Goldberg[2]

A imagem do Deus Galhudo em Feitiçaria é radicalmente diferente de qualquer outra imagem de masculinidade em nossa cultura. Ela é difícil de ser compreendida, pois ele não se encaixa em nenhum dos estereótipos esperados, nem aqueles referentes ao homem "macho" nem às imagens invertidas daqueles que, deliberadamente, buscam a efeminação.[3] Ele é suave, carinhoso e encorajador, mas é também o Caçador. Ele é o Deus Moribundo, mas a sua morte está sempre a serviço da força vital. Ele é sexualidade indomada, mas sexualidade como um poder profundo, sagrado e unificador. Ele é o poder do sentimento e a imagem do que os homens poderiam ser, se estivessem libertos das correntes da cultura patriarcal.

A imagem do Deus Galhudo foi deliberadamente pervertida pela igreja medieval para a imagem do diabo cristão. As bruxas não acreditam ou cultuam o diabo - elas o consideram como um conceito próprio do cristianismo. O Deus das Bruxas é sexual, mas a sexualidade é percebida como sagrada, não como obscena ou blasfema. Nosso deus possui chifres, mas estes são as meias-luas que crescem e minguam da Deusa da Lua e o símbolo da vitalidade animal. Em alguns aspectos, ele é negro, não por ser horrendo ou assustador, mas porque a escuridão e a noite são períodos de poder e parte dos ciclos temporais.[4]

Sempre existiram tradições da Arte nas quais ao deus é concedido reconhecimento limitado.[5] Na Arte, os mistérios femininos e os mistérios masculinos podem ser desempenhados separadamente.[6] Mas, na maioria das tradições de bruxas, o Deus é visto como a outra metade da Deusa e muitos dos ritos e festividades são dedicados a ele e a ela.

No culto medieval das bruxas, o Deus alcançou maior proeminência que a Deusa durante certo período. Grande parte das confissões das bruxas falam "do diabo", segundo a transcrição das palavras das bruxas realizadas pelos padres cristãos, que se referiam ao seu deus não cristão. Poucas fazem menção à Deusa, que geralmente era chamada Rainha de Elfame. Todavia, os interrogadores das bruxas buscavam indícios do culto ao diabo e não do culto à Deusa. Eles registravam aqueles que sustentavam suas acusações relativas a satanismo e ignoravam ou torciam outro indicio. Suspeitos que eram torturados, e que chegavam ao limite de sua resistência, freqüentemente recebiam declarações já prontas para assinarem, as quais expressavam aquilo que os padres cristãos desejavam acreditar, em lugar da verdade.

Uma prática comum na Arte medieval era o sacerdote e a sacerdotisa representarem os papéis do Deus e da Deusa, os quais, acreditava-se, encarnavam fisicamente durante os ritos. Uma antiga passagem citada por Margaret Murray expressa a importância desse costume para camponeses analfabetos, para os quais ver era crer: o sacerdote zombava daqueles que "escolhiam crer em Deus, o que os deixava infelizes no mundo, e nem ele ou seu filho, Jesus Cristo, jamais apareciam para quando invocados, como ele havia feito, ele que jamais os enganaria." [7] Para a maioria das bruxas, "aquele sabá terreno era o verdadeiro paraíso, o qual continha mais prazer do que lhe era possível expressar; ela acreditava, também, que a alegria por ele proporcionado era somente o prelúdio de uma glória muito maior, pois seu deus penetrara de tal maneira em seu coração que nenhum outro desejo encontraria ressonância". [8]

No movimento feminino, a Feitiçaria diânica/separatista[9] tornou-se moda e algumas mulheres podem ter dificuldades em compreender porque uma feminista se preocuparia com o Deus Galhudo. No entanto, existem poucas mulheres - se, de fato, existem - cujas vidas não estão ligadas aos homens, senão sexual e emocionalmente, então economicamente. O Deus Galhudo representa qualidades masculinas poderosas e positivas que derivam de fontes mais profundas que estereótipos e o aleijamento emocional e violento dos homens em nossa sociedade. Se o homem tivesse sido criado à imagem do Deus Galhudo, estaria livre para ser indomado sem ser cruel, irado sem ser violento, sexual sem ser coercivo, espiritual sem ser assexuado e capaz de amar verdadeiramente. As sereias, que são a Deusa, cantariam para ele.

A Deusa é aquela que tudo envolve, o solo do ser; o Deus é aquele que é dado à luz, a sua imagem espelhada, o seu outro pólo. Ela é a terra; ele é o grão. Ela é o céu que tudo abarca; ele é o sol, sua bola de fogo. Ela é a Roda; ele o Viajante. Dele é o sacrifício da vida pela morte, a fim de que a vida possa continuar. Ela é a mãe e Destruidora; ele é tudo que nasce e é destruído.

Para os homens, o Deus é a imagem do poder interior e da potência que vai além do sexual. Ele é o self não dividido, no qual a mente não é cindida do corpo, nem o espírito da carne. Unidos, ambos podem funcionar ao máximo do poder criativo e emocional.

Em nossa cultura, ensina-se aos homens que a masculinidade exige ausência de sentimentos. Eles são condicionados a agir de maneira militar; a castrar as emoções e ignorar a mensagem de seus corpos; a negar o desconforto físico, a dor e o medo, a fim de lutar e dominar com maior eficácia. Isso assume foros de verdade independentemente de o campo de batalha ser o da guerra, um quarto ou um escritório.

Tornou-se uma espécie de clichê afirmar que os homens foram treinados para serem agressivos e dominadores, e as mulheres ensinadas a serem passivas e submissas, que aos homens é permitido demonstrar sua raiva e às mulheres não. Na cultura patriarcal, ambos, homens e mulheres, aprendem a funcionar dentro de uma hierarquia, onde aqueles que se encontram no topo dominam os que estão abaixo. Um aspecto dessa dominância é o privilégio de expressar a raiva. O general repreende o sargento; ao soldado não é permitido fazer a mesma coisa. O chefe é livre para ficar furioso, mas não o seu assistente. A mulher do chefe grita com sua empregada, mas não vice-versa. Visto que as mulheres têm, geralmente, estado na parte inferior das hierarquias, do mundo dos negócios à família tradicional, elas vêm suportando o ímpeto de uma grande quantidade de fúria masculina e têm sido as principais vítimas da violência. A raiva pode ser vista como resposta a um ataque; poucos homens encontram-se em posições onde podem se dar ao luxo de confrontar diretamente seus atacantes.

A raiva masculina, portanto, torna-se distorcida e pervertida. É ameaçador reconhecer a fonte verdadeira de sua ira, pois, deste modo, ele seria obrigado a reconhecer o desamparo, a impotência e a humilhação de sua posição. Ao invés disso, ele pode voltar a sua raiva para alvos mais seguros, mulheres, crianças

ou, até mesmo, homens menos poderosos. Ou sua raiva pode transformar-se em autodestruição: doenças, depressão, alcoolismo ou qualquer variedade de vícios disponíveis.

Patriarcado significa, literalmente, "lei dos pais", mas em um patriarcado, a poucos homens é permitido desempenhar o papel de "pai" fora da esfera limitada da família. A estrutura de instituições hierárquicas é piramidal: um homem ao alto controla muitos abaixo. Os homens competem por dinheiro e pelo poder sobre os outros; a maioria, que não alcança o topo da corrente de comando, é forçada a permanecer imatura, desempenhando o papel de filho rebelde ou cumpridor de seus deveres. Os filhos zelosos buscam agradar eternamente ao pai através da obediência; os maus filhos buscam derrubá-lo e tomar o seu lugar. De qualquer maneira, eles não estão em contato com seus próprios desejos e sentimentos.

Nossas religiões, portanto, refletem um cosmos no qual o Deus-Pai exorta seus "filhos" a obedecer às normas e a fazer aquilo que lhes é pedido, a menos que queiram tomar o partido do grande rebelde. Nossa psicologia é a da guerra entre pais e filhos, que constantemente disputam a posse exclusiva da mãe, que, como todas as mulheres sob o patriarcado, é o prêmio máximo do sucesso. E a política progressista reduz-se às atitudes de filhos rebeldes, os quais destronam o pai somente para instituir as suas próprias hierarquias.

O Deus Galhudo, todavia, nasce de uma mãe virgem. Ele é um modelo de poder masculino que está livre da rivalidade entre pai e filho e dos conflitos edipianos. Ele não tem pai; é o seu próprio pai. À medida que cresce e atravessa as mudanças da Roda, permanece relacionado à força nutriente primordial. Seu poder é extraído diretamente da Deusa: ele é parte dela.

O Deus incorpora o poder do sentimento. Seus chifres animais representam a verdade da emoção não mascarada, a qual não busca agradar a nenhum senhor. Ele é indômito. Mas, sentimentos indomados são muito diferentes de violência sancionada. O deus é a força da vida, o ciclo da vida. Ele permanece dentro da órbita da deusa; seu poder está sempre a serviço da vida.

O Deus das Bruxas é o Deus do amor. Esse amor inclui a sexualidade, que também é plenamente selvagem e indomada, assim como suave e carinhosa. Sua sexualidade é plenamente sentida, em um contexto onde o desejo sexual é sagrado, não somente por ser o meio pelo qual a vida é procriada mas, também, porque ele é o meio através do qual nossas próprias vidas são mais profundas e extaticamente realizadas. Em Feitiçaria, o sexo é um sacramento, sinal externo de uma graça interior. Essa graça é a profunda ligação e o reconhecimento da totalidade da outra pessoa. Em essência, não se limita ao ato físico, é uma troca de energia, um alimentar sutil entre as pessoas. Através da ligação com o outro, ligamo-nos ao todo.

Na Arte, o corpo masculino, como o corpo feminino, é tido como sagrado, que não deve ser violado. É violação do corpo masculino utilizá-lo como arma, do mesmo modo que é uma violação do corpo feminino usá-lo como objeto ou campo de experimentação à serviço da virilidade do homem. Fingir desejo, quando inexistente, viola a verdade do corpo, assim como a repressão do desejo, o qual

é totalmente sentido mesmo quando não satisfeito. Mas, sentir desejos e anseios é admitir a necessidade, o que é ameaçador para muitos homens em nossa cultura.

Sob o patriarcado, os homens, enquanto estimulados a esperar muitos cuidados por parte das mulheres, também são ensinados a não admitir a necessidade de serem alimentados, a necessidade de, às vezes, serem passivos, fracos, de se apoiar em outra pessoa. O Deus, em Feitiçaria, personifica o anseio e o desejo pela união com a força primordial e nutriente. Em lugar de buscar cuidados maternos ilimitados de mulheres reais e vivas, os homens, na Feitiçaria, são encorajados a se identificarem com o Deus e, através dele, atingirem a união com a Deusa, cujo amor de mãe não tem limites. A Deusa é tanto uma força externa quanto interna: quando sua imagem penetra a mente e o coração de um homem, torna-se parte dele. Ele pode aliar-se às suas próprias qualidades nutritivas, com a Musa interior, que é uma fonte de inspiração indelével.

O Deus é Eros, mas também é logos, o poder da mente. Em bruxaria, não existe oposição entre estes. O desejo corporal pela união e o desejo emocional pela ligação são transmutados no desejo intelectual pelo conhecimento, que também é uma forma de união. O conhecimento pode ser tanto analítico quanto sintético; pode separar as coisas e observar as diferenças ou formar um padrão a partir de partes não integradas e enxergar o todo.

Para as mulheres educadas em nossa cultura, o deus começa como símbolo de todas as qualidades que foram identificadas como masculinas e que não fomos estimulados a possuir. O símbolo do Deus, como o da Deusa, é interno e externo. Através da meditação e do ritual, a mulher que invoca o Deus cria a sua imagem dentro de si e liga-se às qualidades das quais carece. Uma vez que a sua compreensão vai além das limitações culturalmente impostas, sua imagem do Deus transforma-se, aprofunda-se. Ele é a criação, que não é simplesmente uma réplica de nós mesmos, mas algo diferente, de natureza diferente. A verdadeira criação implica a separação, visto que o próprio ato de nascimento é de renúncia, de abandono. Através do Deus a mulher conhece este poder em si mesma. Seu amor e desejo distendem-se através do abismo da separação, retesados como a corda de uma harpa, cantarolando uma nota que se transforma na única canção - o uni-verso - de todos. Essa vibração é energia, a verdadeira fonte do poder interior. E, portanto, o Deus, como a Deusa, dá poderes à mulher.

Para ambos, homens e mulheres, o Deus é também o Deus Moribundo. Como tal, ele representa o cessar que sustenta a vida: morte a serviço da força da vida. A vida é caracterizada por muitas perdas e, a menos que a dor de cada uma seja plenamente sentida e trabalhada, ela permanece enterrada na psique, onde como uma ferida purulenta que nunca sara, ela exsuda o veneno emocional.[10] O Deus Moribundo incorpora o conceito de perda. Nos rituais, quando representamos a sua morte repetidas vezes, liberamos as emoções que cercam as nossas próprias perdas, lancetamos as feridas e vencemos as dificuldades em direção à cura prometida pelo renascimento. Essa purificação psicológica era o verdadeiro objetivo da tragédia teatral, que se originou na Grécia, a partir dos ritos do agonizante deus Dioniso.

Em Feitiçaria, a morte é sempre seguida do renascimento, a perda pela

restituição. Após a escuridão da lua, o novo crescente surge. A primavera vem após o inverno; o dia depois da noite. Nem todos os bruxos crêem na reencarnação literal; muitos, como Robin Morgan, percebem-na como " uma metáfora daquela transição misticamente celular, na qual os dançarinos ADN e ARN (ácido ribonucléico) entrelaçam-se imortalmente".[11] Mas, em uma visão de mundo que compreende tudo como sendo cíclico, a morte em si não pode ser o derradeiro final, mas um tipo de transformação desconhecida para alguma nova forma de ser. Na encenação e reencenação da morte do Deus, preparamo-nos para enfrentar essa transformação, para vivermos o último estágio da vida. O Deus transforma-se no confortador e consolador de corações, ensinando-nos a compreender a morte através de seu exemplo. Ele personifica o carinho, o aconchego e a compaixão que são os verdadeiros complementos da agressividade masculina.

O Deus Moribundo adquire chifres e torna-se o Caçador, que paulatinamente acerca-se da morte. Poucos de nós, atualmente, participamos dos processos vitais; não criamos ou caçamos nossa própria carne, mas a adquirimos plasticamente embalada no supermercado. É difícil, para nós, compreender o conceito de Caçador Divino. Mas, em uma cultura de caçadores, a caçada significava vida, e o caçador era o propiciador da vida da tribo. A tribo identificava-se com seus alimentos animais; caçar exigia tremenda habilidade e conhecimento dos hábitos e psicologia da presa. Animais nunca eram abatidos desnecessariamente e nenhuma parte era desperdiçada. A vida jamais era tomada sem reconhecimento e reverência para com o espírito da presa.

Hoje, a única coisa que a maioria de nós caça regularmente são vagas para estacionar. Mas, o caçador possui outro aspecto: de buscar, de procurar. Ele personifica todas as jornadas, sejam elas físicas, espirituais, artísticas, científicas ou sociais. Sua imagem é poemagógica: ela tanto simboliza como desencadeia o processo criativo, que é em si uma jornada. O Deus busca a Deusa, como o rei Artur buscou o Santo Graal, como cada um de nós busca aquilo que perdemos e tudo o que ainda não foi encontrado.

Como a Deusa, o Deus une todos os opostos. Como na invocação no início deste capítulo, ele tanto é o sol brilhante, a força energizante e fornecedora da lua, como a escuridão da noite e da morte. Ambos os aspectos, como disse anteriormente, são complementares, não contraditórios. Não podem ser identificados como "bons" ou "maus": ambos fazem parte do ciclo, o equilíbrio necessário da vida.

Como Senhor dos Ventos, o Deus é identificado com os elementos e o mundo natural. Como Deus da Dança, ele simboliza a dança espiral da vida, as energias rodopiantes que unem a existência em eterno movimento. Ele personifica o movimento e a mudança.

A Criança do Sol nasce no solstício de inverno quando, após o triunfo da escuridão da noite mais longa do ano, o sol levanta-se novamente. Em bruxaria, as celebrações da Deusa são lunares; as do Deus acompanham o padrão mitológico da Roda do Ano.

No solstício de inverno, ele nasce como a encarnação da inocência e da alegria,

de um prazer infantil pelas coisas. Dele é o triunfo da luz que retorna. Na celebração de Brígida ou Candelária (2 de fevereiro)[12] seu crescimento é festejado, à medida que os dias se tornam visivelmente mais longos. No equinócio da primavera, ele é o jovem, viçoso e florescente, que dança com a Deusa em sua forma de donzela. Nos festejos de Beltane (1º de maio, o antigo dia dos celtas para a festa da primavera), seu casamento é celebrado com paus-de-fita enfeitados e fogueiras e no solstício de verão ele é consumado, em uma união tão completa que ela se transforma em morte. Ele é nomeado rei coroado do verão, em lugar de nascido inverno e a coroa é de rosas: a perfeição da culminância casada com os espinhos pontiagudos. Ele é velado em Lughnasad (1º de agosto) e, no equinócio de outono, adormece no útero da Deusa, navegando através do mar sem sol, que é o seu ventre. Na celebração Samhain (Dia das Bruxas, 31 de outubro), ele chega à Terra da Juventude, a Terra Brilhante onde os espíritos dos mortos tornam-se jovens novamente, enquanto esperam pelo renascimento. Ele abre os portões para que possam retornar e visitar os seus bem-amados e reina na Terra dos Sonhos à medida que se torna mais jovem, até que no solstício de inverno novamente renasce.[13]

Este é o mito: a afirmação poética de um processo que é sazonal, celestial e psicológico. Ao encenarmos o mito no ritual, representamos nossas próprias transformações, o constante nascimento, crescimento, culminância e transmissão de nossas idéias, planos, trabalho, relacionamentos. Cada perda, cada mudança, mesmo uma que seja feliz, representa uma reviravolta na vida. Cada um de nós transforma-se no Ser Suspenso: a erva pendurada para secar, a carne secando ao sol, o Enforcado do Tarô, cujo significado é o sacrifício que nos permite passar para um novo nível de ser.

A associação de amor e morte é muito forte na mitologia de várias culturas. Em Feitiçaria, o amor nunca é associado à violência física real e nada poderia ser mais antiético ao espírito da Arte que a atual febre de pornografia violenta. O Deus não perpetra atos de sadomasoquismo com a Deusa ou prega para ela o "poder da renúncia sexual". É Ele que se abandona ao poder de seu próprio sentimento. Em nenhuma parte, a não ser no amor, vivemos tão completamente no presente que se consome; e em nenhum outro período, a não ser quando estamos apaixonados, tornamo-nos tão marcadamente conscientes de nossa própria mortalidade. Pois, mesmo que o amor seja duradouro - e ambas, as canções populares e a experiência pessoal, asseguram-nos o contrário - ou se transforme em uma forma mais doce e profunda, e menos ferosa, mais cedo ou mais tarde um dos amantes morrerá e o outro ficará só. A Arte não busca resolver esse dilema, mas intensifica-lo, pois somente através da compreensão do agridoce, pelo abraço de Pã, cujas coxas cabeludas, ao se esfregarem contra as nossas deixam-nas em carne viva, mesmo ao levar-nos ao êxtase, podemos aprender a ser plenamente viventes.

E, portanto. O Deus é o veado orgulhoso que habita o coração da floresta mais profunda, a do self. Ele é o garanhão, veloz como o pensamento, cujas patas em meia-lua deixam marcas lunares mesmo quando lançam fagulhas do fogo solar. Ele é o bode-Pã, luxúria e medo, as emoções animais que são também os poderes estimuladores da vida humana; ele é a lua-touro, com seus chifres em meia-lua, sua força e suas patas que retumbam sobre a terra. Estes são apenas alguns dos seus aspectos animais.

No entanto, ele é indomado. Ele é tudo aquilo dentro de nós que jamais será domesticado, que se recusa a fazer concessões, ser moderado, tornar-se seguro, moldado ou adulterado. Ele é livre.

Como deus do ano que se extingue, ele navega o último mar da terra dos sonhos, o outro mundo, o espaço interno no qual a criatividade é gerada. A mítica ilha Brilhante é a nossa própria fonte interna de inspiração. Ele é o self viajando pelas águas escuras da mente inconsciente. Os portões por ele guardados são os portais que dividem o inconsciente do consciente, os portões da noite e do dia os quais atravessamos para irmos além da ilusão da dualidade, os portões da forma através dos quais entramos e saímos da vida.

Enquanto ele é o eterno moribundo, também é o que eternamente renasce. No momento da sua transformação, torna-se imortal, como o amor é imortal mesmo que os seus objetos possam esmaecer. Ele brilha com o esplendor que irradia a vida.

O Deus, assim como a Deusa, possui muitos nomes. Ele surge, ligado a ela, através dos tempos, das cavernas paleolíticas aos touros de Creta antiga, aos contos medievais de Robin Hood e seus homens.[14] Qualquer um de seus nomes ou aspectos pode ser utilizado como um enfoque para a meditação.

Apesar de existirem muitos homens na Feitiçaria moderna, em geral, eles são menos imediatamente atraídos para a Arte, como o são as mulheres. À parte de quão simplista ou supersticiosamente a Arte seja compreendida, ela oferece às mulheres um modelo de força feminina e poder criativo; nesse ponto, notadamente ela sofre pouca competição por parte de outras religiões. Mas, para os homens, ela exige que abram mão de formas tradicionais de poder e conceitos tradicionais de religião. O que ela oferece aos homens é algo mais sutil e, nem sempre, fácil de ser compreendido.

Os homens não são subservientes ou relegados a uma cidadania espiritual de segunda classe em bruxaria.[15] Mas, tampouco são imediatamente elevados a um status mais alto que o das mulheres, como ocorre em outras religiões. Homens na Arte devem interagir com mulheres fortes e poderosas que não fingem ser nada menos do que são. Muitos homens acham essa perspectiva desconcertante.

A Arte exige, também, novo relacionamento em relação ao corpo feminino. Ele não pode mais ser entendido como um objeto ou difamado como algo sujo. O corpo de uma mulher, seus cheiros, secreções e sangue menstrual, é sagrado, digno de reverência e celebração. Os corpos das mulheres pertencem somente a elas; nenhuma autoridade espiritual apoiará a tentativa de um homem em possuí-lo ou controlá-lo.

O corpo não é para ser festejado em isolamento. Os homens na Arte devem entrar em um acordo quanto ao poder da mulher: o poder de uma mulher completa, a mulher realizada, cuja mente, espírito e emoções estão plenamente despertados. O homem também deve conhecer e aceitar o poder do seu próprio self feminino interno; saber gerar uma fonte de alimentação e inspiração dentro de si, em lugar de busca-la exclusivamente no exterior.

Feitiçaria significa, também, perder o modelo de espiritualidade do "grande homem". Jesus, Buda, Krishna, Moisés e toda a horda de pregadores, profetas, gurus e líderes grupais que afirmam ensinar em seus nomes ou em nome de seus descendentes seculares, perdem as suas auréolas. Em bruxaria, não existem figuras paternas reconfortantes e que tudo sabem, que prometem respostas para tudo ao preço de nossa própria autonomia pessoal. A Arte exorta cada um de nós para que sejamos nossa própria autoridade, e esta pode ser uma posição desconfortável.

Na realidade, não existe mais um Deus, o Pai. Na Arte, o cosmo não é mais modelado a partir do controle masculino externo. A hierarquia é dissolvida; a cadeia celestial de comando é rompida; os textos divinamente revelados são vistos como poesia, não verdades. Em vez disso, o homem deve entrar em contato com a Deusa, que é imanente ao mundo, na natureza, na mulher, em seus próprios sentimentos, em tudo aquilo que as religiões de sua infância ensinaram-no como sendo necessário superar, transcender, dominar, a fim de ser amado por Deus.

Mas, os próprios aspectos da Feitiçaria que parecem ameaçadores também oferecem aos homens uma nova e vibrante possibilidade espiritual: a da totalidade, união e liberdade. Homens corajosos acham estimulantes os relacionamentos com mulheres poderosas. Eles acolhem a chance de conhecerem o feminino dentro de si, de crescerem para além das limitações culturalmente impostas e tornarem-se um todo.

Tentativas para viver o modelo do Deus-Pai isolam os homens em situações de vida emocionalmente rígidas. Muitos homens recebem com alegria a liberdade do fim do eterno conflito pai-filho do patriarcado. Eles se comprazem em um modelo de poder masculino que é não hierárquico, em que não é nem escravo e nem senhor. Enquanto alguns indivíduos talvez não escapem da autoridade externa em suas próprias vidas, eles as vêem como são: um conjunto arbitrário de regras de um jogo complexo. Eles podem jogar ou recuar, mas suas identidades e auto-estima não dependem mais do lugar que ocupam na pirâmide do poder.

Na Arte, a cisão entre mente e corpo, carne e espírito, é curada. Os homens são livres para serem espirituais sem serem assexuados, pois Deus e Deusa incorporam a força profundamente tocante da sexualidade apaixonadamente vivida. Eles podem unir-se a seus sentimentos verdadeiros, suas necessidades, suas fraquezas, assim como a suas forças. Os rituais são vigorosos, físicos, energéticos e catárticos. O êxtase e a energia selvagem e indomada são revestidos de um valor espiritual, não relegados ao campo de futebol ou ao bar da esquina.

É incômodo ser a nossa própria autoridade, mas é o único estado sob o qual o verdadeiro poder pessoal pode desenvolver-se. Homens e mulheres não se contentam mais em serem submissos ou bodes expiatórios, de colocarem decisões de vida e morte nas mãos de um "líder destemido", um papa ou um Jim Jones. A autoridade pessoal exige integridade e responsabilidade, mas sem ela não podemos ser livres.

Nos covens, os homens podem ter apoio do grupo e a afeição de outros homens, bem como das mulheres. Eles podem interagir em situações que não são competitivas ou

antagônicas. Homens em covens podem tornar-se amigos de outros homens.

Finalmente, a Feitiçaria é divertida. Ela oferece aos homens uma oportunidade para brincar, agir totalmente, de deixar a criança que existe dentro de nós sair. Não existem posições a serem sustentadas, nenhuma dignidade masculina que deva permanecer intacta. Através de tolices e brincadeiras nasce a criatividade.

O Deus está dentro e fora. Como a Deusa, ele é invocado de várias maneiras: com canções, cânticos, tambores, danças, um poema sussurrado, um grito selvagem. De qualquer maneira que o invocamos, ele desperta dentro de nós:

CÂNTICOS DE REPETIÇÃO (AO DEUS)

Semente Semeador GRÃO Renasce GALHUDO VINDE!

BRILHANTE Sol ESCURO Morte Senhor dos Ventos VINDE

HAR HAR HOU HOU

DANCE Ici DANCE Lá!

JOUE Ici JOUE Lá!

HAR HAR HOU HOU!

DANCE Aqui DANCE Lá![16]

O SOL Filho do REI Nascido no Inverno

(ou) O SOL Filho do REI Coroado do Verão

IO! EVOÉ IO! EVOÉ!

Evoé é um dos nomes do Deus, derivado de um antigo nome de Dioniso e citado como

um brado das bruxas nos registros da época das fogueiras.[17]

CICLO DE REPETIÇÃO

Sol Brilhante Dia/ Brilhante Dia Sempre/ Dia Sempre Noite/ Sempre Noturno Céu/
Noturno Céu Estrela/ Céu Estrela Luz/ Estrela Luz Sol/ Luz Sol Brilhante/

INVOCAÇÃO DO EQUINÓCIO DE ASPECTO MASCULINO

Por ALAN ACACIA

Deus galhudo, domado pelo amor, feroz com paixão.

Esteja conosco agora

Ser suave, partilhador, sem posses.

Esteja conosco agora

Amante dos homens e das mulheres, criança, ancião.

Esteja conosco agora

Forte na luta, orgulhoso da terra da qual você brota,

E para onde você ficará

Esteja conosco agora

Filho leal, pai carinhoso, irmão amoroso, lutador contra as violações

Esteja conosco agora

Rebelde, semente, tímido, aquele que nos dá apoio,

Precisamos de sua energia, invocamos sua presença

Esteja conosco agora.

INVOCAÇÃO AO DEUS DO VERÃO

Senhor das cores do dia

Despertador indômito dos corações

Consolador das tristezas

Aquele que nomeia

Dançarino clarividente

Filho da manhã

Semente amadurecida da videira

Ser de muitas jóias

Caçador besta selvagem

Guie-nos

Venha

Você é a bebida que sacia a nossa sede!

Nós somos as flores orvalhadas

Que se abrem para o seu feixe dourado de luz.

INVOCAÇÃO À DEUSA E AO DEUS

Por VALERIE

Semeador de Kouros, Kore subterrâneo,
Brilho das folhas, sanguinária, grão renascido,
Girando a Roda não esquecemos de você,
Luz do amor, esplendor da vida, flor e espinho.

Tecendo a teia invocamos você,
Girando a Roda com amor perene.

Terra seu corpo, ar seu fôlego,
Fogo seu espírito, água seu fluxo,
Transformados nos corredores da morte,
Vida contínua vida nós chegamos e partimos.

Tecendo a teia nós invocamos você,
Girando a Roda com amor sempre renovado.

Kouros galhudo, Kore acima,
Luz das estrelas, alegria do coração, júbilo original,
Tecendo a teia nós invocamos você,
Girando a Roda com amor sempre renovado.

INVOCAÇÃO AO FUNDAMENTO DO SER

Inefável nomes	de muitos
Eterno mutável	e sempre
Que não é encontrado nenhures	mas que está em toda parte
Além tudo	e dentro de
Atemporal estações,	círculo das
Mistério incognoscível	conhecido por todos.
Senhor da Dança,	Mãe de toda a vida,
Seja feliz dentro de nós, amor,	Envolva-nos com o seu

Veja com nossos olhos, ouça com nossos ouvidos, respire com nossas narinas,
toque com nossas mãos, beije com nossos lábios,

Abra nossos corações!

Que possamos viver, enfim, livres,

Alegremente na única canção

De tudo que é, foi ou sempre será!

INVOCAÇÃO A PÃ

Por MARK SIMOS

Se o corvo seus cabelos tingir

E sentar-se um rei escarlate

Na escada inclinada do coração

Então, oh, os espetáculos que lá você verá...

O cristal se quebrando

Sob um penetrante olhar verde-escuro,

Um penetrante olhar verde-escuro, de olhos ferosos,

De lagoas do mais profundo âmbar...

Cerque seu castelo de urze branca,

Ainda assim Pã encontrará seus aposentos.

Encha-o até a borda, não diga quando,

Beba até fartar-se e beba novamente,

Ouçã o mar tonitruando.

Encha-o até a borda, não diga quando,

É Pã que continua servindo...

Mãos de nozes, os olhos de um urso...

Aquele que busca as suas tristezas

Poderá achar a parte do leão.

Com o mesmo fôlego ele atrai e avisa...

O fogo que mantém o frio à distância

É o mesmo fogo que queima.

A chama que arde, a canção que mata,
Quando você ouve o que ela está dizendo...
Deixe o pânico perseguir-vos no labirinto,
Pois Pã está somente se divertindo.

Encha-o até a borda, não diga quando,
Beba até fartar-se e beba novamente,
Ouça o mar tonitruando.
Encha-o até a borda, não diga quando,
É Pã que continua servindo.

Observador misterioso com sobrancelhas emaranhadas
Põe seu dedo em seus lábios,
Não mais ouviremos juras,
De promessas que jamais guardaremos,
Nem do sonho secreto
Que foge quando despertamos do sono.

Quando do sono despertamos,
E os nossos olhos esfregamos,
Para impedir que as lágrimas salgadas escorram,
Você pode cobrir os seus ouvidos para abafar os seus brados...

Entretanto é Pã que continua simplesmente chamando.

[1] T.S.Eliot, *The Waste Land, and Other Poems* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1958), p.8.

[2] Herb Goldberg, *The Hazards of Being Male* (Nova York: New American Library, 1977) p. 58.

[3] Em San Francisco, certos grupos de travestis e transexuais vêm a efeminação deliberadamente adotada como uma identificação consciente e política com o princípio de vida feminino. O Deus Galhudo, no entanto, embora compartilhando do feminino, é, em essência, a imagem do masculino, não a negação da masculinidade em favor da feminilidade.

[4] Como foi observado por vários líderes e pensadores negros, a constante identificação de "negro" com "mal" encontra-se enraizada no racismo e é perpetuada pelo imaginário religioso judeu-cristão. A Arte sempre valorizou o escuro, assim como o claro: ambos, Deusa e Deus, possuem aspectos nos quais são

vistos como negros, os quais são aspectos de poder e encantamento, e não de terror.

[5] Todas as tradições da Arte reconhecem a Deusa, e todas, exceto algumas tradições lesbiofeministas que tiveram origem poucos anos atrás, reconhecem o Deus de alguma maneira. Mas existem grandes variações quanto à atenção e tempo ritual dedicados ao Deus. Em alguns covens ele nunca é invocado; em outras, ele pode ser invocado somente nos solstícios de verão ou inverno ou, então, unicamente em outras celebrações solares. Outras tradições, todavia, concedem-lhe "tempo igualitário"; ele governa os meses do inverno enquanto a Deusa rege o verão, ou ele simplesmente pode ser invocado em todos os rituais. Em nossa tradição, ele normalmente é invocado em rituais onde há homens presentes, e com frequência, mas nem sempre, em rituais só de mulheres.

[6] Atualmente, existem muitos covens só de mulheres que se dedicam à prática dos mistérios femininos. Existem poucas assembléias só de homens; as que conheço são de homossexuais e mais dedicadas à Deusa do que ao Deus Galhudo. "Mistérios" masculinos abundam na sociedade americana, mas o conceito de tais grupos em um contexto espiritual que honre o princípio feminino está aberto para investigações.

[7] Margaret Murray, *The Witch Cult in Western Europe* (Nova York: Oxford University Press, 1971), p. 30.

[8] Murray, p. 15.

[9] Nem todas as tradições diânicas são separatistas: na tradição de Morgan McFarland, por exemplo, os covens aceitam homens, mas o Deus Galhudo é considerado como sendo subordinado à Deusa e é invocado somente nos solstícios de verão e inverno.

[10] Minha interpretação do conceito de perda deriva de discussões pessoais com minha mãe, durante o decorrer da pesquisa e redação de seu livro. Ver Dra. Bertha Simos, *A Time to Grieve: Loss as a Universal Human Experience* (Nova York: Family Service Association, 1979).

[11] Robin Morgan, *Going Tão Far* (Nova York: Randon House, 1977), p. 306.

[12] As festividades começam na véspera das datas fornecidas (exceto a Festa das Bruxas, Halloween, a qual indiquei a data comumente conhecida).

[13] Existem muitas variações desse mito que são conhecidas na Arte; em algumas, o Deus transforma-se em gêmeos rivais; em outras tradições, aspectos dessa transformação podem ser celebrados em outras datas. Quaisquer que sejam as diferenças superficiais, a verdade poética subjacente permanece a mesma.

[14] Uma explicação mais completa da identificação de Robin Hood com o Deus Galhudo das bruxas é fornecida por Margaret Murray em *The God of the Witches* (Nova York: Oxford University Press, 1970), pp. 41-42.

[15] Alguns covens, é claro, não aceitam homens; refiro-me à Arte como um todo, à parte das tradições separatistas.

[16] Murray, *The God of the Witches*, p. 40.

[17] Em relatos da época das fogueiras, ele aparece com frequência como "um menino" (a boy), uma desvirtuação óbvia de Eohe. Ver Margaret Murray, *The God of the Witches*, p. 141. O verdadeiro significado do nome está associado aos significados esotéricos das vogais. Cante-o - e veja o que acontece.

¹ O Papel da Deusa foi escrito por Doreen Valiente. Ele aparece sob diversas formas; nesta versão, fiz alterações ligeiras na linguagem. Ele é muitíssimo apreciado pelos bruxos por expressar perfeitamente nosso conceito da Deusa.

² Uma das melhores fontes históricas recentes sobre a Deusa é Marlin Stone, *When God Was a Woman* (Nova York, Dial Press, 1976). Ver também a bibliografia atualizada de estudos publicados nos dez anos após a primeira edição deste livro.

³ Existem muitos livros disponíveis que exploram a religião da Deusa historicamente e através de comparações culturais. A obra clássica ainda é a de Robert Graves, *The White Goddess* (Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1966).

⁴ Charles Leland, *Aradia, Gospel of the Witches* (Nova York: Weiser, 1974).

⁵ “Era dito da Deusa coroada de lótus nos mistérios coríntios, muito antes de a expressão ser aplicada ao idealmente benigno Deus-Pai: ‘Seu ofício é a liberdade total’” (Graves, p. 484).